



PRAGA DE LAGARTAS DESTROÍ CULTURAS NA ZONA DO CAIA

Mais de 700 hectares de culturas de tomate para concentrado com destino a exportação para os Estados Unidos e Inglaterra encontram-se devastados por uma praga denominada «lagarta do tomate» que em poucas semanas destruiu o trabalho de longos meses, o investimento conjunto de agricultores e industriais e a perspectiva, para uns e outros, de lucros compensadores.

O que, até há poucas semanas, eram searas de folhagem verdejante e sádia e de belos frutos vermelhos, é hoje um campo de desolação para salvar o qual, a técnica e os técnicos, foram quase totalmente inoperantes. Medidas de emergência, tratamentos pelos mais modernos processos, produtos químicos dos mais recomendados, esforços quase sobre-humanos, nada fizeram frente a essa devastadora praga de «lagartas».

Continua na pág. nove



Deve-se às elevadas temperaturas dos últimos dois meses a praga de «lagartas» que destruiu as culturas de tomate na zona do Caia. A gravura permite ver frutos completamente devorados pelos vermes

Iglesias & Cardoso: um degrau de história



Henrique falou da história sem história da ligeiríssima música portuguesa. Madalena regressou cheia de «novas» histórias. Gabriel continua a ser uma história. Os espectadores, como sempre, foram em histórias. E pronto. Ficou feita mais uma história, ou seja, mais um «Domingo à Noite». (Reportagem de Alexandre Pais e José Tavares na página 16).

LEIA HOJE

«As experiências nucleares francesas»; «Uma igreja sem fiéis?»; «Universitários discordam do novo regime de prescrições»; «John Ford: fazer filmes é toda a minha vida»; «A Ciência e o Homem»; A carta de Chianca de Garcia; etc.

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Exclusivo», «Crimes sexuais: punir ou curar?»; «Formosa: uma ditadura em bom estado»; «O conflito Mao-Lin Piao começou em 1970», entre outros artigos do seu interesse.

Expulsos da comunidade, in-

**HOJE
EDIÇÃO DE
24 PÁGINAS**

VINTE E CINCO ANOS DE TITISMO

Há vinte e cinco anos, o mundo, estupefacto, tomou conhecimento de que Estaline «excomungava» o marechal Tito. A Jugoslávia, no entanto, passava por ser o modelo das democracias populares. O seu chefe, que havia ganho a guerra de libertação gozava, portanto, de um grande prestígio. Demasiado grande, sem dúvida, à medida do ditador soviético.

Expulsos da comunidade, in-

juriados, submetidos a incessantes pressões, os jugoslavos fizeram-lhe frente. Tito foi condenado em 28 de Junho de 1948 porque era herético, ou tornou-se herético por ter sido condenado? A história deste quarto de século mostra que o titismo é o fruto de múltiplas apalpadelas.

UMA VARIEDADE DE SOCIALISMO QUE DANÇOU CONFORME A MÚSICA

Até 1948, o marechal Tito pregava nos conselhos do movimento comunista internacional uma atitude intransigente relativamente ao «inimigo de classe». Os seus colaboradores censuravam vivamente os seus camaradas ocidentais por não terem aproveitado a possibilidade de revolução que a resistência ao nazismo lhes ha-

via proporcionado. Ele próprio havia apoiado os guerrilheiros gregos e não hesitava em mandar abater os aviões americanos que sobrevoassem o seu território. Nesse tempo, ele parecia a muitos como que um esquerdista ou um dogmático que recusava toda a concessão ao adversário. Sabia-se menos que ele recusava, também, inclinar-se perante todos os desejos de Estaline, motivo por que, em definitivo, foi declarado traidor, herético e cismático.

A condenação do Kominform obrigou-o a modificar as suas concepções. Dado que os «ortodoxos» o taxavam de hereia, devia certamente encontrar nos clássicos do marxismo a justificação para a sua rebelião, e, dado que os seus antigos aliados ameaçavam aniquilá-lo, era obrigado a encontrar, fora do campo socialista, os concursos indispensáveis para

sobreviver. E, tendo como ambição mostrar a maleficência do socialismo burocrático no estilo soviético, ele inventou, ou reinventou, o socialismo autogestivo.

Constatando que Estaline impunha uma centralização impecável, lembrou-se que Engels havia anunciado o enfraquecimento do Estado, e começou mesmo a enfraquecer o partido. Foi assim que o esquerdismo da libertação se transformou em «direitismo», que o antigo dogmático foi apresentado como o chefe de fila dos «revisionistas».

Após a sua viragem para o ângulo direito, Tito teve de executar múltiplos ziguezagues no caminho estreito, e único, que se abria à sua frente. Os vinte e cinco anos que acabam de completar-se são tecidos de acontecimentos e

Continua na última página

MADEIRA:

É HOJE INAUGURADO O NOVO HOSPITAL DISTRITAL

FUNCHAL, 9 (do nosso enviado) — Esta cidade viu hoje finalmente concretizada a satisfação de uma necessidade que há muito se impunha, com a inauguração, pelo Chefe do Estado, do novo Hospital Distrital, complexo assistencial implantado numa área de 36.000 metros quadrados, na zona poente da capital distrital.

O almirante Américo Thomaz, que pernito no Palácio de S. Lourenço, depois de ter visitado a Casa do Gaiato, na quinta de Vale Paraíso, dirigiu-se esta tarde ao novo edifício hospitalar onde procede ao descerramento da lápide

comemorativa do acto. Além de sua esposa, acompanham-no os ministros das Obras Públicas e Comunicações e das Corporações, Saúde e Assistência, os secretários de Estado das Obras Públicas e das Comunicações e Transportes e da Informação e Turismo, o governador-geral do Distrito Autónomo da Madeira e outras individualidades. Igualmente presente ao acto, o bispo do Funchal, D. João António Saraiva.

O Hospital Distrital do Funchal poderá servir a população de 250.000 habitantes das ilhas da Madeira e Porto Alegre. A sua capacidade é de 526

leitos, distribuídos por oito pisos, segundo as várias enfermarias — otorrino, oftalmologia, cirurgia obstétrica, cirurgia. Dispõe ainda de uma zona de cuidados intensos e de um rim artificial, bem como de um bloco operatório constituído por sete salas de operações e esterilização, serviço de urgência e de sangue, raios X, sala de autópsia, etc..

O antigo hospital dos Marmeleiros, situado a cerca de cinco quilómetros do inaugurado, vai receber obras de remodelação, ficando a prestar apoio a este e devendo aí instalar-se um centro de reabilitação.



Assim se apresenta a fachada do novo Hospital Distrital da ilha da Madeira

O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR MEMBRO DA INTERNATIONAL CREDIT UNION

PARIS, 9 — Em recente assembleia realizada em Paris a I. C. U. admitiu cinco novos membros, entre os quais o Banco Pinto e Sotto Mayor, único Banco português pertencente à organização.

A International Crédit Union é uma associação internacional, abrangendo 18 países especializada no financiamento a médio prazo de bens de equipamento, que reúne neste momento, entre outras, as seguintes instituições: Alemanha — Diskont und Kredit AG (Dresdner Bank); Bélgica — Banque Lambert; França — Union Française de Banques de que fazem parte, entre outros, os seguintes Bancos: Banque de Paris et des Pays Bas, Banque Worms, Crédit Lyon-

nais Banque Nationale de Paris, Crédit du Nord, Banque de l'Indochine; Espanha — UNINTER constituída pelo Banco Hispano Americano, Banco Central, Banco Exterior de España, Banco Urquijo, Banco Ibérico e outros; Itália — Spei Finanziaria que agremia o Monte dei Paschi di Siena e o Instituto Mobiliare Italiano; Suécia — Salfinans AB (Swenska Handelsbank).

O presidente desta importante organização é o Senhor Boris Méra da UFB (Union Française de Banques). Em 31 de Dezembro de 1972 os financiamentos em curso dos diferentes Bancos membros da I. C. U. ultrapassavam já os 2 biliões de dólares.

CONSTRUÇÕES DE NOVOS HOSPITAIS

Para tratar de diversos problemas relacionados com o concurso aberto recentemente pela Direcção-Geral de Construções Hospitalares para a construção, em regime de «chave na mão», dos Hospitais Ocidental de Lisboa e Escolar de Coimbra, deslocaram-se a Lisboa o Arq. Kenneth Perry e os Directores da reputada firma britânica «Taylor Woodrow, Ltd.», Srs. T.G. Hawgood e C.L. Edwards.

Pretende-se com esta visita esclarecer as grandes vantagens que o sistema de construção «harness» permite obter na panorâmica da indústria nacional.

Após a construção do Hospital de «Est Birmingham», baseado no sistema «harness», está prevista a construção na Grã-Bretanha de mais 80 novos hospitais, nos próximos cinco anos, todos igualmente baseados naquele sistema construtivo.



Informam os seus clientes, e o público em geral, do horário dos seus estabelecimentos

ABERTURA: 9.30 h

ENCERRAMENTO: 19.30 h

«Não fecham para almoço»

Às segundas-feiras, excepto Dezembro, abrem às 15 horas, para prolongamento do descanso semanal, dos seus empregados

Desmobilização espacial

Um facto dominante marcou, de há dois anos para cá, a tecnologia espacial: a decisão americana de construir uma nave capaz de abrigar não só uma equipa de astronautas, mas também passageiros pouco treinados a suportar esse tipo de voos, e que possa voltar ao nosso planeta depois de ter gravitado à sua volta. Trata-se da «shuttle», a «vai e vem». Concebida para fazer a ida e volta entre dois locais bem determinados, a nave deverá partir da Terra e depois regressar. Mas falta-lhe ainda o outro ponto de passagem. Na verdade, ela deveria constituir apenas uma parte de um programa sensivelmente mais ambicioso: ligar o nosso planeta a uma estação espacial permanente e ser completada por um foguetão que reboque os satélites de uma órbita para outra.

O movimento de refluxo que atingiu os créditos espaciais americanos depois do começo dos voos Apolo fez volatilizar essa estação permanente. Mas tal como se apresenta actualmente, essa nave basta para abrir uma nova era na conquista do espaço: o preço de custo por quilograma de electrónica posta em órbita baixa, vai diminuir sensivelmente, enquanto que a atmosfera terrestre deixará de estar reservada a especialistas devidamente treinados.

UMA SUPREMACIA INQUIETANTE

A revolução que irá provocar a entrada em actividade dessa nave — embora isso só esteja previsto para o fim desta década — não deve ser subestimada: «banalizando» o espaço, a futura nave americana facilitará todas as utilizações possíveis aos engenhos circunferreiros, quer sejam habitados ou automáticos. Na mesma base, ela contribuirá grandemente

NICOLAS VICHNEY

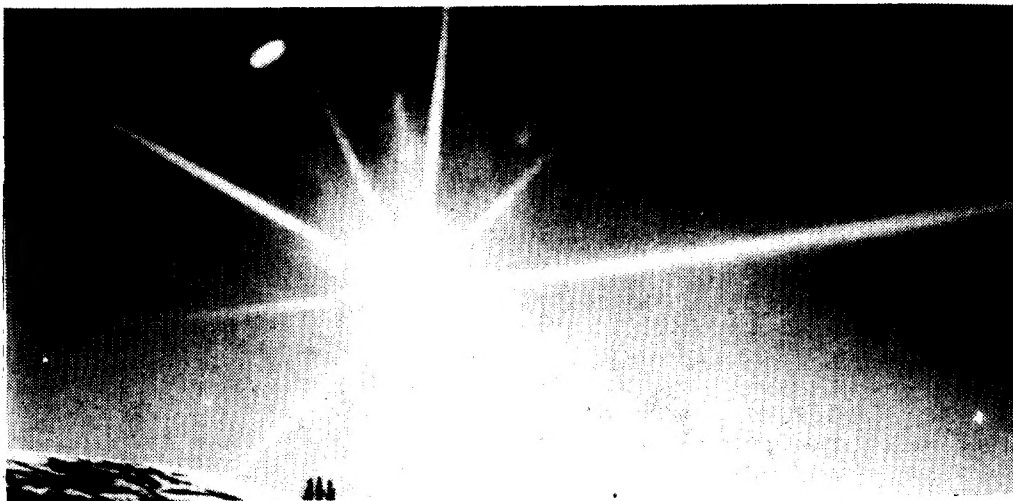
faz-nos compreender melhor as reacções suscitadas pela supremacia americana. Depois de terem eliminado o atraso inicial em relação à União Soviética, os Estados Unidos não deixaram de evidenciar o avanço considerável de que dispõem em relação aos outros países, em particular os da Europa. Mas este avanço reflectia-se numa certa inquietação; com esta nova nave, a distanciação acentuar-se-á ainda mais, assumindo proporções altamente preocupantes.

Com efeito, de há uns anos para cá, os países industrializados, e até alguns países em vias de desenvolvimento, começaram a compreender o interesse prático que têm em dominar as técnicas espaciais

designadamente em matéria de telecomunicações, televisão, meteorologia, e no domínio da navegação aérea e marítima. Sem ser uma obsessão, o manter uma certa independência face a um país considerado demasiadamente poderoso é na hora actual um desejo manifesto da Europa, tal como do Japão ou da Índia. Este desejo é tanto mais sentido quanto a natureza das relações que a Europa e o Japão mantêm com os Estados Unidos não exclui totalmente a cooperação, antes pelo contrário.

...Mas escapar ao controlo americano é uma empresa bastante difícil, se pensarmos na distância que separa os Estados Unidos desses países. Tanto do ponto de vista técnico como psicológico não é nada fácil escapar a relações de subordinação. Tecnicamente, o esforço deveria incidir sobre

Continua na pag. 8



A AGENDA

Abriu a agenda e escreveu, no dia indicado: «Almoço com X.». Depois fechou-a e descansou: não iria esquecer-se, decerto. Que bela muleta para a memória, a agenda! E só agora se lembrava disso; aliás, só agora lhe haviam lembrado isso. Enfim, antes tarde que nunca.

Escreveu, portanto, «almoço com X. e foi à sua vida. À sua vida? h, mas que tinha de fazer esta tarde? Fez um esforço. Nada. Ir ao correio? Não, é claro, tinha ido ontem. Ao banco? Talvez, mas fazer o quê? E se telefonasse para a mulher, a perguntar? Isso não, gozaria com ele.

Pensou consigo: «Se tivesse apontado na agenda...». E não se preocupou mais. Comprou o jornal da tarde, sentou-se num banco da Avenida, pôs os óculos e passou os títulos, dobrou o jornal.

nal, colocou os óculos sobre o banco, levantou-se e foi se emboar. Os óculos, claro, ficaram lá. Esquecidos.

A semana passada, foram os anos da mulher. Ela bem lhe dissera uns dias antes: «Na quinta-feira...» JMas chegara a quinta-feira e virou-a triste, triste. À noite, perguntou-lhe: «Ó mulher, mas o que é isso? Esquecera-se.

Desde que se reforara, era assim: ora lhe ficava o asaco no restaurante, a pasta no eléctrico, a carteira no balcão dos correios, as chaves na mesa do café, ora saía de casa e não se lembrava do que tinha a fazer. No regresso, a pergunta da mulher: «Compras-te-me aquilo?». Jogava as mãos à cabeça e ela percebia.

Mas, a partir de agora, não6 nunca mais! Passaria a esquecer-se da agenda...

O nosso mundo



HOMENAGEM

Encontra-se em Albufeira a passar férias acompanhado de sua esposa e família o general Kaulza de Arriaga, antigo comandante chefe das Forças Armadas em Moçambique, sendo alvo das mais altas atenções por parte da população e autoridades militares, administrativas e concelhias. Em sua homenagem foi-lhe oferecido um jantar por parte do seu amigo e administrador do Touring Clube de Portugal em Albufeira, sr. Nobre Guedes, no qual se encontravam presentes, além do chefe do distrito, o presidente da Câmara Municipal de Albufeira e restantes autoridades militares e administrativas do distrito e do concelho e muitos convidados. Foi-lhe oferecido um programa de fados, pelo artista privativo do Touring Clube de Portugal, Carlos Bastos. O homenageado, sensibi-

lizado, agradeceu todas as homenagens. («Jornal do Algarve»).

COMPLEXOS

Examinando atentamente a nossa posição no mundo actual, pondo-a em confronto com a da grande maioria das outras nações, só temos motivos para nos congratularmos, já que temos nítida vantagem sob muitos aspectos. No entanto o bichinho dos complexos minimiza activamente a euforia que de todos nós se deveria apoderar. Se não vejamos. Somos a décima potência mundial em extensão territorial; somos a quarta potência em orla marítima; possuímos o maior estaleiro naval do mundo; passaremos a ter o maior porto para petroleiros; temos a única baía do mundo com raras espécies de peixes; somos os maiores produtores de

cortiça; temos os maiores jazigos de urânio e volfrâmio; nas províncias ultramarinas riqueza inesgotáveis estão albergadas, esperando apenas pela sua exploração e fazendo a inveja dos nossos inimigos; temos em Cabora Bassa uma das maiores barragens do mundo; a língua portuguesa é falada por 150 milhões de pessoas, e é uma das mais ricas em vocábulos; temos milhões de compatriotas espalhados pelas cinco partes do mundo, ajudando a economia de países inimigos com o produto do seu trabalho; e para maior glória somos o único povo que é constituído por seres de todas as raças e credos e radicados em todos os continentes. (...) Arredemos de nós os complexos que nos atormentam, e mostremos ao mundo a força do nosso querer e da nossa razão, sem nos deixarmos minimizar. Lá diz o nosso velho ditado: «Quanto mais te baixas, mais pontapés levás». (José J. Farto,

in «Tribuna do Povo», do Seixal).

A FÉ SOBE

Velhas de séculos, com uma tradição que vem da Idade Média, as romarias são uma das páginas mais vivas do folclore português. Durante toda a roda do ano, umas na Primavera, outras no Verão, as romarias vão-se sucedendo no calendário litúrgico, com sua procissão e arraial, seu estralejar de foguetes. (...) Depois da festa com missa cantada e a igreja cheia a transbordar de fiéis, sai a procissão. É o momento culminante, em que a fé sobe em orações e em promessas. Há joelhos que se rasgam na pedra viva das estradas e lágrimas que brotam de olhos simples. E ao alto, no azul cessível do céu, os morteiros que ecoam levam até longe a mensagem de fé que ali se proclama. (S.P., in

«Notícias d'Évora»).

SANDÁLIAS, NÃO!

Na cidade de Castelo Branco acontecem por vezes coisas quase inacreditáveis. Abriu recentemente, na cidade, uma unidade hoteleira que, pelo que sei, é um local importante. De resto, e a prová-lo, este local é frequentado na maior parte pelos «Xô Tôrs» e quejandos cá do burgo (os chamados importantes). Se fosse só isto e tudo estaria certo (evidentemente...) mas é que naquele estabelecimento as pessoas que calcem sandálias não podem entrar! Ainda não há muito, uma pessoa nossa conhecida (que na altura calçava sandálias), ao entrar lá, foi interceptada pelo porteiro que lhe disse que de sandálias não podia entrar. Como isto é assim, para so-breaviso, sugerimos que à entrada desta unidade hoteleira se afixasse um letreiro onde se dissesse: «Proibida a entrada a pessoas de sandálias». (L.V.B., in «Notícias da Covilhã»).

AINDA O CASO COVINA

ESCLARECIMENTO DO SR. NORONHA GALLO

Do sr. Victor Manuel de Noronha Gallo, administrador da Covina, recebemos a seguinte carta com pedido de publicação:

«O jornal da digna direcção de V. tem vindo a publicar várias cartas, provenientes de diversos administradores e de um accionista da Covina, relacionadas com as últimas assembleias gerais daquela Companhia.

Não subscrevi, como administrador ou noutra qualidade, até agora, qualquer das referidas cartas, ainda que o meu nome, directa ou indirectamente, tenha sido mais do que uma vez mencionado. Esta razão, aliada ao facto de julgar constituir imperioso dever de consciência esclarecer publicamente sobre a minha não adesão a determinadas posições, levam-me a solicitar de V. publicações destas breves considerações.

As notícias que têm vindo a ser publicadas na imprensa sobre o «Caso Covina», deixam bem expresso a existência, no seu seio, de dois grupos perfeitamente definidos e antagónicos, e só estes. O facto de não ter subscrito, como administrador da Companhia — e apesar de para isso ter sido em certa altura solicitado — os comunicados da autoria de outros cinco administradores, poderá, eventualmente, ter contribuído para se generalizar publicamente tal opinião.

Porém, tal não sucede. Para além da existência desses dois grupos, existe ainda uma terceira força, não partidária, não silenciosa, não expectacular: a de uma minoria não acomodaticia, talvez rebelde por força da sua juventude e que tem pretendido colocar a lucidez e o espírito crítico como determinantes principais ao serviço dos elevados interesses da Covina. Nela me incluo.

Efectivamente, tenho procurado que a minha posição seja orientada no sentido da defesa exclusiva dos interesses da Companhia e dos accionistas minoritários — entre os quais me incluo — sem partidários, procurando manter a serenidade de espírito necessária para, desapaixonadamente, auxiliar a encontrar a fórmula que melhor sirva o futuro desenvolvimento consistente da Covina.

Assim, não pude, não posso, nem devo tomar posições que envolvam ataques frontais a pessoas ou correntes de opinião que, por filosofia própria, sou conduzido a admitir e a respeitar, mesmo quando divergentes, ou até, opostas das que possa partilhar.

Eis, simplesmente, a explicação da minha recusa em ter aderido à subscrição dos comunicados de autoria dos meus cinco colegas de conselho de administração.

Quanto à análise do problema que deveria constituir objecto único das nossas preocupações — o «float glass», e a escolha da entidade que deveria prestar assistência técnica para a sua introdução no País — cuja necessidade estratégica para o desenvolvimento da Covina é incontroversa — poucas, mas amargas considerações tenho a fazer.

Começou-se por um diferendo. Vive-se um conflito. Onde se irá acabar?

Os conflitos desta natureza apenas vingam porque os grupos opostos, passando a votar uma crescente animosidade recíproca, consideram-se mutuamente, e em qualquer situação, mal intencionados.

Ora, era indiscutível que nem eu, nem ninguém, podia, mesmo em fase adiantada do processo decorrente, fazer um juízo imparcial, exclusivamente baseado nos interesses da Companhia, devido à ausência de informações de índole jurídica, técnica e económica, suficientemente claras, objectivas e profundas, que permitissem um perfeito equacionamento de toda a problemática.

Em matéria de economia e de administração de empresas, tenho por princípio não aderir a opiniões dogmáticas sobre assuntos cuja verdade se desconhece. Procuro ser essencialmente objectivo e tenho por norma formar as minhas opiniões sobre provas.

Dai, ter expresso — declarações de voto em Assembleia Geral Extraordinária de 31 de Julho — que a discussão necessariamente exigida por uma opção deste tipo, se deveria localizar unicamente no seu «substratum» jurídico.

Efectivamente, interesses pes-

soais ou de grupo, individualismos e partidários, em nada servem os interesses societários e nacionais.

Contudo, apesar de ter dado o meu total apoio, esforço e patrocínio a uma moção que preconizava a efectivação de um exame jurídico e técnico do diferendo por entidades isentas, assisti, com bastante mágoa, à derrota da mesma moção. Vencera uma vez ainda o dogmatismo.

Os factos recentemente ocorridos, vêm intensificar afinal a prova de que, com elevado grau de probabilidade, a ser seguida

a orientação que sempre preconizei, ter-se-iam minorado as dissidências e evitado talvez algumas das consequências que dramaticamente estamos vivendo.

Permito-me, finalmente, manifestar que o meu esforço, no sentido de tentar ponderar, lucidamente, os interesses da Covina, entendidos obrigatoriamente nos seus diversos aspectos — nacional, económico e social — continuará a constituir objecto único, real e exclusivo da minha actuação».

Fogos reais em Tavira

O Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria de Tavira, procede, de amanhã até ao dia das 8 às 18 horas, a exercícios de Fogos Reais com Armas Pesadas de Infantaria na região marítima-costeira da Quinta da Torre de Ares.

A região interdita à população é a seguinte:

A LESTE — or uma linha que une o casario de Torre de Ares ao marco trigonométrico do Barril - O;

A SUL — por toda a zona da ilha compreendida entre o marco trigonométrico do Barril — O ao posto da Guarda Fiscal do Homem Nu;

A OESTE — por uma linha que une o Posto da Guarda Fiscal do Ho-

mem Nu, posto da Guarda Fiscal de Torre de Ares e Ribeira da Luz;

A NORTE — por um caminho que corre quase paralelo à costa, desde a Ribeira da Luz até ao portão de entrada para a Quinta da Torre de Ares.

A população deve estar alertada, sendo este aviso de fundamental importância que: **qualquer engenho que eventualmente venha a ser encontrado na referida zona, após a execução dos fogos, não deve ser tocado mas sim sinalizado e comunicado o seu achado a este Centro, o mais rapidamente possível, a fim de, com meios convenientes, se proceder à sua destruição.**

FESTIVIDADES

Pinheiro de Loures e Odeáxere encontram-se em festa desde ontem e assim continuarão até amanhã. As festividades de Pinheiro de Loures, que ontem se iniciaram com a abertura do seu arraial e com uma prova de corta-mato de 2500 metros, foram organizadas pelo Sporting Clube de Pinheiro de Loures, colectividade desportiva e recreativa a quem tem cabido a responsabilidade destas festas anuais. Esta manhã disputou-se um jogo de futebol entre solteiros e casados e a tarde e a noite serão dedicadas à dança comandada por um dos três conjuntos convidados. Mas nem só de danças se faz a festa, bifanas, sardinha assada, caracóis e berbigão são outros atractivos do arraial com que se vão saciando os amantes de petiscos. Pinheirenses e forasteiros, se hoje não se cansarem, poderão continuar amanhã a folia, pois que programa não falta: pela tarde haverá uma prova de «carvalhadas» de motorizadas e bicicletas e à noite, para encerramento, mais um «grandioso baile», como os outros abrilhantado por conjunto musical.

A localidade algarvia de Odeáxere, que faz anunciar as suas festas também em inglês, junta à feira anual a festa em honra da Padroeira e de S. Luis. Depois do baile de abertura, ontem efectuado no salão de bailes de Odeáxere, foi hoje rezada missa pelo Santo e pelos doentes da freguesia. O início da feira, que terá amanhã o seu grande dia, está marcado para as 15 horas de hoje começando a funcionar as diversões e o comércio de artesanato e das tendas de quinquilharias. Também esta tarde haverá nova missa em honra de Nossa Senhora da Conceição — a padroeira da freguesia — e pela paz entre os homens. O dia principal da feira será, como se disse amanhã, e é destinado à venda de gado. À tarde os festejantes terão uma «matinée» dançante.

Também a Moita do Ribatejo estará em festa, mas até bastante mais tarde, prolongando-se até dia 16 o programa das suas Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem. Hoje, a vila ribeirinha acordou com uma alvorada de girândolas e morteiros ao som de Zés Pereiras gigantes e cabeçudos. Terra de pescadores, os barcos também entram nos festejos, estando por isso marcado para esta tarde um concurso de barcos melhor engalanados. Segue-se uma procissão da padroeira que terminará com a tradicional benção dos barcos e marítimos e, à noite, além de um concerto pelas bandas das sociedades Operária Amorense e Musical de Almoçageme, haverá variedades, com artistas da rádio e televisão. Na segunda-feira os divertimentos estarão, sobretudo a cargo dos touros, animais que, como sempre no Ribatejo, muito contribuirão para animar as gentes; será feita a primeira largada de touros, das muitas que estão planeadas. A tourada também não faltará, seguindo-se uma corrida na praça Daniel do Nascimento. O tom marialva será, à noite reforçado por um «grandioso programa de Fados», como se diz no programa, com Carlos do Carmo e o seu conjunto.

OFERTAS DE TRABALHO EM TODO O PAÍS

O Serviço Nacional de Emprego informa que existem as seguintes ofertas de emprego em vários pontos do País:

— Auxiliares de enfermagem, em Lamego e Portimão, com salários mensais de 3.300\$00/3.400\$00. Auxiliares de enfermagem com curso de parteira, no Funchal, a 6.500\$00. Armadores de ferro em Lamego e Porto a 100/130\$00 diários. Ajudante de «barman», em Faro, com ordenado de 3.500\$00. Aprendiz de mecânico de telefones em Lisboa, por 2000\$00 mensais. Bate-chapas, em Bragança Lamego e Portimão a 5.000\$00. Carpinteiros em Portimão a 180\$00 diários. Carpinteiros de cofragem em Lamego, Beja, Faro, Viseu, Braga, Funchal, Covilhã e Porto a 180/200\$00. Carpinteiros de construção civil na Covilhã a 150\$00. Carpinteiros de limpos em Faro, Bragança e Porto a 100/240\$00. Compositor de 1.ª classe em Castelo Branco a 120/130\$00. Canalizadores em Faro a 6.500\$00. Controlador também em Faro a 3.500/4.000\$00. Cozinheiros em Faro e Portimão a 4600\$00. Contabilista em Tomar por 12/15000\$00 mensais. Deseñador também em Tomar por 3.500\$00/4.000\$00. Empregado de mesa em Portimão por 3000\$00. Electricista A. T. em Lamego por 5100\$00. Electricista B. T. em Lamego e Torres Vedras a 100/150\$00 diários. Electricista Auto em Faro e Bragança por 3.500/4000\$00. Enfermeiras em Lamego por

4900\$00. Estucadores em Leiria a 120/160\$00. Estofadores no Funchal a 90/160\$00 diários. Fundidores em Viseu a 140/150\$00. Fresador em Leiria por 3000\$00 mensais. Forjador em Bragança a 120/130\$00. Guardalivros em Tomar por mais de 7000\$00. Indiferenciados em Torres Vedras e Lisboa por 2650/3000\$00 mensais. Ladri-lhador em Angra do Heroísmo a 121\$50. Linotipistas em Viseu a 165\$00. Mandrilador em Tomar por 3200/4.100\$00. Mecânico auto em Bragança, Viseu Portimão e Angra do Heroísmo por 3000/5000\$00. Marteleiros em Lamego e Bragança a 100/150\$00. Marceneiros em Porto e Tomar a 100/160\$00. Mecânico de telefones-oficiais em Lisboa por 4.190\$00. Operador de grua em Faro por 6000\$00 mensais. Operador para plástico reforçado em Bragança a 110\$00 diários. Pasteleiro em Viseu por 5/6000\$00. Pedreiros em Portimão, Porto, Faro, Leiria, Funchal, e Covilhã a 100/170\$00. Pedreiros de cantaria em Lamego a 150\$00. Pintor auto em Faro e Bragança por 4000/4500\$00. Porteiros de noite no Funchal por 2800/4000\$00. Picheiros em Braga a 130\$00. Pintor de construção civil em Viseu a 150\$00. Rectificador de cilindros em Angra do Heroísmo a 150\$00. Secretária de direcção em Angra do Heroísmo por 6500\$00. Serralheiros civis em Faro e Tomar por 3/4100\$00. Serralheiros civis em Bragança a 100/180\$00. Serralheiros me-

cânicos em Tomar e Torres Vedras por 3600/5000\$00. Serralheiros mecânicos para montagem de máquinas, trabalho eventual, em Lisboa por 6000/8000\$00. Serralheiros mecânicos soldadura em Lisboa por mais de 5500\$00. Serralheiros mecânicos para manutenção de máquinas de indústria química e farmacêutica em Lisboa

por 5/6000\$00. Trolhas em Bragança, Lamego e Porto a 100/150\$00. Trolhas de construção civil em Viseu a 130/150\$00 por dia. Torneiros mecânicos em Tomar, Leiria e Torres Vedras a 3/5000\$00. Tecelões no Porto a 90/120\$00 diários. Técnico de rádio e TV em Faro por 5000\$00 e Técnico de Raios X em Viseu por mais de 4370\$00 mensais.

SIMPÓSIO

Promovida pela Associação Internacional de Pontes e Estruturas, com a colaboração do laboratório Nacional de Engenharia Civil e do Grupo Português de Engenharia de Estruturas, realiza-se esta semana em Lisboa, o simpósio internacional sobre a resistência e deformabili-

dade última de estruturas, no qual participarão mais de 200 especialistas de 25 países.

Entre os relatores deste simpósio, encontram-se os professores R. Park da Nova Zelândia, M. Wakabayashi, M. Fujimoto e T. Naka do Japão, V. Bertero dos Estados Unidos e Ferrary Borges de Portugal.

BISPOS DE MOÇAMBIQUE

O bispo de Tete, D. César Augusto Ferreira da Silva encontra-se em Portugal, devendo seguir em breve para Roma, a convite do Papa Paulo VI. Estiveram também entre nós dois outros bispos de Moçambique: D. Francisco Nunes Teixeira,

bispo de Quelimane e presidente da Comissão Episcopal daquele Estado, e D. Manuel Vieira Pinto, bispo de Nampula. Segundo informa o semanário «Expresso», encontraram-se com personalidades de relevo da vida portuguesa.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO
Rua Dr. António Bernardino de Almeida
PORTO
Telefone: 484077
Continuam abertas as inscrições nos cursos de enfermagem, até ao dia 15.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA
17.ª Secção de Actividade «COMÉRCIO DE MÁQUINAS, FERRAGENS E APARELHAGEM ELÉCTRICA»
CONVOCAÇÃO

Encontrando-se na fase de negociação o Contrato Colectivo de Trabalho, a celebrar com o Grémio Nacional dos Importadores de Material Electrónico, CONVOCAM-SE OS PROFISSIONAIS AO SERVIÇO DE FIRMAS INSCRITAS NESTE GRÉMIO, a estarem presentes na reunião a efectuar no próximo dia 10 do corrente mês, às 21 horas, na sede do Sindicato, Rua Braamcamp, n.º 9-2.º, em Lisboa, a fim de serem informados da actual posição desta negociação.

Lisboa, 5 de Setembro de 1973.

A COMISSÃO DIRECTIVA

X JORNADAS MÉDICAS DA FIGUEIRA DA FOZ

APROVEITAR A PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES IDOSOS

Um dos vários aspectos abordados pelas Jornadas Médicas da Figueira da Foz, agora encerradas, foi o do aproveitamento dos trabalhadores idosos. Um dos intervenientes nos trabalhos, o dr. António Maria Lino Netto, depois de comparar o processo de envelhecimento das populações em Portugal e os países desenvolvidos, falando sobre o tema «Valorização social, valorização profissional», referiu: «Através da evolução da posição relativa dos idosos na colectividade constata-se que, nas sociedades tradicionais, mais ligadas à vida da terra e ao trabalho artesanal, o homem idoso era considerado como um líder, ou, pelo menos, como elemento preponderante na família, projectando-se no meio social e profissional. Na fase inicial das sociedades industrializadas, em que a máquina exigiu maior automatização e melhores reflexos, faculdades que a idade vai reduzindo, o idoso perdeu prestígio no mundo do trabalho. Processou-se, então, uma dupla desadaptação: a do trabalhador idoso à sociedade e vice-versa. Contudo, actualmente, no limiar duma era post-industrial, verifica-se já uma certa viragem nas concepções do capital humano, passando o trabalho a avaliar-se nas sociedades para que tendemos mais em termos de satisfação pessoal.

Devendo assegurar-se ao homem realizado em plenitude, a política de protecção ao trabalhador idoso terá de radicar-se numa dinâmica de permanente ajustamento às novas condições da sua idade e do seu tempo.

O trabalhador deve ser seleccionado para os postos de trabalho em função da sua aptidão para a tarefa a executar. A idade, portanto, se nalguns casos pode constituir elemento desfavorável, noutros certamente funcionará como motivo preferencial. E a seguir: «O limite de idade fisiológica é sem dúvida um facto que tem de reconhecer-se. A idade



civil, porém, fornece um critério arbitrário e de mera probabilidade; quer dizer, presume-se que, atingido determinado número de anos, o indivíduo já não deve ter os requisitos indispensáveis para trabalhar. Esta solução é muito falível; por isso, a forma geral como foi adoptada tem sofrido sucessivas restrições, sob a pressão das realidades multiformes da vida humana.

Assim, tendo em conta a natureza do trabalho e as condições daqueles que o prestam, está a adoptar-se um sistema cada vez mais maleável, procurando conciliar-se, na forma menos imperfeita possível, as exigências do trabalho e as aptidões específicas do indivíduo para as tarefas correspondentes. Por outro lado, terá de harmonizar-se a necessidade de critérios objectivos e precisos que só regras de aplicação geral poderão garantir.

Embora existam várias definições de trabalhador idoso, o que mostra a dificuldade da questão,

poderemos considerar como tal aquele que se encontra diminuído na sua aptidão para o trabalho por condicionalismos ligados à idade.

Esta diminuição poderá ser corrigida, segundo os casos, por soluções que os progressos do mundo actual vão proporcionando cada vez mais em melhores condições.

Assim, a reclassificação profissional pode dar ao trabalhador que envelhece novas possibilidades de rendimento e o trabalho em regime parcial permitirá, em alguns casos, assegurar a permanência na actividade profissional em condições de plenorendimento.

O trabalho protegido e as tarefas a realizar no domicílio constituem também meios de aproveitamento da actividade dos idosos. Ainda pode abrir-lhes outras perspectivas a oferta de empregos com período de tempo experimental.

A manutenção do trabalhador idoso no activo, para além de salva-

guardar a sua dignidade, o seu prestígio profissional e a sua necessidade de independência económica, é de estimular, mesmo em termos económicos, pois vai diminuir os encargos que devem ser suportados pela população activa, em relação aos forçosamente inactivos.

A mesma defesa do aproveitamento da capacidade de trabalho do idoso foi feita e sugerida pela dr.ª Maria do Carmo Martinho ao intervir sob o tema «Problemas Médicos da Terceira Idade: sua influência sobre o trabalho». Depois de referir os conceitos de terceira idade e das suas doenças próprias e de fazer uma inventariação sumária, dessas mesmas doenças, a interveniente terminaria por fazer as conclusões e sugestões que sumariamente apresentamos.

a) «As medidas profiláticas e curativas aumentam a longevidade, e as populações tornam-se progressivamente mais velhas; por outro lado, os anos de escolaridade tendem a aumentar. Por isso, os anos de produtividade diminuem se a aposentação for coerciva.»

b) «As chamadas doenças de terceira idade, se detectadas a tempo, e tratadas convenientemente, não transformam o doente num inválido.

c) «O trabalhador idoso, se perdeu em vigor físico capacidade de adaptação, ganhou em experiência e no gosto da estabilidade. A maior energia é compensada pela maior eficiência».

d) «Há portanto necessidade em aproveitar a sua produtividade não só para impedir a sua frustração — ao sentir-se inútil e um peso material para o agregado familiar — mas também porque as suas capacidades de trabalho dão ainda rendimento para a sociedade».

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

SENHORAS DO ESTORIL-PÕEM DE PÉ MAIS UMA CRECHE

Graças à acção benemérita de algumas senhoras do Estoril os filhos dos operários e das empregadas que habitam naquela zona vão ter em breve um jardim infantil, a que se seguirá uma creche, um centro juvenil para ocupação dos tempos livres e para actividades escolares e a mais longo prazo um parque infantil.

Com efeito a actividade desenvolvida por aquelas senhoras conseguiu interessar a Câmara de Cascais que doou e agora permutou, no passado dia 5 em reunião do Conselho Municipal, um terreno situado no Alto do Desembargador, no Estoril. Também logrou motivar a Fundação Gulbenkian que com o seu apoio financeiro irá cobrir 75 por cento do custo total da obra, o Governo Civil que contribuiu com 20 contos e ainda de vários arquitectos e engenheiros que contribuem gratuitamente com projectos e orçamentos, levantamento topográfico, cálculo de betão, instalação eléctrica, esgotos e águas.

A CRUZADA

Nesta cruzada de bem fazer salientam-se os donativos que alguns particulares, como os drs. Mário e Miguel Quina e a sr.ª D. Maria Cristina de Mello, concederam de modo a que o «Abrigo dos Pequenos» possa ser construído. De resto a benemérita das famílias Quina e Mello situa-se já numa tradição que levou à fundação e manutenção do anterior e agora em breve extinto «Abrigo dos Pequenos».

O «Abrigo dos Pequenos» foi fundado em Março de 1954 no Estoril com o fito de prestar assistência a crianças em idade pré-escolar, assistência essa quase sempre gratuita, e envolvendo mais de 40 crianças, filhas de empregadas domésticas, de mães solteiras e de operários da construção civil. Mas desde 1961 atravessou várias crises que culminaram com a insolvência, quando o dr. Jorge de Mello, que a determinada altura passara a enviar uma contribuição anual, deixou de dar a sua contribuição. Em 1969 o «Abrigo» foi desalojado das suas instalações, passando a funcionar num edifício cheio de buracos e sem condições para albergar crianças. O número de crianças passou então de quarenta para vinte.

A situação das crianças agravou-se agora que os proprietários do imóvel em que a creche funciona decidiram desalojá-la pois vão deitar o prédio abaixo no próximo Outubro. Foi então que as senhoras, à frente das quais se encontram Maria Augusta Vidal e Virgínia Igrejas Horta e Costa, se decidiram a não aceitar a extinção da única creche assistencial do Estoril. E os resultados estão à mostra.

RESOLVIDO O PROBLEMA

Enquanto a nova construção não estiver pronta, as crianças cujos pais estão a pagar uma prestação de 5\$00, irão para uma casa, propriedade da Misericórdia de Lisboa, situada também no Estoril. Deste modo o interesse das abnegadas senhoras da nossa melhor sociedade, vai resolver o problema das crianças pobres do Estoril. É mais uma creche para filhos de trabalhadores que se irá construir em Portugal contribuindo assim para resolver o grave problema de «espaços infantis» que faltam aos milhares de miúdos e miúdas do nosso país.

berimbau
o que vai ser?

byly
DESODORIZANTE

Com uma a duas aplicações nas axilas e nos pés está protegida para uma semana, experimente...

ESCOCIA E LONDRES

PARTIDAS, TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO

- Avião + Autopassagem
- Hotéis c/ banho + refeições
- Várias visitas de cidades e lugares
- Guia acompanhante

1 ou 2 SEMANAS

Programas e inscrições:

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA—Av. Liberdade, 160
Telef. 830031 (15 linhas)

PORTO—Av. dos Aliados, 207
Telef. 87921 (15 linhas)

COIMBRA—Rua da Seta, 2
Telef. 87011/87012



MAXIMADRID

a partir de
2.100.00

UMA VIAGEM QUE LHE AGRADARÁ SEJA QUAL FOR O MOTIVO QUE O LEVE A

MADRID

Excursões opcionais a
TOLEDO-ESCORIAL-SEGÓVIA
AVILA-ARANJUEZ-VALE DOS
CAIDOS-MADRID À NOITE, ETC.

Solicite folheto detalhado ao seu agente de viagens ou nos escritórios da

IBERIA
TAP

REPORTAGEM

O NOVO REGIME DE PRESCRIÇÕES NA UNIVERSIDADE

«Eu estou a par das alterações recentes dos cursos universitários, porque muita gente da minha família passou por aqui e alguns ainda cá andam. Orientam-me, por isso, naquilo que devo fazer. Tenho a certeza que a maioria dos alunos ignora por completo a reforma do ensino universitário. É pena, porque podem vir a ser prejudicados.» — declarou-nos Maria Helena Neves Garcia de 17 anos, que procede à matrícula no 1.º de Medicina.

Desde o dia 1 de Setembro que estão abertas as inscrições para os diferentes cursos universitários. Dezenas de pessoas aguardam pacientemente a sua vez de serem atendidas. «Bichas» para a compra de impressos e «bichas» para a entrega. A grande maioria desses alunos inscrevem-se pela primeira vez, pois os outros ainda têm, na quase sua totalidade, exames para fazer na segunda época.

Acabaram de sair do liceu. Estão entusiasmados com esta nova (e última) fase da sua vida estudantil, mas desconhecem a nova remodelação. Um dos pontos mais importantes é sem dúvida o das inscrições, que se estende a todas as faculdades. Segundo o Decreto-Lei n.º 418/73 de 21 de Agosto, artigo 7.º «Nenhum aluno do ensino superior pode inscrever-se mais de três vezes na mesma disciplina ainda que em escolas diferentes, excepto nos últimos anos em que poderá inscrever-se mais uma vez».

A cláusula posterior salienta, no entanto, que «se o aluno desistir 30 dias após a inscrição, esta não contará para futura prescrição».

Até que ponto esta nova medida vai afectar ou beneficiar os alunos? Helena Neves prossegue:

Está certa para os alunos ordinários, como eu, obrigando-os a estudar um pouco mais. Para os alunos voluntários acho profundamente errada. Alguns estão empregados, são casados e com muito esforço lá conseguem ir estudando. Ao princípio do ano inscrevem-se a pensar em conseguir fazer essa cadeira, mas depois os problemas surgem e vêem-se obrigados a desistir. No ano seguinte a mesma coisa e pronto, têm de aguardar quatro anos para tentar essa cadeira. É muito desanimador.

O sistema que vigora antes desta reforma era totalmente diferente

no que diz respeito ao regime de prescrições. O aluno poderia tentar três vezes exame na mesma cadeira (4 se houvesse mais a época de Outubro). Se reprovasse, poderia transitar para outra faculdade onde teria mais três possibilidades. Enfim o aluno poderia percorrer todas as faculdades do País. No entanto, o aluno só ia a exame se visse realmente que tinha «chances» de êxito. Agora, o aluno queima «cartuchos» no princípio do ano. Mais concretamente, vamos referir-nos ao primeiro ano de Direito, por exemplo: o jovem desconhece por completo o conteúdo das matérias. Por ignorância ou porque se julga com possibilidades matricula-se em todas. Começam as aulas e verifica que não conseguirá fazer tudo. Começa a desistir. No ano seguinte passa-se a mesma coisa e lá terá de esperar 4 anos. Helena Nenes já conhecia também o novo regime de prescrições:

Os novos alunos não estão informados disso. Deveria ser-lhe fornecido no acto da entrega de impressos, algumas indicações nesse sentido.

Com a nova «democratização» do ensino universitário, muitos alunos vão ser eliminados. Os mais atingidos são sem dúvida, os voluntários. «Agora é que os ordinários vão ser obrigados a estudar. Andam para aí a passar tempo» — dizem alguns. Porém, estes continuarão a «passar tempo» porque apenas se inscrevem numa cadeira e isso basta para lá «andar».

Carlos Augusto Martins Passos de 17 anos a ingressar também no 1.º ano de Medicina não estava informado do novo sistema de prescrições.

Vivo em Torres Vedras e como sabe pouco informação. Agora que me explicou que só se pode inscrever-se três vezes na mes-



Helena Garcia e Carlos Passos procedem à matrícula



Maria Manuela Cardoso. «Porque não entregar um folheto?»



Isabel Cardoso: «desconhecia o novo regime de prescrições»

ma cadeira, acho que isso está muito errado para os alunos voluntários. Para os ordinários, como eu, ainda se aceita, agora para aqueles que só cá vêm fazer exames é realmente uma medida drástica. Para os rapazes que têm sempre a ameaça do serviço militar também se torna muito exigente. Acho muito pouco apenas três inscrições.

Conversámos com bastantes estudantes. A sua quase totalidade desconhecia o novo regime de prescrições. Como nos dizia um funcionário de uma Faculdade «realmente há estudan-

tes que se estão a matricular-se em todas as cadeiras por ignorância. Deveria haver mais informação». Pois deveria!

Se não fosse você a dizer-me, nem sabia disso. Porque não distribuir um folheto com essas indicações. De qualquer maneira não concordo com a reprovação através do número de inscrições. É tirar possibilidades logo de início» — declarou-nos Maria Clara Oliveira de 17 anos e estudante do 1.º ano de Matemáticas. Idêntica opinião coube a Elaine Noronha, natural de Goa, 19 anos e a Maria Manuela Cardoso Dias de 26 anos

e a frequentar o 5.º ano de Farmácia.

Os alunos com quem conversámos mostraram-se pouco receptivos à eliminação através das matrículas, mas mostraram-se sobretudo principalmente aborrecidos pelo facto de não lhes serem concedidas essas informações. «Podem dizer que nós somos os mais directamente interessados na reforma do ensino e devemos estar actualizados ou procurarmos actualizar-nos.

Seria tão simples entregar um folheto no acto da compra dos impressos. Por que não adoptar esses sistemas» — afirmou um grupo de estudantes. Sim porque não?



SURDOS

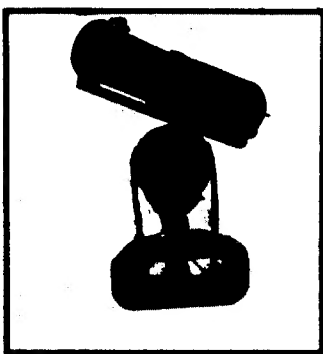
CASA SONOTONE

Acabaram-se as férias! Todos regressámos a casa, alguns mais cansados do que quando partiram! É agora a altura de tratar dos seus ouvidos. O 1.º caminho a seguir é ir ao médico da especialidade e depois de ser indicado o uso de um aparelho de prótese nós estamos prontos para os servir bem, mostrando-lhe as últimas novidades para correcção da surdez. Os exames são gratuitos. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou de quaisquer marcas. Vendemos pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão. LARINGES ELECTRONICAS para os que não podem falar. Ficamos muito reconhecidos pela vossa visita em -

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352
 PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-35602
 LUANDA — Largo Luis Lopes Sequeira, 2-2.º-A

A CIÊNCIA E O HOMEM

por
ANTÓNIO
BAPTISTA



A CIÊNCIA EM ACCÇÃO... MESMO COM DERRAPAGENS

O estranho e misterioso caso da água anómala

Mais difícil do que provar que algo de novo existe é, talvez, a de provar que algo não existe. Um exemplo mais a confirmar esta suma da fruta da experiência científica é o caso da água anómala, também chamada, por motivos a que aludiremos mais adiante, poliágua.

Em 1961, N. N. Fedyakin, na União Soviética, observou o que lhe pareceu uma nova forma de água. Tinha um coeficiente de dilatação maior do que a água ordinária e uma pressão de vapor inferior à desta. Fedyakin, logo a seguir a esta publicação transfere-se — é transferido (?) — para o Departamento de Fenómenos Superficiais do importante Instituto de Química-Física de Moscovo, dirigido por Boris Derjaguin bem conhecida autoridade na química das superfícies.

Esta água anómala, aliás, era de fácil obtenção, ao alcance de qualquer laboratório. Como se mostra na figura 1, num vaso onde se pode fazer o vazio, coloca-se água tão pura quanto possível e sobre a sua superfície dispõem-se tubos capilares de vidro, ou quartzo, com diâmetro internos de cerca de 0,1 mm. Faz-se o vazio e à temperatura ordinária, 20-30 graus centígrados, na atmosfera que se forma com uma

humidade relativa de 100 por cento, condensa-se no interior dos tubos capilares um líquido cujas propriedades foram observadas, como dissemos, pela primeira vez, por Fedyakin. Os seus resultados sobre o coeficiente de dilatação linear dessa água (variação relativa do comprimento duma coluna de água para uma variação de temperatura elementar) foram confirmados ulteriormente e notavelmente alargada a região de estudo (figura 2).

No Instituto de Química-Física de Moscovo, Derjaguin toma o comando das operações. Segue-se uma actividade intensa onde, com os métodos clássicos, as propriedades dessa «água» são estudadas exaustivamente. Quinze trabalhos dão conta desse esforço que continua a passar despercebido, no entanto, aos cientistas do Ocidente o que deve ser considerado preocupante como índice do estado actual da disseminação das informações científicas. No entanto, tratava-se dum dos maiores desafios de sempre à química. Parecia existir uma nova forma de água, a substância mais abundante sobre a Terra, aquela mais intensamente e mais longamente estudada. Mais, esta «água» tinha propriedades extraordinárias que poderiam revolucionar zonas com-

pletas do nosso conhecimento científico. Em vez de congelar a 0 grau centígrado como a água ordinária, só se formava o seu gelo à temperatura de 40 graus negativos; em vez de ferver a 100, fervia a 400-500 graus centígrados; é um líquido tão viscoso que nos parecia ao tacto como vaselina; a sua densidade é de 1,40 grama por centímetro cúbico; etc, etc.

No entanto só a partir de 1966, muito lentamente, os cientistas ocidentais se vão apercebendo desta actividade do grupo soviético, quando Derjaguin faz uma conferência na Grã-Bretanha que é depois publicada. Em 1968 havia dois grupos trabalhando na Grã-Bretanha e um nos Estados Unidos. No entanto, pode dizer-se que é a partir de 1969 que finalmente o interesse se acende. Neste ano, num trabalho de colaboração entre o Nacional Bureau of Standards e a Universidade de Maryland nos Estados Unidos, um grupo dirigido por Stromberg e Lippincott, concentra todas as técnicas modernas de análise sobre o misterioso líquido e

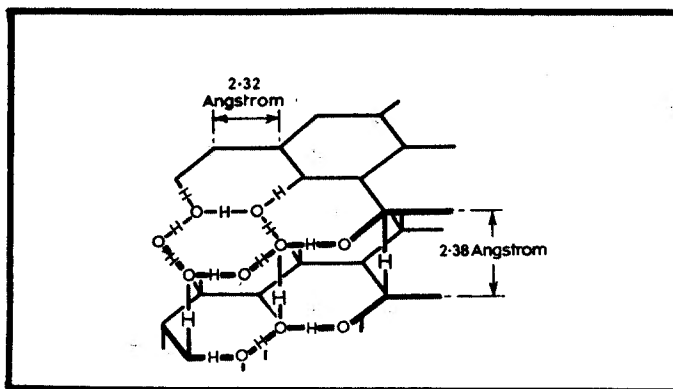


Figura 3 — Fórmula que se propôs para a água anómala que, podendo ser considerada um polímero da água, recebeu o nome de poliágua.

propõe, na base dos resultados obtidos sobre as forças entre os átomos e a distribuição dos electrões (obtidos por via espectroscópica, principalmente) uma fórmula onde a água anómala surge como um polímero (daqui o nome proposto, e aceite desde então, de poliágua). Na mesma linha, Leland Allen da Universidade de Princeton, propõe a fórmula

definitiva da poliágua (figura 3). A fórmula assemelha-se, como vemos, a um empilhamento de azulejos hexagonais ocupando os átomos de oxigénio os vértices, encontrando-se os átomos de hidrogénio o meio dos lados.

Que mais poderíamos querer como evidência científica? Os resultados clássicos dos soviéticos, os resultados espec-

troscópicos de Lippincott e Stromberg e um modelo teórico aparentemente satisfatório?

...Ao mesmo tempo que as notícias desta nova descoberta científica chegavam ao grande público, iniciava-se uma reacção dos incrédulos e sinal dos tempos, chegava-se a pedir, em carta à Nature, que esta investigação fosse imediatamente suspensa pois a poliágua, se fabricada em quantidades consideráveis, poderia impor a sua estrutura às moléculas vizinhas, iniciando-se uma reacção em cadeia que transformaria toda a água na Terra em poliágua, tornando a vida impossível. Esta sugestão provocou uma resposta de vários cientistas, entre os quais o famoso físico Bernal, ridicularizando a sugestão. Cientistas eminentes, apesar de todas as provas, chegaram a apostar a sua reputação contra a existência dessa forma alotrópica da água. O certo é que as técnicas mais refinadas, aplicadas principalmente pelos grupos americanos, activação com neutrões, análises

Continua na pag. 8

DA CORRUPÇÃO DA CIÊNCIA E DA INCORRUPTIBILIDADE DA POESIA

Robert Graves tem 76 anos bem amadurecidos nas boas e más lutas a que vida o obrigou e a que se obrigou na vida (como, aliás, nós todos em vários graus de modéstia). O vinho seco do seu lirismo é fresco e, tomado na devida conta, não embriaga facilmente. A sua preocupação em manter desimpedidos e límpidos os canais da poesia tornou-o num crítico exigente, duro, vigilante, insubornável, recusando a moeda cunhada do que é inautêntico, ainda que brilhante. Tão bem conhecido e apreciado como historiador e romancista como poeta, Graves é um verdadeiro humanista ou seja um homem interessado apaixonadamente por todas as formas de expressão da vida do Homem. Por isso o fenómeno da ciência tinha de o interessar profundamente. Isso revelou ainda há pouco numa entrevista concedida a Impact.

Segundo Graves, o pensamento científico mais puro é o pensamento poético. Os poetas terão a capacidade para pensar no que Graves chama a quinta dimensão, uma dimensão independente do tempo. Confessamos as nossas dificuldades em seguir, aqui, Graves. Parece-nos que esta quinta dimensão se relaciona com a possibilidade de se alcançarem resultados, conclusões sem haver premissas anteriores no tempo. Seria uma espécie de pensamento onde a história não conta. Assim, o pensamento científico mais puro, tal como poético, seria absolutamente imprevisível.

Mas depois de Graves indicar o que torna a poesia a irmã pura da ciência em que serve os traficantes, os poderosos, que dela se utilizam com objectivos pouco nobres na ânsia de acumularem os bens terrestres e aumentar o domínio sobre os homens. Quase que o vemos ter saudades dos tempos antigos onde, nas suas palavras:

«A ciência era protegida... por uma sociedade secreta na qual se não poderia entrar sem passar por diversas provas que iam para além do campo da inteligência simples, provas relacionadas com a sobriedade, a discreção, a aptidão para pensar naquilo a que se poderia chamar a quinta dimensão».

Efectivamente, confundiam-se os mistérios religiosos com os segredos científicos, ambos a guarda dos sacerdotes. Mas nós, por muito que lamentemos os maus usos e os abusos dos resultados oferecidos pela pesquisa científica ao longo dos tempos, não acreditamos nas virtudes do controlo dos resultados por uma nobreza (mesmo aberta) de gente particularmente inteligente e com outras qualidades estimáveis elas todas. Aliás o próprio Graves num dos seus escritos fornece mais alimentos para o nosso ceticismo. Diz ele:

«Nos tempos antigos, o uso das descobertas científicas era cuidadosamente guardado por razões sociais e se não pelos próprios cientistas, pelos seus governantes. Assim, a máquina a vapor, inventada no tempo Ptolomaico, para bombear a água para o cimo do famoso farol da ilha de Faros, foi rapidamente abandonada porque encorajava a perseguição dos escravos que, anteriormente, acarretavam a água em sacos de pele, trepando pelas escadas.

O mesmo aconteceu com a invenção, há longo tempo, do moinho de água para moer o milho. Não foi explorada pelos romanos por razões idênticas à da bomba de água dos faraós o milho era moído em almofarizes pelos escravos. Mais notável, ainda, foi a invenção medieval da bateria eléctrica pelos Sufis de Bagdad e a sua decisão em não a usarem para fornecer energia eléctrica para luz, aquecimento e trabalho, de modo a não prejudicarem as artes e ofícios tradicionais. Recordemos, ainda, o relato de Suetónio, dum inventor anónimo que veio junto do imperador Tibério para lhe mostrar uma nova espécie de vidro. Deixou cair de propósito um vaso desse vidro no chão de mármore em frente de Tibério, como se tratasse dum acidente. Quando o vaso não se quebrou, Tibério perguntou-lhe se ele tinha divulgado o segredo da sua manufatura a alguém e, se afirmativamente, a quem. O homem jurou que só ele possuía o segredo pelo que Tibério, imediatamente, o mandou matar, observando que um vidro inquebrável seria tão precioso para se fazerem jóias e peças para a mesa, que desvalorizaria o preço do ouro e transtornaria a economia imperial. Há ainda a história dos mexicanos aztecas, com espírito altamente inventivo, que coheciam a roda e empregavam-na nos brinquedos das crianças nas que poibiam a sua utilização não fosse ela favorecer um ataque de surpresa à capital. E as pirâmides medievais, não longe da Cidade de México, que foram cortadas tão rigorosamente que isto teria sido possível apenas com raios laser — mas este segredo foi escondido dos conquistadores espanhóis e levou cinco séculos a redescobrir-se».

Neste relato de Graves, existe muita ingenuidade e alguma liberdade, digamos, poética, particularmente nesta dos raios laser serem já conhecidos pelos aztecas...

Mas o que diz acrescenta a nossa dúvida de se este estado de coisas era mais saudável do que o actual, embora este se possa considerar, em muitos aspectos, algo doentio.

É certo que os maus usos da poesia nunca poderão ser tão catastróficos como os maus usos das ciências embora os poetas — não faltam exemplos passados modernos e contemporâneos — tenham sido tão indignamente usados como os cientistas. Atravoe-me até a supor que se fosse feito um inquérito quanto à integridade pessoal dos poetas e dos cientistas, estes últimos, como grupo não ficariam a perder. Sem dúvida que os produtos científicos, por sua natureza, podem degradar-se mais facilmente mas isto não dá aos poetas qualquer superioridade moral, é bem de ver. Não poderemos, infelizmente, inspirar-nos nos seus exemplos pois não estão sujeitos às mesmas degradações. O que não quer dizer que, respeitosa e, não os escutemos, particularmente se a sua voz é tão rica como a de Robert Graves, revelador, intensificador e professor — no sentido próprio — de tantas coisas importantes no mundo do homem e que este, também, graças à ciência — principalmente graças à ciência — tanto, modificou e, quae sempre, para melhor.

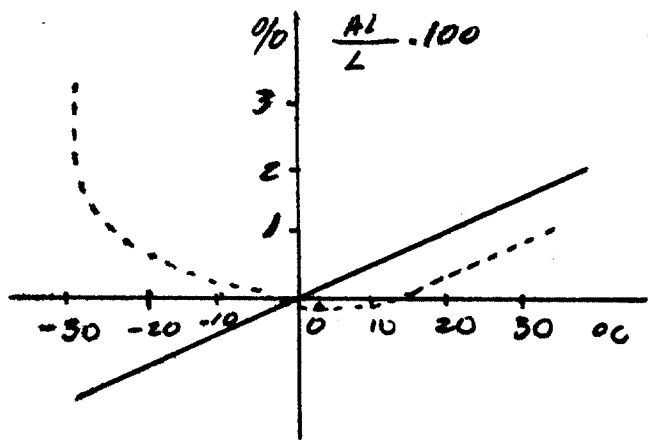


Figura 2 — Variação da dilatação linear duma coluna de água (variação relativa da sua altura) com a temperatura (em abcissas). A tracejada, a curva correspondente à água ordinária. A cheia, a curva obtida com uma amostra de poliágua.

ANTOLOGIA

Do crítico e filósofo inglês
do século XIX, John Ruskin,

SOBRE A EDUCAÇÃO

«A educação não significa ensinar às pessoas o que elas não sabem. Significa ensiná-las a comportarem-se como elas não se comportavam. Não é ensinar aos jovens a forma das letras e as operações com números e deixar que eles transformem a aritmética numa velhacaria e a literatura numa impudência. Significa, pelo contrário, treiná-los para o perfeito exercício e continência real dos seus corpos e almas. É um trabalho doloroso e difícil de realizar, com bondade, com atenção, com conselhos, com preceitos e com elogios, mas, acima de tudo, pelo exemplo».

Continuação da pag. 7

espectroquímicas, espectroscopia fotoelectrónica das camadas interiores, microanálise electrónica, etc., revelavam a presença nessa poliágua de iões de sódio, potássio e cloro, substâncias diversas como silício (um suspeito natural), carboxilatos, nitratos, boratos, lactatos e fosfolípidos, entre outras. Um investigador afirmou mesmo que essa poliágua era devida a contaminação com suor dos capilares onde se recolhia. A perplexidade aumentava pois, apesar de todos os esforços, apenas se podia fabricar quantidades mínimas de produto, alguns microgramas. Mesmo a frente soviética abria brechas pois um espectroscopista de massa Tal'rose encontrara nas amostras de Derjaguin vestígios de lípidos e outros materiais orgânicos. Aqueles grupos que mais acreditavam na existência da poliágua, nos últimos tempos, repetindo as experiências e refinando as condições de trabalho lentamente e relutantemente iam-se convertendo ao grupo dos que não acreditavam na existência dessa água anómala. Allen, em Princeton, mostrava afinal que novos cálculos mais refinados da mecânica quântica do sistema não poderiam ser satisfeitos energeticamente pelo modelo que tinha proposto (figura 3). As próprias determinações do peso molecular realizadas pelo grupo soviético invalidavam o modelo apresentado. O assunto ficou finalmente encerrado com um recente trabalho de Deryaguin e novos relatórios dos Laboratórios de Tyco e do grupo do National Bureau of Standards-Universidade de Maryland, onde se concluiu que **não existe** essa forma alotrópica da água e que os resultados anteriores se devem, provavelmente, a arrasta-

A ÁGUA ANÔMALA

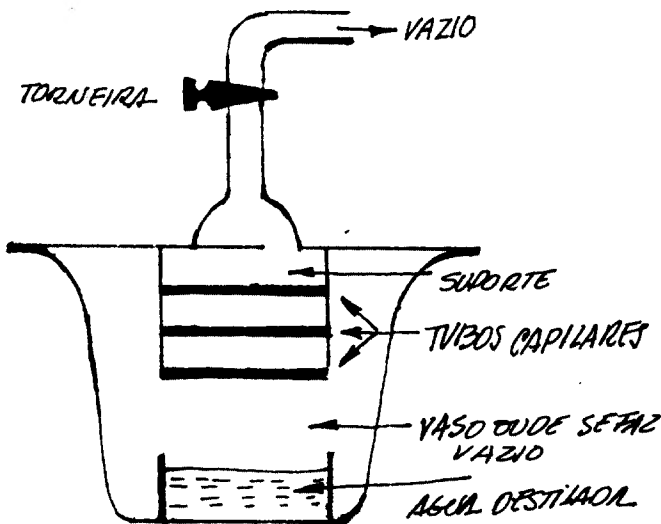


Figura 1 — Dispositivo para preparação da água anómala. A temperatura ambiente faz-se o vazio no recipiente que contém água destilada. Esta condensa-se nos tubos capilares e formar-se-ia assim a água anómala ou poliágua por condensação nesses tubos capilares

mento de átomos de silício dos tubos capilares, devido ao tratamento térmico a que foram submetidos durante a sua fabricação e, também, a certos compostos orgânicos de alta estabilidade.

Ponto final, pois. Mas o caso é importante como exemplo dos métodos científicos em acção e da luta de personalidades e interesses a que sempre se encontra ligado e cuja integridade permaneceu inatacável neste caso, felizmente. O Professor Allen que, como vimos, interveio activamente neste episódio, chega mesmo a escrever: «Não há dúvidas de que estes acontecimentos originaram algumas dúvidas muito sérias nos participantes quanto aos seus próprios juízos e quanto ao seu próprio

valor como cientistas. Poderá um cientista realmente de primeira categoria saber rápida e instintivamente que qualquer fenómeno, como a poliágua, resultará ser um artefacto? Poderá ele alcançar imediatamente, mesmo com dados de experiências realizadas cuidadosamente, o âmago da verdade? Dier-se-á: «tanto esforço inútil». Pelo contrário, os fenómenos de adesão e da modificação dos líquidos por condensação e, até, os nossos conhecimentos sobre a água — a sua estrutura, estabilidade, solvatação e cinética — receberam um impulso importante que se refletirá no futuro.

Em ciência, muitas vezes, mais importante do que os resultados são os caminhos seguidos para os alcançar.

AUMENTA O COMÉRCIO NO NORTE

«Aumentou o número de retalhistas de mercearia na zona norte» segundo noticiou a publicação bimensal «O Mercador», apoiando-se no relatório anual do Grémio dos Retalhistas de Mercearia do Norte.

Apesar de o comércio de mercearia se encontrar numa fase em que seria de esperar a desistência do exercício da actividade por parte dos comerciantes, verifica-se na prática que o número de retalhistas tem vindo a aumentar. Assim, em 1971 existiam 17 997 estabelecimentos inscritos no Grémio dos Retalhistas de Mercearia do Norte, enquanto em 1972 esse número subiu para 18 053.

O mesmo relatório depois de salientar que «continuam a afluir ao comércio de mercearia, indivíduos sem o mínimo de requisitos técnicos, profissionais e económicos para o exercício da actividade», especifica números para os diferentes estabelecimentos de comércio a retalho.

De 1971 para 1972, o número de retalhistas de mercearia subiu de 17 252 para 17 278; em supermercados o aumento foi de 21 para 35; em ambulantes de

mercearia, de 252 para 261; ambulantes de azeite de 357 para 362 e feirantes de 28 para 30.

Ao contrário dos Grémios dos Retalhistas do Centro e do Sul, o Grémio do Norte pensa

que seria de suspender as inscrições gremiais enquanto não «fosse adoptado um regulamento da actividade dos comerciantes de mercearia a retalho».

NIEMEYER PROJECTA UM MUSEU NA MADEIRA

FUNCHAL, — (ANI) — A exposição permanente de artistas contemporâneos portugueses que ontem abriu na cidade turística da Água da Pena, na Ilha da Madeira, marcou o primeiro passo para a edificação e montagem do primeiro Museu de Arte Contemporânea da Ilha da Madeira, o qual será desenhado pelo arquitecto brasileiro Niemeyer, autor do projecto de Brasília.

Para esse museu, foram já entregues seis obras — que se integram na exposição agora inaugurada: duas placas de cerâmica de Arthur José, uma gravura de Camila Loureiro, e três óleos, respectivamente de Artur Boall, Mário Silva e Jorge Bandeira.

A exposição foi temporariamente organizada nos salões do cinema que serve a cidade turística, e foram os artistas Camila Loureiro, Mario Silva e Artur Boall quem fez a apresentação das obras, durante a sessão inaugural a que presidiu o governador do distrito, coronel Brancamp Sobral, acompanhado por sua mulher.

A DESMOBILIZAÇÃO ESPACIAL

Continuação da pag. 3

realizações que, sem concorrer com as dos Estados Unidos, os pudessem dissuadir de recusar aos seus parceiros eventuais um determinado número de garantias verdadeiramente satisfatórias. Psicologicamente, seria necessário que tais países se convencessem não de que a empresa era possível, mas ao alcance dos meios que nela pudessem ser investidos.

Depois da decisão americana de realizar esse novo tipo de nave, o segundo acontecimento importante é a escolha inelutável perante a qual se encontra a Europa. Os países que queiram escapar a uma eventual dominação americana devem investir rapidamente somas importantes para se apetrechar com o necessário equipamento espacial. Isto é claro, mas tudo se passa como se esses países tivessem hesitado nesse aspecto. Talvez eles tenham tido dificuldade em encontrar uma argumentação convincente. É certo que também era impossível fazer crer que a condição essencial da independência estava realizada: como no passado, mas talvez com uma maior acuidade, a Europa trouxe à luz do dia as suas divisões.

Mostrar-se agressivo perante a supremacia espacial americana é tanto mais deslocado quanto o espírito de concórdia que marcou o início da era espacial tende actualmente a esbater-se. Além disso, apareceu um terceiro caminho: os Estados Unidos e a União Soviética decidiram realizar um voo espacial comum em 1975. Será difícil não ver no dispositivo de acoplagem que os americanos imaginaram, e que os soviéticos aceitaram, o símbolo de uma época nova.

Este voo conjunto não significa porém que os dois países renunciaram a qualquer forma de rivalidade. Mas não há dúvida de que constitui um primeiro passo nesse sentido.

Ao conceberem um projecto de acoplagem que permite a

junção de duas naves espaciais habitadas, sejam elas quais forem, não era bem a possibilidade de uma aproximação entre uma cabina Apollo e um Soyuz que os especialistas tinham em vista. Há muito tempo que eles se interrogavam sobre a natureza dos meios a aplicar para proceder ao salvamento de uma equipagem perdida no espaço; ora a realização de um tal sistema de acoplagem constitui uma primeira etapa para a elaboração de um dispositivo de salvamento eficaz. Esse é um problema que, embora talvez o não pareça, se tornou de actualidade, dadas as crescentes dificuldades com que se debatem tanto os soviéticos como os americanos. E será o quarto facto a merecer a nossa atenção.

Umas a seguir às outras, três experiências espaciais recentes estiveram muito longe de correr como o previsto: as avárias que se acumulam do lado soviético, um primeiro habitáculo espacial «made in USA» que se revelou quase inabitável, e um par de satélites franceses, Castor e Pollux, que acabam tristemente por cair no mar... Entre o gigantesco Skylab, o mais modesto mas ambicioso Salyut e os dois satélites gémeos franceses, não existe outra relação além da do período do ano em que os três tentaram a sua sorte. É inútil procurar-lhes um mesmo denominador comum.

E, contudo... No estado actual dos inquéritos que foram abertos, ao que parece, de um e outro lado, é difícil aventar hipóteses sobre as causas de tais acidentes. No entanto, tudo indica que ao entusiasmo e precisão de que os técnicos deram provas durante mais de uma década se sucedeu um certo desleixo. Será fadiga? Ou tratar-se-á de uma consequência do desinteresse da opinião pública que deixou assim de sustentar o esforço dos especialistas? Não se sabe bem ao certo o que se passa na União Soviética, mas quanto aos centros americanos, quer se trate do Kennedy Space Flight Center (Florida) ou do Johnson Space Flight Center, em Houston, no Texas, o ambiente é bem conhecido: a uma vaga de demissões sucederam-se os despedimentos. Em especial o ritmo de execução dos progra-

mas foi profundamente alterado. De facto, um diferir no tempo pode acarretar, caso não se tomem precauções rigorosas, uma desorganização em profundidade: o que devia ser vigiado e controlado num momento preciso é o um pouco mais tarde... o que não é bem a mesma coisa.

DESMOBILIZAÇÃO

O mesmo se passa no campo francês da Guiana. É evidente que não se deve subestimar o tempo necessário para uma experiência espacial, por menor que seja a sua importância. Mas é certo que as equipas francesas da Guiana se encontram aborrecidamente meio inactivas.

Será portanto legítimo concluir que existe uma desmobilização psicológica dos engenheiros e técnicos que nos Estados Unidos, na União Soviética ou em França têm menos que fazer do que previam os programas? Mas no caso da U.R.S.S., por exemplo, o ritmo dos ensaios não parece corroborar esta explicação. Em face do que seja talvez mais justo falar de falta de preparação e de uma maior dificuldade do que no passado em dominar uma série de técnicas que se vão tornando mais complexas.

No momento em que entra na sua segunda década, quatro factos dominantes caracterizam assim a exploração do espaço: uma nova tecnologia, inaugurada com as naves de ida e volta; uma inquietação, a de uma Europa que se nega a si própria os meios de uma política que desejaria seguir; o começo de uma aproximação entre os dois «grandes» do espaço; por fim, um possível cansaço por parte dos especialistas...

Tudo se confunde: os homens, a inovação tecnológica, o receio de uns de estarem sujeitos a uma grande dependência, o desejo de outros de iniciarem uma primeira aproximação. Atitudes, sentimentos, reacções contrárias a tudo o que caracterizou as primeiras horas da conquista do espaço. Nessa altura, todos os que nela participavam dispunham de meios quase ilimitados e davam o melhor de si próprios, enquanto que os outros, que não tinham voz na matéria, se limitavam aos comentários. É uma página que se volta, lentamente...

Prepare
o futuro de seu filho!...

facilite-lhe o estudo
dando-lhe artigos,
técnica e pedagogicamente
certos.
Prefira Pelikan



Pelikan

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires. 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

AFFECTADA A INDÚSTRIA DE CONCENTRADOS

PRAGA DE "LAGARTAS" DESTROÍ CULTURAS NA ZONA DO CAIA

Continuação da pag. 1

PREJUÍZOS CONSIDERÁVEIS

Toda a zona do Caia foi afectada e, numa área de 600 a 700 hectares, metade da produção pode considerar-se neste momento perdida, enquanto cerca de 2000 hectares mais sofreram também estragos importantes. Isto equivale a uma perda de pelo menos 25 por cento da produção de tomate da região e, provavelmente, a menos 4000 a 5000 toneladas de concentrado fabricado, o que representa prejuízos inerentes. Os industriais ligados ao sector pensam que, sobretudo nos Estados Unidos e Inglaterra, haverá muitos clientes ressentidos e que só continuarão a comprar em anos muito bons.

O mercado apresentava boas perspectivas no futuro a médio prazo quanto a preços, acentuando-se as dificuldades na obtenção de matéria-prima. Recorda-se que em 1972 as exportações portuguesas de concentrado de tomate atingiram cerca de 160 000 toneladas.

Uma visita à vasta zona atingida, o perímetro de regadio do Caia — mais concretamente a área de regadio dos concelhos de Elvas e Campo Maior — permite fazer uma ideia destes prejuízos.

A zona foi já visitada por técnicos nacionais e estrangeiros, parecendo a todos evidente que a razão básica do que aconteceu — estragos consideráveis e perdas significativas em colheitas que se anteviam potencialmente muito boas — foram as temperaturas excepcionalmente altas que se registaram na ponta final do mês de Julho e durante o mês de Agosto, conclusão aliás confirmada pelos registos de temperatura obtidos nos serviços oficiais da região que mostram ter sido a média das temperaturas mínimas das noites cerca de 10 graus acima das registadas nos últimos cinco anos. Aquela circunstância e as altíssimas temperaturas ocorridas durante o dia naquele período Julho-agosto determinaram consideráveis prejuízos, quer pela queimadura directa do tomate, quer ainda pelo número incalculável de queda de

flores e aborto provocado nos frutos.

ANO PREOCUPANTE

Entretanto o desequilíbrio hídrico da planta, causado pela impossibilidade de manter níveis de rega adequados, provocou o envelhecimento precoce das plantas e o apodrecimento da grande maioria do tomate queimado. E como se não bastassem já aqueles efeitos que, só por si, se poderão computar como determinantes de uma quebra de produção de ordem dos 10 por cento, uma outra consequência foi o catastrófico ataque de «lagarta» que infestou a maioria dos campos. As condições climáticas não podiam ter sido mais propícias ao aparecimento e disseminação de tal praga.

O uso das técnicas mais adequadas, a utilização dos processos mais modernos — avião

e helicóptero — bem como a aplicação dos insecticidas recomendados como mais efectivos foram tornados totalmente ineficazes.

No entanto, não foram só estes os prejuízos resultantes, pois que, as altas temperaturas aliadas à humidade da rega, mais ajudaram ao desenvolvimento dos bolores nos frutos queimados e com podridão apical, bem como em todos os já atingidos pela «lagarta». Em consequência surgiu um elevadíssimo teor de bolores que torna uma grande maioria do produto fabricado não comercializável nos mercados com exigências específicas nesse campo.

Decididamente, para a indústria do tomate no nosso País, o ano de 1973 foi preocupante e, do ponto de vista económico, muito abaixo das expectativas. Basta lembrar que, meses atrás, parte da zona ribatejana foi duramente atingida por violento temporal que tudo destruiu, aniquilando de vez a quase totalidade da produção de tomate duma região.

Junta-se aquela a catástrofe de agora que, igualmente, atingiu a maior das regiões de tomate do País, se bem que em grau mais reduzido, dado que a região alentejana que visitamos, pelas suas habituais altas temperaturas, mais propícias condições tem para o desenvolvimento rápido do verme destruidor.

MEDIDAS

Se atentarmos nos dois graves acidentes que a produção e indústria de tomate sofreu



neste mesmo ano poderemos ter uma ideia do que, para este importante sector da economia nacional, eles representam no corrente ano. Efectivamente, a exportação de concentrado de tomate tem sido, nos últimos anos, dos sectores que mais decisivamente têm contribuído para a entrada de divisas no País. Além disso, e como factor igualmente importante, os nossos industriais do sector enfretam neste momento um outro aspecto que lhe é criado por força da enorme quebra de produção nesta campanha: a salvaguarda do prestígio em todos os mercados internacionais.

agrícola ligado à indústria de concentrado de tomate enfrenta fizeram aflorar ao nosso espírito a ideia de quanto de útil seria a existência de postos fitossanitários que, habilitados com meios técnicos de combate às pragas e com actualizadas informações climáticas, prestassem aos agricultores, em cada momento, a assistência indispensável para evitar, se possível, ou ao menos minimizar, os efeitos de catástrofes como as que atingiram agora a cultura do tomate. Cremos mesmo que um serviço deste tipo existe, certamente com resultados positivos, nos regadios da vizinha Espanha.

Um técnico da Junta Nacional das Frutas que esteve no Caia ficou impressionado com o que lhe foi dado ver.

Na próxima semana está prevista uma visita à região do ministro da Economia. Uma acção imediata, se bem que já nada pudesse salvar este ano, permitiria aos agricultores e industriais encarar com mais optimismo os anos futuros.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

PRONTO A VESTIR PARA HOMEM
E SENHORA DAS MELHORES
MARCAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios * Sedas * Algodões * Malhas
Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS



Em mais de 600 hectares pode considerar-se perdida cerca de metade da produção

BUARCOS FESTAS DA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Estão a decorrer os tradicionais festejos da vila de Buarcos, organizados pelo grupo Caras Direitas. Até segunda-feira haverá sessões de cinema com os filmes «Morte é traição», «A maluquinha de Arroios» e «O Delicadinho do 5.º». Do programa constam também variedades com Maria de Lurdes Resende, Artur Garcia e Jorge Machado, assim como dos ranchos das Cantarinhas e Folclórico do Ribatejo. Há também verbena e quermesse.

CARTA DO BRASIL

No começo apareceu uma noticiinha perdida na vala-comum dos jornais — «Descobriu-se a existência de uma quadrilha que há vários anos vem vendendo por todo o Brasil falsos diplomas de ensino primário, secundário e superior. A Polícia Federal já comunicou o facto às autoridades do Ministério da Educação».

Felizmente pouca gente leu. Depois, aqui e ali, o assunto foi voltando à imprensa, ainda em termos de notas breves, onde não faltou a insinuação de que se tratava, em São Paulo, de uma espécie de máfia, trabalhando nessa nova e criminosa indústria.

Apareceram, é certo, alguns desmentidos. Haveria, admitia-se, um ou outro caso esporádico, não indo além do que costuma acontecer com breves surtos de inábeis imitações das, aliás inimitáveis, cédulas da Casa da Moeda. Pequenos casos logo resolvidos pela eficiente energia policial.

Já parecia que o perigo passara quando, em largas manchetes, o assunto voltou aos jornais, assustando meio mundo com a declaração formal do Chefe da Polícia, em

Brasília, ao afirmar publicamente que existiam, no Brasil, **MAIS DE DUZENTAS MIL PESSOAS**, com falsos diplomas universitários, expedidos nos últimos dez anos. O espanto foi geral.

— O quê?

— Será que o meu advogado é um vigarista?

— Será que o meu marido é um curandeiro?

SER PARA EXISTIR — I

Sempre ouvi dizer que o Brasil é um país de doutores. Com o respectivo grau, e o inevitável, anel, adquire-se hoje o status social que substitui os títulos nobiliárquicos dados, em tempos idos pelos dois imperadores, D. Pedro I, e o sábio D. Pedro II, que assim galardoavam a fidelidade (aliás incomprovada na maioria dos casos) dos seus súbditos.

Veio depois a República. Desde então todo o Zé da Silva, todo o Mané da Costa, passou a sentir-se como se estivesse nu. Vestiu-os, porém, uma nova mentalidade que, trazendo em si o reino unido da burocracia e da nova classe burguesa, abriu as necessárias universidades no intuito de se fabricarem sucessivas gerações de bacheréis. E foi assim, como julgam os autores

daqueles compêndios da História Nacional. — aliás contestados como contei aqui, pela professora Jacy Camarão, — **que o Brasil se transformou num país de doutores...**

SER PARA EXISTIR — II

Desde que vim para o Brasil só tenho exactamente amigos doutores. Não dá outra coisa. E eu, pela força do hábito, passei também a ser tratado por doutor, até que, — ai de mim! — ao surgirem os meus primeiros cabelos brancos, passei à categoria **honoris populi** de professor. Professor de teatro. Isto faz parte da mecânica social.

SER PARA EXISTIR — III

Mas voltemos ao negócio dos falsos diplomas que, segundo as autoridades policiais, foram concedidos, como disse acima, **a duzentos mil indivíduos** que andavam por aí competindo, lado a lado, com os que se formaram de verdade. E todo o mundo quer saber: — quem são eles? Onde estão? Venham os nomes...

No entanto o sigilo ainda é grande.

SER PARA EXISTIR — IV

Há factos que já se tornaram públicos. Uma quadrilha presa recentemente no Rio de Janeiro, tinha a seguinte tabela: **Diploma do curso primário:** duzentos cruzeiros. **Do curso secundário:** oitocentos cruzeiros. **Do curso superior:** dois mil cruzeiros.

SER PARA EXISTIR — V

Sejamos francos: era

tentador. Qualquer semi analfabeto, no curto espaço de um mês, poderia entrar no mercado profissional, disputando a função de médico, ou de advogado, ou de engenheiro, ou de arquiteto (está talvez aí a razão de tanto desabamento de pontes e de elevadores) etc. etc. — pela insignificante quantia de três mil cruzeiros.

Um autêntico negócio da China, como se dizia antigamente. Ou uma lança em África. Ou como disseram com certeza os felizes duzentos mil: um verdadeiro **barato**.

SER PARA EXISTIR — VI

Mas agora, leitor, com as autoridades dispostas a tudo esclarecer e a levar os culpados ao banco dos réus, qual será o destino desses duzentos mil usurpadores, para não dizer coisa pior? Como poderão justificar tão ardilosa malandragem

SER PARA EXISTIR — VII

Pois bem. No desejo de esclarecer os leitores, por certo interessados em conhecer as trágicas consequências deste tão lamentável acontecimento, fui ontem procurar dois amigos meus, um, médico, o outro, advogado, homens realizados, e felizes, e que costumam reunir-se, à noite, num dos bares mais sofisticados de Copacabana. Lá estavam ambos tilintando o gelo nos seus copos de **whisky**.

— Ainda bem que os encontro...

— Que é que há? fez um deles, o médico Adalberto Gismonde, de rosto tenso...

— Nada de grave. Mas queria ouvir vocês sobre esse negócio dos diplomas falsificados...

— Ora vá pró diabo! disse o outro, o Dr. Felisberto Novali, acendendo um cigarro.

— Desculpem. Mas o que eu queria saber era o que pensam sobre o assunto, profissionais, como vocês, acima de qualquer suspeita...

— Quer dizer que já sabe?

— Sei do escândalo. Mas quero ouvir de vocês uma palavra de repulsa...

— A quem?

— A esses duzentos mil trapaceiros.

— Deixa de cinismo.

Por certo já ouviu dizer que os nossos nomes já estão aparecendo nessas listas...

— Eu? De jeito nenhum!

— Ah, é? Então é melhor ficar sabendo a verdade. Sim, nós compramos os nossos diplomas. Sim, **compramos os diplomas**. E de aí?

— O homem, continuou o outro, é que faz o seu destino. Não são as universidades que criam os grandes médicos, os grandes advogados. Só o ignorante é que precisa de diploma.

— Eu nasci para cirurgia...

— E eu para advocacia.

— Mas... então, murmurei desconcertado.

— Olhe, meu pai era servente num hospital. Eu ia levar o almoço dele. E entrava na enfermaria. Fui tomando contacto com aquilo. Ouvia a opinião dos mestres. Ia aprendendo. E muitas vezes esses professores deixando morrer doentes que eu sentia que poderia salvar.

— Quer dizer...

— Que a medicina é um dom. Mágico, se quiser. Mas um dom.

E o outro, com voz so- turna:

— Meu pai um dia foi preso. Injustamente. Acusado de assassinato. Esteve sete anos na Penitenciária. Então eu, sozinho, acabei desvendando o crime. Fui à polícia. Disse quem era o verdadeiro criminoso. Tinha as provas. Salvei meu pai.

— Aí tem. Foi assim que o destino nos marcou. Para quê tirar curso, perder tempo, se eu era por instinto um grande médico?

— E eu um advogado nato?

— Mas se agora se provar que compraram diplomas falsos? Isso dá cadeia.

— E quem pode negar que tenho feito as mais espantosas operações? Os mais arriscados transplantes?

— E quem pode mandar de novo para a prisão os réus de quem provei a mais completa inocência?

— Quer dizer...

— Que ninguém terá coragem de se levantar contra nós. Nós somos a prova evidente de que não é a universidade, nem o diploma, quem faz o homem.

A verdade está escrita lá em cima nos astros.

O único diploma é dado por Deus, compreende?

E então mandaram vir uma nova garrafa de **whisky**.

— E que não seja falsificado, disse um deles, ameaçador.

NOTA: É claro que os dois nomes acima mencionados não são os verdadeiros. Eu não iria, por este meio, **alcaguetar** dois amigos do peito.

2.ª «NOTA»: **Alcaguetar**, — em gíria é denunciar.

LIVROS RECEBIDOS

De Alexandre Coelho, licenciado em ciências económicas e financeiras, escritor, recebi, com um amável cartão, dois livros: **Teoria Geral do Atraso Português**, e **Os Lusíadas e a Pátria**. Duas obras onde o economista e o patriota se dão as mãos naquela prece camoniana por ele citada:

«**Fazei, Senhor, que nunca os admirados Alemães, galos, italos e ingleses/ Possam dizer que são para mandados/ Mais que para mandar os portugueses**».

Admiro e louvo Alexandre Coelho. Só que nem alemães, nem galos, nem italianos, nem ingleses, estão sendo agora os donos do mundo. Hoje as forças mudaram. E visto que transcrevi os quatro versos de Camões, vou citar, por minha conta, os outros quatro, estes talvez menos optimistas. São de Sá de Miranda:

«**Ó cousas todas vãs, todas mudáveis. Qual é o coração que em vós confia? E passa outro dia, passa outro dia/ Incertos muito mais que ao vento as naves**».

Depois de ler Alexandre Coelho, vejo Portugal como uma imensa medalha de ouro onde, na face oculta do sol, estão estas palavras do autor:

«**Dois factos marcaram profundamente o país: a publicação dos Lusíadas, e a derrota de Alcacer Kibir**»...

Na outra face, aquela que o sol da manhã ilumina, creio entender uma só palavra, sempre presente em toda a história da cultura portuguesa: **Liberdade**.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes 28 - apartamento 908 - COPACABANA - G. B. BRASIL

VERÍSSIMOS SALDAM

GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA. TODO O RESTO DA COLEÇÃO DE VERÃO DE PRONTO A VESTIR — CENTENAS DE CAMISAS DE PADRÕES RECENTES, CALÇÕES DE BANHOS, MALHAS, CALÇAS, BLUSÕES, ETC.

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Está aberto concurso para terceiros empregados deste Estabelecimento, até ao dia 15 de Outubro próximo, ao qual poderão ser admitidos indivíduos do sexo masculino com idade não inferior a 21 anos nem superior a 30 na data do encerramento do concurso, que comprovarem encontrar-se habilitados com o 2.º ciclo liceal ou equivalente.

A norma obrigatória do requerimento e outros esclarecimentos serão facultados aos candidatos em qualquer Filial ou Agência da Caixa e em Lisboa, no Largo do Calhariz, no Serviço de Pessoal.

NÃO-ALINHADOS

Por A. Villaverde Cabral

Os países não-alinhados, que agora se reuniram em Argel, fornecem um exemplo bem claro das contradições e complexidades deste mundo em que temos a sorte de viver. A esmagadora maioria desses países tem a sociedade organizada em moldes de economia de livre empresa. Uma grande parte — não tão grande como a anterior — desses países não pode ser acusada — referimo-nos aos Governos, evidentemente — de convivência com os grandes países de capitalismo avançado. Pelo contrário, muitos dos Governos do Terceiro Mundo são hoje conhecidos pelas suas posições de antagonismo em relação aos antigos senhores, que, segundo a mensagem de Houari Boumediene, continuam a ser «o inimigo tradicional», em oposição a outros que são «o aliado objectivo».

Existe a tendência generalizada para opor, sem «nuances», o capitalismo ao socialismo. É certo, e ninguém disso duvida, que, em última análise essa será a oposição determinante. Porém, se se não levar em linha de conta aqueles países, sociedades ou povos que, objectivamente, não podem de modo algum estar interessados em antigas servidões, corre-se o risco de elaborar uma política irrealista. A afirmação tanto serve para quem defende a livre empresa como para quem a ataca.

John Foster Dulles, no seu esquematismo iluminado, na sua intransigência quase mística, afirmava que «o neutralismo é uma imoralidade». Se tivermos em conta que, para Foster Dulles, «imoral» era tudo o que se opunha aos interesses dos Estados Unidos, tal como ele os entendia e como ainda hoje são entendidos pelos dirigentes americanos, não podemos deixar de reconhecer alguma razão na afirmação do secretário de Estado do presidente Eisenhower. Na verdade, ser neutral, no tempo da guerra fria e em 1973, significa não participar em blocos militares, significa muitas vezes uma



Os ministros dos Negócios Estrangeiros reuniram-se também no Palácio das Nações de Alger; na foto, a delegação cambojana.



Indira Gandhi, um dos chefes de Governo presentes na quarta cimeira dos países não-alinhados, a decorrer em Argel, escuta a intervenção de um congénere.

política activa contra os tais blocos e pela paz, significa sempre uma recusa mais ou menos acentuada a uma submissão. Para Dulles só a submissão poderia interessar. E dos livros que aquilo que o dirigente americano defendia sempre se tem distinguido pela incapacidade em ver ao longe, em planear politicamente a longo prazo. Tudo se faz com vista aos dividendos a curto prazo.

Por seu lado, os opositores, porque fazem política a longo prazo, pensam que mais vale

um neutro que um inimigo, mais: um neutro é um amigo, em potência pelo menos, para a conquista de determinados objectivos.

A verdadeira independência nacional, pela qual até o truculento coronel Muammar Gaddafi parece lutar, é um objectivo que, a ser alcançado em grau elevado, é contrário aos interesses que Dulles tão acerbamente defendia.

Quando, na Europa, se estabilizaram — durante o século passado — as diversas nacionalidades, não existia a dualidade

socialismo-capitalismo. Hoje, a unificação e independência da Itália, não seria tarefa tão fácil devido à existência dessa nova oposição. Isso não pode porém significar que os italianos devam, por isso, continuar a ser dominados por estes e por aqueles. Quando a burguesia italiana unificou o país e o tornou independente não fez mais do que, salvaguardando as devidas proporções, estão a fazer o regime líbio e outros e como desejariam fazer inúmeras burguesias nacionais de inúmeros países do chamado Terceiro Mundo.

Nada disto é esquemático. Um Governo não-alinhado que hoje assume uma determinada posição pode amanhã ter outra que lhe é contraditória. O papel de socialistas e capitalistas neste campo é o de fazer com que as posições desses governos, mais: dessas sociedades, sejam mais constantes, a favor de um ou contra o outro.

A reunião de Argel, sem quaisquer decisões à hora em que escrevo estas linhas, não adoptará resoluções compulsórias para os seus membros como o idealista

Gaddafi — homem ainda verde nestas andanças — pretende. Poderá, contudo, exprimir um certo número de desejos o que facilitará, no futuro, a acção daqueles que irão lutar por que esses desejos se tornem realidades. Assim, é natural que a conferência recomende a elaboração de uma política comum em relação ao petróleo, prevendo a sua utilização como arma contra os Estados Unidos. Também é natural que os não-alinhados reforcem a sua determinação de auxiliar os movimentos de libertação sobretudo aqueles que operam em África. Gaddafi já prometeu fornecer auxílio directo a alguns desses movimentos.

Por outro lado, os próprios movimentos — são 16 os que se encontram em Argel como observadores — aproveitaram a ocasião para elaborar um documento em que preconizam uma maior coordenação entre eles. Esta decisão dos movimentos de libertação deve também ser entendida como forma de pressão sobre os Governos dos não-alinhados no sentido de os obrigar a dispensar-lhes uma maior ajuda.

A cimeira dos não-alinhados foi prejudicada, no seu aspecto publicitário, pelo assalto à embaixada da Arábia Saudita em Paris por um comando de palestinianos que parecem não pertencer a qualquer organização conhecida.

Quase todos os países árabes em Argel se pronunciaram contra este

acto de palestinianos. Arafat, o dirigente da Organização de Libertação da Palestina (OLP) — que agrupa todos os núcleos de combatentes palestinianos — também condenou o assalto. A União Nacional dos Estudantes Palestinos em França difundiu um comunicado em que verbera o acto destes «anarquistas» que só pode prejudicar a «luta do povo palestiniano pela independência».

O VISTO

O presidente Georges Pompidou vai à China.

Acompanham-no, como é uso e costume, muitos jornalistas franceses e até de outras nacionalidades. As autoridades de Pequim autorizaram a entrada no país de todos os jornalistas, excepto um que viu recusado o seu visto: o enviado do jornal diário «L'Humanité», órgão do Partido Comunista Francês. Outros diários franceses como

«Le Figaro» e «L'Aurore» terão os seus representantes ao lado do sr. Pompidou, do sr. Chu En-lai e de Mao Tsé-tung. Como é natural que a decisão das autoridades chinesas não se tenha baseado em critérios jornalísticos, sobre a qualidade dos jornais, a recusa do visto ao homem de «L'Humanité» só pode radicar-se numa opção política. Entre «L'Humanité» e «L'Aurore», em Pequim prefere-se «L'Aurore».

MERCEDES-ROVER BMW-MARCAS DA GM

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO

PEÇAS DE ORIGEM

TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA
AFIXADA A PÚBLICO

C O T A L A — Rua de Artilharia Um, 105 - A e B
C O T A L B — Rua dos Lusíadas, 113 - A e B

SERVIÇO INDEPENDENTE

Politica nuclear Francesa

A POLÊMICA CONTINUA

As recentes explosões nucleares, provocadas pelas experiências francesas no Pacífico, deram origem a uma polémica entre membros da Igreja e do Exército francês que serviu de catalisador a uma série de tomadas de posição, mais ou menos polémicas, que as páginas do «Le Monde» repercutiram abundantemente. Eis algumas diversas opiniões sobre tão candente problema.

A INCLINAÇÃO PERANTE A ORDEM

JURÍDICA

Que diferença separa a linguagem de Michel Debré, chamando cada povo a produzir «a prova da sua capacidade de afirmar a sua independência», pedindo-nos para manifestarmos a «nossa aptidão para não sermos comandados» (e de passagem insultando gravemente, tanto quanto pode, todos aqueles que não partilham da sua opinião) e a linguagem das equipas terroristas que desviam um avião? (Não me refiro aos actos, que contém formas de violência diferentes). De um lado e doutro, é a mesma vontade de fazer o que bem se quer, o mesmo pensamento que podemos muito exactamente qualificar de anárquico. A humanidade organizada é ainda extremamente fraca; não pode desenvolver-se senão pela boa vontade de toda a gente e, mais precisamente, pela subordinação voluntária à ordem internacional. Não há verdadeiramente qualquer mérito para a França em fazer o que quer. Mas dela depende tornar o mundo um pouco mais perigoso, ou, pelo contrário, contribuir para a construção da humanidade, inclinando-se perante a ordem jurídica.

Voltemos a questão que nos parece primordial: a França tem o direito de proceder às explosões que, de facto, provocou? Que não se invoquem as precedentes explosões americanas, inglesas ou soviéticas: em primeiro lugar, estas ocorreram num momento em que estávamos muito menos conscientes dos seus perigos e éramos muito menos sensíveis à qualidade do ambiente, no que a sua fragilidade diz respeito; e por outro lado, não é por uma pessoa ter deixado outra passar sobre o seu campo que eu posso fazer o mesmo. A França pensa ter o direito a seu favor. Talvez tenha razão. Mas a Austrália, a Nova Zelândia e muitos juristas de todo o mundo são de opinião contrária. Eu, pessoalmente, não me sinto habilitado a emitir uma opinião definitiva. Mas a humanidade deu-se os seus juizes através da instituição de um Tribunal de Justiça Internacional. Este, porém, segundo a França, não é competente na especialidade em causa. Em todo o caso, o simples facto de se recusar a comparecer perante um tribunal, em vez de cortêsmente se explicar perante os juizes, como faz qualquer entidade que julga um determinado tribunal incompetente para a causa em questão, é um acto de abstenção que permite ao mundo duvidar do valor da sua posição, e parece uma fal-

ta grave perante a Humanidade — de hoje ou de amanhã. **ANDRÉ TUNC** (professor de Direito Internacional em Paris I)

O ÍNDICE DE UMA GRANDE IGNORÂNCIA

A política da defesa não é determinada pelos militares, mas pelo Presidente da República e pelo Governo, ambos resultantes do sufrágio do povo francês. Na definição desta política, o Exército pode participar, mas a título consultivo, e não intervir directamente senão no estádio da aplicação, a fim de, nos quadros dos créditos devolutos, aprontar o utensílio técnico que melhor corresponda à política definida.

Reprovar o Exército por este aplicar a política de defesa da nação, tal como ela foi definida e aprovada pelos representantes do povo, é evidentemente ilógico e, sem qualquer dúvida, malévolo. Se o povo francês não aprova a sua política de defesa só a ele diz respeito aprovar uma alternativa. O Exército obedecerá.

Mas seria necessário que o povo tivesse uma visão clara das opções que lhe são propostas, de tal modo que a decisão fosse tomada com conhecimento de causa. A escolha, aliás, é simples, porque as opções são apenas três:

— Suprimir a defesa nacional. A França poderia mesmo declarar-se neutra e afectar mais extensos meios à manutenção da ordem interna, realizando sérias economias.

— Conservar apenas um exército convencional e colocar-se sob o abrigo de um escudo nuclear estrangeiro, soviético ou americano ou, em rigor, chinês, se a China aceitasse tal papel. Esta solução

é muito válida; basta pormos as nossas forças à disposição de um **leader** atómico: é a política que seguem os alemães, os italianos, os japoneses e os satélites da União Soviética. Convém notar, no entanto, que esta política é dispendiosa, porque o «protector» exige da potência protegida uma contribuição em percentagem do seu PNB, pelo menos igual, senão superior, à que a França consagra à sua defesa actualmente.

— Manter, enfim, uma possibilidade de defesa independente, podendo dissuadir, mesmo uma grande qualquer potência de nos atacar pela força dos riscos e danos em que incorreria se o fizesse — o que implica a posse da arma atómica. É precisamente a política da França e da Grã-Bretanha que, tendo o mérito de existir desde hoje, poderá estender-se à Europa.

O almirante de Joybert tem, portanto, razão sobre o fundo do problema, e as considerações éticas dos nossos bons padres contra a política de defesa do seu país são pelo menos duvidosas, pois não devem ser suspeitas de má fé, de uma grande ignorância.

CORONEL M... (Paris)

A FALSA CANDURA DOS BISPOS

O que ponho em causa não é a recusa da bomba (esta recusa é perfeitamente legítima), mas a falsa candura dos bispos.

Sobre este assunto, como no dossier político e social, é justo que exista uma oposição de laicos que falam em nome de uma ideologia. Todos têm o direito de se expressar em voz alta, aprovando ou desaprovando.

Mas um membro do clero?

Se for padre pode dizer asneiras, seja de esquerda ou direita, tem todo o direito a isso, uma vez que não é mais do que um simples cidadão. Se for um bispo, compromete, **volens nolens**, melhor ou pior toda a hierarquia.

O que dizem os bispos sobre o plano económico, social, militar, qualquer outra pessoa o pode dizer e sustentar: são ideias, digamos que de «esquerda», de que os governantes fariam bem em se impregnar.

Mas, o que é isto? Senhores vestidos de violeta, que se fazem tratar por «monsenhor», que tratam os seus padres como um general ativo trata os seus capitães, que, apesar disso, se dizem «paternais» e que o não são, sendo que aliás o não devem ser (mas quando muito, simplesmente fraterais). Saberão eles, estes senhores que são culpados (e baterão hipocritamente no peito durante a missa por causa disso) do êxodo dos padres que foram mal formados e mal ensinados nos seus seminários, que se encontram frequentemente sós na vida e que um período de desapontamento, moral faz, compreensivelmente, muitas vezes, hesitar?

A culpa aqui será do governo?

— E arrogam-se agora do direito de darem lições «sociais», eles que não auxiliaram um Bergson nem um Teilhard perante os furores do Santo Ofício? Viriam dar-nos agora lições de caridade, os que estiveram com o poder até uma data recente, os que fecham piedosamente os olhos perante as injustiças sociais; os que não proclamaram *urbi et orbi*, como deviam, a sua desolidarização perante as torturas que os franceses promoviam na Indochina e na Argélia? Quem pode agora acreditar neles?

Docteur CLAUDE MONDINE



UMA CIVILIZAÇÃO SOB O SIGNO DO MEDO

A ruidosa campanha conduzida contra o armamento atómico e, exclusivamente, contra o armamento atómico francês, emana de pessoas que para não revelarem as suas motivações se põem a si próprias de pensar até ao

A CONSTRUÇÃO DE UM CENTRO SUBTERRÂNEO DE EXPERIÊNCIAS NUCLEARES

A explosão de uma bomba atómica subterrânea provoca movimentos de solo mais ou menos importantes segundo a sua potência. Portanto, torna-se necessário tomar um certo número de precauções, por um lado para que estes movimentos não deteriorem instalações vizinhas, e por outro lado para que a explosão não provoque fissuras no solo, fissuras por onde os gases radioactivos poderiam escapar-se.

Não se pode portanto instalar um centro subterrâneo em qualquer parte indiferentemente. Para que os abalos do solo não provoquem a derrocada de habitações humanas, existe apenas uma solução: colocar o centro longe de qualquer aglomerado. Os centros de experimentação encontram-se portanto todos eles instalados em regiões desabitadas e, o mais das vezes, desérticas. Para que a explosão não provoque fissuras, é necessário colocar a bomba a uma profundidade suficiente, tanto maior quanto mais forte for o potencial explosivo, e num terreno cujas propriedades mecânicas sejam convenientes.

Encontrar um local deste género no território nacional nem sempre é fácil. Os Estados Unidos escolheram o deserto do Nevada; os soviéticos utilizam dois locais, um na região de Semipalatinsk, outro numa grande ilha ártica da Nova Zembla. Os chineses instalaram o seu centro na região desértica do Sin-Kiang, junto ao lago em vias de secagem de Lop-Nor. Quanto aos franceses, utilizaram o deserto do Sahará (no Hoggar) durante o período em que a Argélia permaneceu francesa, para os seus estudos subterrâneos; as experiências atmosféricas realizavam-se em Reggane.

Após o seu abandono do Sahará, os franceses foram obrigados a procurar novos locais. Escolheram as ilhas vizinhas do atol de Mururoa no Pacífico. Com isto, imitavam os americanos e os ingleses, que haviam utilizado Bikini nas suas experiências nucleares anteriores.

A priori, apenas experiências aéreas podem ser as efectuadas nestas regiões. E, de facto, todas as explosões nucleares que tiveram lugar no Pacífico, americanas, inglesas ou francesas, foram realizadas na atmosfera. Estas ilhas têm a vantagem de ser pouco populosas. Mas, por outro lado, parecem pouco propícias às experiências subterrâneas, prestando-se mal a sua configuração e a natureza do respectivo solo a esta modalidade de experiências.

O Governo francês, no entanto, ao que parece, pensou em instalar um centro de experimentação subterrâneo numa ilha vizinha de Mururoa, conhecida pelo nome de Eiao. Equipas de geólogos, em particular do BRGM (gabinete de investigações geológicas e mineiras), estudaram desde o ano passado a estrutura geológica da ilha. O seu relatório parece ser altamente desfavorável à realização local de experiências nucleares: o solo realmente sólido encontra-se apenas a partir de uma grande profundidade (mais de 1 000 metros) e, para mais, a ilha é de origem vulcânica, não se podendo excluir a hipótese de que uma explosão forte possa reactivar a actividade eruptiva. Esta solução-Eiao, que teria a vantagem de permitir a utilização das instalações especiais montadas nas ilhas vizinhas, parece momentaneamente afastada. Segundo certas indicações, os especialistas pensariam agora em utilizar as ilhas Kerguelen (no sul do Oceano Índico), também desérticas, mas de dimensões bem superiores à de Eiao.

Seja como for, parece excluído do naipe das decisões que possam ser tomadas que a França proceda a experiências subterrâneas antes de passados alguns anos. A construção das galerias e a instalação dos aparelhos de mensuração exigem, na verdade, um trabalho bastante longo, sobretudo porque o centro deve ser afastado realmente de qualquer região habitada.

J.-L.J.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Paga mos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

MÓVEIS

MODERNOS NÓRDICOS D. MARIA LUIZ XV e XVI IMPÉRIO RENASCENÇA SÉCULO XVII

Grande variedade em exposição

TROCAMOS MÓVEIS USADOS

Facilidades de pagamento

ARMAZÉM DE MÓVEIS JORGE

Aven. Almirante Reis, 35 (perto da Igreja dos Anjos)

Telef. 83 21 61

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Aveiro da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas

Viagens apolo 73

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FREIADO

Partidas todas as 5. Feiras durante todo o ano

PREÇOS A PARTIR DE 2.990,00

Estadia com pequeno almoço VISITA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

WAGONS-LITS COOK



Dimitrios I, patriarca de Constantinopla, celebrou no mês de Julho o primeiro aniversário da sua eleição. Ainda pouco conhecido fora das fronteiras da Turquia, o novo primaz da ortodoxia enfrenta — com métodos diferentes — a mesmas dificuldades que o seu ilustre antecessor, Atenágoras I, que ocupara o trono ecuménico durante perto de vinte e quatro anos.

Istambul — A travancade armazéns, perturbado pelo ruído das serrações de madeira, o bairro é modesto. Porém, o patriarca de Constantinopla não vive na miséria como, no Ocidente, alguns acreditam. Empoleiradas num promontório, a dois passos dos cais do Corno de Ouro, as construções do «Phanar» — a igreja, a biblioteca, as repartições e a residência — distinguem-se nitidamente das barracas circunvizinhas. Está-se longe, no entanto, dos salões do Vaticano e das festas da ortodoxia, grega ou eslava, na qual alguns bispos parecem viver em museus.

Uma vez franqueado o limiar do «Phanar», os metropolitãos podem trocar o seu jaquetão por uma sotaina: só o patriarca está autorizado pelas autoridades turcas a usar na cidade o hábito religioso. Mas, o patriarca raramente deixa a sua residência. Em contrapartida, ali recebe muitos visitantes.

Sentado ao fundo de uma grande sala sombria, Dimitrios I manda servir aos seus interlocutores o tradicional copo de água na qual mergulha uma colher de pasta açucarada. A doçura do olhar atenua a impassibilidade do prelado, que não procura nenhum efeito de voz. Os visitantes voltam a partir persuadidos de que a morte de Atenágoras — cujas fotografias estão presentes por toda a parte — não travou os esforços com vista à unidade dos cristãos e que Dimitrios I entende, também e, merecer o seu título de «patriarca ecuménico». Para Paulo VI, ele não economiza os qualificativos: «Consideramos Sua Santidade o papa de Roma», diz-nos ele, «pastor supremo e muito venerável da querida Igreja romana católica, como nosso irmão mais velho em Cristo; testemunhamos-lhe muito amor e honra e desejamos colaborar com ele, exactamente como fez o nosso antecessor, pela unidade cristã e o testemunho comum da Igreja do Mundo». Perguntámos: Prevê um próximo encontro com o chefe da Igreja católica? «Não encaramos a possibilidade de fazer uma viagem ao estrangeiro num próximo futuro».

E ainda demasiado cedo para denunciar qualquer mudança de orientação. Um ano após a morte de Atenágoras, não foi a orientação do «Phanar» que mudou, mas o estilo Dimitrios I que não tem nem a franqueza imponente nem o rosto altivo e atormentado do seu antecessor. Nada marca verdadeiramente este homem de cinquenta e nove anos que não parecia destinado a ocupar o proscénio. «Outsider», a sua eleição provocou uma grande surpresa. Não acabara de ser nomeado metropolitano de Embros e Tenedos, duas ilhas do Mar Egeu onde se situa um dos raros núcleos ortodoxos da Turquia?

Atenágoras — já com setenta e oito anos, em 1964, quando se encontrou com Paulo VI pela primeira vez — tinha pressa de acabar com certas questões em suspenso. Decidia sozinho e rapidamente. Isso causava arrepios aos seus próximos colaboradores. «Mas tinha-se confiança», diz um deles. «Ele saía-se sempre bem».

UMA IGREJA SEM FIÉIS?



O patriarca Atenágoras que aqui vemos com Paulo VI deixou marcada uma orientação ecuménica na igreja ortodoxa que o seu sucessor conpina a seguir.

«Mas tinha-se confiança», diz um deles. «Ele saía-se sempre bem».

Dimitrios I, esse, age com ardor mas sem precipitações. Consulta permanente o seu santo sínodo (doze metropolitãos), e é este último que toma as decisões. «Com o novo patriarca, voltámos ao estilo «phanariota» tradicional», observa um metropolitano.

Uma das primeiras iniciativas de Dimitrios foi a de se dotar de uma repartição particular cujo director faz as vezes de secretário-geral do «Phanar». O sínodo, por seu lado, nomeou uma comissão suplementar — de coordenação e planificação — cuja presidência foi confiada a monsenhor Meliton, o influente metropolitano de Calcedónia, que teria, talvez, sucedido a Atenágoras do ano passado se as autoridades turcas não o tivessem afastado da lista dos candidatos.

Dimitrios I passou com êxito a primeira prova política do seu patriarcado: um conflito com o arcebispo de Atenas, que queria modificar o modo de eleição do sínodo da Grécia. O regulamento com que Constantinopla havia dotado a sua Igreja-filha foi, finalmente, respeitado quanto ao essencial, depois de agitados debates em Atenas e um recurso ao Conselho de Estado. Opondo-se ao arcebispo de Atenas, o patriarca de Constantinopla apareceu ao mundo eslavo (outro ramo importante de ortodoxia) como menos grego, e, portanto, mais «ecuménico». Há quem considere, no entanto, que a estatua de Atenágoras, que dominava os problemas com risco de os negar, teria, talvez, podido evitar um tal conflito.

Como o seu antecessor, Dimitrios I desempenha um papel delicado. Não tendo a ortodoxia o equivalente ao papa, o seu primaz de honra não tem senão o poder que os seus pares muito bem entendem conceder-lhe. As trocas de cartas entre patriarcas ortodoxos são obras-primas de subtilidade, de cambiantes e de subentendidos. Isso não evita que certos conflitos venham à luz do dia: a autocefalia (independência) da Igreja russa da América, recentemente proclamada pela Igreja de Moscovo, não foi, por exemplo, reconhecida ainda por Constantinopla, que recusa às Igrejas autocefalas o direito de «dar ao mundo», por sua própria autoridade, Igrejas-filhas independentes.

Só o grande concílio da ortodoxia, esperado há anos, poderia esclarecer as relações entre as diferentes Igrejas ortodoxas, e definir um pouco melhor a primazia de Constantinopla. Porém, a preparação deste concílio, considerado inoportuno por alguns, tem vindo a ser protelada, e nem sequer há a certeza de que a próxima conferência pan-ortodoxa, que está

encarregada de estabelecer o calendário dos trabalhos conciliares, se ruína antes do fim deste ano.

NINGUÉM EM HALKI

As relações inter-ortodoxas não são a única preocupação de Dimitrios I. Há coisas mais urgentes e mais graves: o patriarcado de Constantinopla continua a ser considerado, na Turquia, senão como um cavalo de Tróia, pelo menos como um corpo estranho, um enclave cultural grego. E verdade que a língua e as tradições do «Phanar» continuaram a ser gregas, embora o patriarca seja de nacionalidade turca, e apesar das declarações de Atenágoras (tinha dito «omeu país», ao falar da Turquia, correndo o risco de chocar profundamente alguns dos seus fiéis). Não se vê bem como poderia ser de outra maneira. Uma «turquização» da liturgia grega, que um católico progressista do Ocidente prescreveria sem hesitar, não seria sequer imaginável para um ortodoxo da região, devido a razões simultaneamente históricas, psicológicas e religiosas. O patriarcado e os ortodoxos da Turquia conhecem, de facto, as dificuldades de todas as minorias, cristãs ou não, levadas a viver num meio hostil. Porque, se o Estado turco é juridicamente laico, a população essa, continuou a ser sociologicamente muçulmana. Nos campos, principalmente, a noção de «infiel» não desapareceu ainda.

E certo que a pressão de Ancara sobre o «Phanar» abrandou nestes últimos anos. A presença de um polícia turco, em trajos civis, no patriarcado é acima de tudo simbólica. Porém, dois factos recentes provocaram um recrutamento de inquietação entre os ortodoxos: a difícil eleição de Dimitrios I, em Julho de 1972, depois do veto imposto pelas autoridades turcas o encontro de vários metropolitãos, e, por outro lado, o encerramento, há dois anos, da escola teológica de Halki.

Halki (em turco Heybeli) é uma graciosa ilha do Mar de Mármara, a 25 quilómetros de Istambul. Meio milhão de gregos aí residia no começo do século. Não conta agora mais do que três mil habitantes, na sua grande maioria turcos. A escola teológica, que domina uma das três colinas da ilha, foi um verdadeiro alfofre de bispos para várias Igrejas ortodoxas. Conta três patriarcas em actividade entre os seus antigos alunos: os de Constantinopla, de Alexandria e de Antioquia. Sucedendo a várias restrições (o número dos estudantes não-turcos foi primeiramente limitado e, depois completamente interdito), o encerramento do instituto, em 1971, ao mesmo tempo que outros estabelecimentos

particulares na Turquia, desferiu um golpe muito severo na actividade do patriarcado. Este, teve de enviar os seus estudantes para Salónica, entre os quais se contavam até agora quatro ou cinco ordenações por ano.

O número dos futuros sacerdotes diminuirá por cento — o que, a longo prazo, pode começar o futuro do trono ecuménico —, pois, os doze membros do sínodo devem ser obrigatoriamente de nacionalidade turca. Mas, ainda não se chegou a isso. Se há ameaça, ela não provém da falta de sacerdotes — são ainda umas seis dezenas —, mas da diminuição constante do número de fiéis. A população ortodoxa (de nacionalidade turca, na sua maioria) passou de cento e seis mil, em 1960, para setenta e três mil em 1965. Hoje não ultrapassará as vinte mil almas. E o êxodo continua: todos os anos a população ortodoxa da Turquia diminui de 8 a 10 por cento devido à emigração. Neste ritmo, o patriarcado de Constantinopla bem depressa estará condenado a morrer, a mudar de casa... ou a subsistir sem fiéis.

Se a primeira solução é excluída por todos os ortodoxos, a segunda — o mudar de casa — dá lugar a constantes rumores que, às vezes, chegam a ser fantasistas. Afirma-se que o patriarca da Bulgária, em recente visita a Istambul, teria oferecido a Dimitrios I asilo no seu país — informação pelo menos suspeita e, em todo o caso, desmentida. Fala-se periodicamente de Creta — e até de Atenas! — ou, mais seriamente, do Monte Athos como novas sedes do trono ecuménico, o que revela, de momento, pura especulação. Existem, sem dúvida, projectos, mas não se quer desvendá-los demasiado cedo. O patriarcado procurará certamente manter-se em Istambul, pronto a lançar um apelo à opinião internacional — último trunfo que não será utilizado muito cedo. De momento, o patriarcado dispõe de um poio, principalmente financeiro, da Grécia, a título de indemnização pelos seus antigos territórios, e dos ortodoxos da América do Norte. Pode também contar com a simpatia do mundo católico, muito sensível à sua abertura ecuménica.

Um patriarcado de Constantinopla, instalado algures que não na antiga Bizâncio, poderia ainda reivindicar o primeiro lugar na ortodoxia? Teria suficiente autoridade moral para exercer a sua função ecuménica? Que representariam os dois milhões de fiéis dispersos, que estão sob a sua jurisdição ao lado de dezenas de milhões de ortodoxos da Rússia? Prefere-se, de momento, não agitar demasiadamente estas questões em Istambul, onde as pessoas não se mostram muito discretas a propósito das dificuldades com a Turquia.

«Quando uma Igreja leva a cruz», contentou-se em dizer-nos a este respeito Dimitrios I, «as condições são sempre favoráveis para proclamar a ressurreição». E, de facto, se o patriarcado ecuménico tiver de renunciar a toda a forma de evangelização na Turquia, a «missão interior» leva-se aqui melhor do que algures. Aqui, os padres sem sotaina estão mais próximo dos fiéis, e os fiéis menos passivos do que nas paróquias da Grécia. Fiéis cada vez mais velhos: são, como acontece frequentemente, os mais velhos que ficam ou, se se quiser, os últimos a partir.

UMA «INSTITUIÇÃO NACIONAL»... DE VOCAÇÃO UNIVERSAL

Responsável pela administração temporal de todos os ortodoxos do império otomano, o patriarca de Constantinopla foi enforcado pelos turcos, à porta da sua residência, quando deflagrou, em 1821, a guerra de independência grega.

O tratado de Lausana (1923) devia garantir certos direitos às minorias religiosas da Turquia. Sob a pressão das potências ocidentais, a delegação turca assegurou que o trono ecuménico poderia continuar em Istambul, com a condição de se limitar a actividades estritamente religiosas. Hoje, o patriarca de Constantinopla, que não tem personalidade jurídica, não é, aos olhos do Governo de Ancara, senão uma «instituição nacional religiosa» cuja jurisdição se exerce sobre os cidadãos turcos de confissão ortodoxa.

Este estatuto restrictivo está em contradição com as actividades do patriarca: por um lado, porque a sua jurisdição eclesiástica se estende a territórios da Grécia (Creta, Monte Athos, Ilha de Rodas), da Europa Ocidental, da Austrália e da América (dois milhões de fiéis na sua totalidade); por outro lado, porque tem, na sua qualidade de «patriarca ecuménico», um papel universal.

Primaz de honra da ortodoxia, o patriarca de Constantinopla não pode, no entanto, intervir na administração interna das outras Igrejas ortodoxas independentes. Também não está habilitado a definir a doutrina e o direito canónico: esta tarefa compete aos concílios da ortodoxia. Todavia, Constantinopla tem um direito de arbitragem em caso de desacordo entre duas Igrejas e o privilégio de convocar as conferências pan-ortodoxas.

ROBERT SOLÉ

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Mais disposições, azia, náuseas e enfiamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin».



caixas com 36 cartelas individuais. A venda nas Farmácias

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço, vendo barato, mobílias casa jantar, quartos, escritório, modernas, nórdicas, Q. Anne, D. Maria, Império século XVII, roupéis, cómodas, jogos maples, sofás-cama, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte da igreja de Arroios).

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Rua Dr. António Bernardino de Almeida

PORTO

Telefone: 484077

Até ao próximo dia 15 de Setembro continuam abertas as inscrições para os seguintes cursos:

- De Enfermagem Geral
- De Especialização Obstétrica para Enfermeiras
- De Especialização Obstétrica para Auxiliares de Enfermagem.



ATLANTICA LINE

Serviço semanal Portugal/USA e Canadá

«ATLANTICA
GENOVA»
18/9/73

NEW YORK/BALTIMORE/
ST. JOHN / MONTREAL /
TORONTO

«ATLANTICA
MONTREAL»
25/9/73

NEW YORK / BOSTON /
BALTIMORE / NORFOLK

Recepção de carga em contentores (grupagem) todas as sextas-feiras no Parque de Contentores da Matinha.

Tempo do percurso Lisboa/New York 6,5 dias.

OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

A U.N.E.F. E O DIÁLOGO

Segundo notícia o último boletim do Instituto Internacional de Estudos sobre a Educação, o último congresso da União Nacional dos Estudantes de França — a UNEF — confirmou, apesar das divergências registadas entre os 250 delegados presentes, uma tendência já antes registada: ficou-se pela definição da acção sindical para o próximo ano escolar e recusou entrar em discussões de política geral. A UNEF, com uma ideologia e uma prática muito menos radicais que outros grupos estudantes, voltou ainda a «deitar água na fervura» ao aceitar o diálogo que lhe foi proposto pelo ministro da Educação Nacional, Joseph Fontanet. Este havia proposto à UNEF, no fim de Junho, uma «maior abertura ao diálogo», dispondo-se a receber duas organizações estudantis — a União e a Aliança dos Jovens para o Socialismo (AJS) — para fazer um «inventário dos principais problemas» convite que o congresso considerou posi-

tivo. Os delegados manifestaram igualmente o seu agrado pela extensão de poderes da Repartição dos Estudantes, organismo criado pelo novo organograma do Ministério da Educação para assegurar as relações entre os diversos serviços do ministério e os representantes dos estudantes. O congresso decidiu ainda que a UNEF apresentaria listas para as eleições para representantes no conselho dos centros regionais de obras universitárias. Estes centros desempenham um papel importante na vida universitária pois estão encarregados de gestão de numerosas residências de estudantes, restaurantes universitários, centros de animação cultural e de acolhimento a estrangeiros, etc... O Congresso protestou contra os processos e pressões exercidas contra os intelectuais na U.R.S.S. e Checoslováquia, condenando também as «tentativas de normalização no movimento estudantil internacional».



COMBOIO ULTRARÁPIDO

Os ingleses dispõem agora de um novo comboio de alta velocidade que já bateu os recordes que há 35 anos se mantinham inatingíveis. O novo comboio ultrarápido — viajará a 200 km/h — entrará, dentro de dois anos, ao serviço, para transporte de passageiros, em regime experimental, deslocando-se a uma média de 160km por hora nas ligações entre Londres, Bristol e o Sul de Gales.



berimbau
e que é bom!

O CELBI (CELULOSE BEIRA INDUSTRIAL, S. A. R. L.)

ADMITE:

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

ADJUNTO DO CHEFE DOS
SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO
ELÉCTRICA E INSTRUMENTOS

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

- Conhecimentos de Inglês
- Idade compreendida entre 25 e 30 anos

As respostas, acompanhadas de «curriculum vitae» e indicando o vencimento pretendido, devem ser dirigidas com a maior brevidade possível aos

SERVIÇOS DO PESSOAL — CELBI — Figueira da Foz

- A Celbi é a maior produtora portuguesa de pasta de celulose branqueada, com uma capacidade actual de aproximadamente 150 mil T/ano de pasta papelaria de eucalipto.
- A sua Fábrica de Leirosa é uma moderna unidade industrial com os mais recentes processos de fabrico, tendo o investimento inicial da parte fabril ultrapassado 1 milhão de contos.
- Tem ao seu serviço cerca de 540 colaboradores, todos empregados mensais. Para eles a empresa construiu na Figueira da Foz um amplo conjunto habitacional de rendas económicas.
- A Celbi oferece as melhores possibilidades de qualificação profissional numa indústria de futuro e de projecção internacional.

"FAZER FILMES É TODA A MINHA VIDA"

DISSE JOHN FORD, 78 ANOS, 132 FILMES

Com 78 anos de idade, faleceu em Palm Desert, perto de Palm Springs (Califórnia), John Ford, um dos maiores realizadores de toda a história da cinematografia mundial, um dos últimos veteranos americanos cuja obra atravessou o mudo e se desenvolveu ao longo de quase sessenta anos de uma infatigável carreira.

Fazer filmes é toda a minha vida, disse um dia. Completando esta declaração, uma outra de Orson Welles, de um jornalista que lhe perguntava qual o melhor realizador americano:

Dos velhos mestres, apenas elegeria um — John Ford. E, mais recentemente, em Abril findo, quando o presidente Nixon o homenageou com a Medalha da Liberdade (a 135.ª personalidade americano dos realizadores lardão), sobre Ford dissera: Na história dos filmes americanos, nenhum nome brilha mais do que John Ford. Ele representa o melhor dos filmes americanos e o melhor dos Estados Unidos.

Todas as declarações se completam e ajudam a formar uma ideia mais precisa da verdadeira importância da obra de John Ford, considerado o mais americano dos realizadores americanos, ele que nascera na Irlanda (com o nome de Sean Aloysius O'Feeney), a 1 de Fevereiro de 1895, no lugar de Maine, Cape Elizabeth, precisamente na zona onde, anos depois, iria filmar muitas cenas de filmes seus, cuja origem irlandesa ficava bem vinculada: O Homem Tranquilo, nomeadamente.

Temos, portanto, que John Ford, um homem cuja vida era fazer filmes, conseguira, ao longo dela, impor-se pela qualidade e serenidade do seu trabalho à consideração dos colegas mais exigentes (caso de Welles) e, pela ideologia que o definia, à admiração de chefes políticos tão suspeitos como Nixon. Efectivamente, Ford, grande cineasta, clássico entre os clássicos, homem que marcou toda a aventura cinematográfica americana, é um cineasta à altura de uma nação como a americana. Na sinceridade, na força das convicções, no desenrolar das mais violentas contradições republicano e liberal, patriótico, tradicionalista e militarista por vezes, Ford era, sobretudo, um homem de sentimentos justos. O seu cinema perseguia essa verdade, quer seja em westerns tão famosos como Cavalgada Heróica, A Paixão dos Fortes, Forte Apache, Os Dominadores, A Caravana Perdida, A Desaparecida, Os Cavaleiros, o Sargento Negro, Homem que Matou Liberty Valance, A Conquista do Oeste, ou O Grande Combate; em filmes sociais da época do new deal (A Estrada do Tabaco, As Vinhas da Ira, O Denunciante, etc...), em filmes de actualidade política (O Último Hurra), em obras denunciadoras da sua origem irlandesa (O Homem Tranquilo, O Vale era Verde, A Taberna do Irlandês, etc...), em tantos e tantos outros géneros, que em quase todos eles Ford interveio, com maior ou menor incidência, mas sempre com a força da sua personalidade e a segurança do seu talento. Para Ford, cinema era contar uma história e contá-la por imagens (concepção que manteve do cinema mudo). Por isso ele conseguia a majestosa pureza que a grande maioria dos seus fil-



mes ostenta. Americano, acreditando na América, ele foi o realizador de uma época, o defensor da liberdade, igualdade e fraternidade. Republicano e liberal, interessavam-lhe mais as pessoas e os sentimentos, a nobreza das atitudes e a coragem das acções, do que as ideologias. O seu cinema resente-se do primarismo desta concepção do mundo. Mas é igualmente este espontaneísmo que faz (fez) dele o maior cineasta americano.

A sua vida, a sua personalidade, a sua obra mereceriam um outro texto, uma outra análise, um outro testemunho. Por hoje, porém, ficam aqui apenas as palavras simples de um admirador incondicional do seu talento, por muito divergentes que fossem (e foram, e são) as ideias que separam os homens.

OS FILMES DE JOHN FORD

1917: The Tornado; The Trail of Hate; The Scrapper; The Soul Herder; Cheyenne's Pal ou Cactus My Pal; Straight Shooting ou Joan of the Cattlelands; The Secret Man; A Marked Man; Bucking Broadway. 1918: The Phantom Riders; Wild Women; Thieve's Gold; The Scarlet Drop ou Hill Billy; Hell Bent; The Craving ou Delirium; A Woman's Fool; Three Mounted Men. 1919: Roped; A Fight for Love; The Fighting Brothers; By Indian Post ou The Love Letter; Bare Fists; The gun Packer; Riders of Vengeance; The Last Outlaw; The Outcasts of Poker Flat; The Ace of Saddle; Rider of the Law; A Gun Fightin' Gentleman; Marked Man. 1920: The Prince of Avenue A; The Girl in Number 29; Hitchhikin' Posts; Just Pals. 1921: The Big Punch; The Freeze-Out; The Wallop; Desperate Trails; Action; Sure Fire; Jackie.

1922: Little Miss Smiles; Silver Wings; The Village Blacksmith. 1923: The Face of the Bar-Room Floor; Three Jumps Ahead; Cameo Kirby. 1924: Hoodman Blind; North of Hudson Bay; The Iron Horse (O Cavallo de Ferro); Hearts of Oak. 1925: Lightning; Kentucky Pride; The Fighting Heart; Thank You. 1926: The Shamrock Handicap; The Blue Eagle; Three Bad Men (Três Patifes). 1927: Uptream. 1928: Mother Machree; Four Sons (Quatro Filhos); Hangman's House (A Casa do Carrasco); Napoleon's Barber; Riley the Cop. 1929: Strong Boy; Black Watch; Salute. 1930: Men without Women; Born Reckless; Up the River. 1931: Seas Beneath; The Brat; Arrowsmith. 1932: Air Mail; Flesh (Uma Mulher Passou). 1933: Pilgrimage (Peregrinação); Doctor Bull. 1934: The Lost Patrol (A Patrulha Perdida); The World Moves On (O Mundo em Marcha); Judge Priest. 1935: The Whole Town's Talking (Não Se Fala Noutra Casa); The Informer (O Denun-

ciante); Steaboat Bound the Bend. 1936: The Prisoner of Shark Island (O Prisioneiro da Ilha dos Tubarões); Mary of Scotland (Maria Stuart, Rainha da Escócia); The Plough and the Stars (A Primeira Batalha). 1937: Wee Willie Winkie (Shirley, Soldado da Índia); The Hurricane (Furacão). 1938: Four Men and a Prayer (O Juramento dos Quatro); Submarine Patrol (Esquadra Heróica). 1939: Stagecoach (A Cavalgada Heróica); Young Mr. Lincoln (A Grande Esperança); Drums, Along the Mohawk (Ouvem-se Tambores ao Longe). 1940: The Grapes of Wrath (As Vinhas da Ira); The Long Voyage Home (Tormenta a Bordo). 1941: Tobacco Road; Sex Hygiene; How Green Was My Vally (O Vale Era Verde). 1942: The Battle of Midway; Torpedo Squadron. 1943: December 7th. We Sail at Midnight. 1945: They Were Expendable (Homens para Queimar). 1946: My Darling Clementine (A Paixão dos Fortes). 1947: The Fugitive (O Fugitivo). 1948: Fort Apache (Forte Apache); Three Godfathers (Três Padrinhos). 1949: Pinky (Herança Cruel), desiste após alguns dias de filmagem, sendo concluído por Elia Kazan; She Wore a Yellow Ribbon (Os Dominadores). 1950: When Willie Comes Marching Home (O Azar de um Valente); Wagonmaster (A Caravana Perdida); Rio Grande (Rio Grande). 1951: This is Korea. 1952: What Price Glory? (O Preço da Glória); The Quiet Man (O Homem Tranquilo).

1953: The Sun Shines Bright (O Sol Nasce Para Todos); Mogambo (Mogambo). 1954: Hondo (Hondo), após dez dias de filmagens é substituído por John Farrow. 1955: The Long Gray Line (Uma Vida Inteira); Mister Roberts (Mr. Roberts), co-realização com Mervin Le Roy; Rookie of the Year, telefilme. 1956: The Searchers (A Desaparecida). 1957: The Wings of Eagles (A Águia Voando ao Sol); The Rising of the Moon. 1958: The Last Hurrah (O Último Hurra). 1959: Gideon's Day (Um Crime por Dia); Korea; The Horse Soldiers (Os Cavaleiros). 1960: Sergeant Rutledge (O Sargento Negro); The Colter Craven Story, telefilme; Alamo (Alamo), no género só figura John Wayne como realizador. 1961: Two Rode Together (Terra Bruta); The man Who Shot Liberty Valance (O Homem que Matou Liberty Valance). 1962: Flashing Spikes, telefilme; The Civil War (A Guerra Civil), episódio de How the West Was Won (A Conquista do Oeste), co-realização com Henry Hathaway e George Marshall. 1963: Donovan's Reef (A Taberna do Irlandês). 1964: Cheyenne Autumn (O Grande Combate); Young Cassidy, abandonada as filmagens devido a doença, sendo substituída por Jack Cardiff. 1965: Seven Women (Sete Mulheres).

CARRO ROUBADO

Renault 4 L — LH 73-82 — 1970

Dão-se alvissaras — Informar

Telf. 370361 ou 366818

STATISTICIAN/O. R. / / COMPUTER ANALYST

Licenciado por universidade estrangeira e com alguns anos de experiência nos campos referidos, procura colocação compatível.

Resposta a este jornal ao n.º 906.

CARRO ROUBADO

Austin 1000 — R R 56-83 — 1968

Dão-se alvissaras — Informar

Telf. 370361 ou 366818

M O C A R , S. A. R. L.

DEPARTAMENTO
DE VIATURAS USADAS

R. D. Luis de Noronha, 26

LISBOA

Veículos usados provenientes de trocas:

Alfa Romeo 1300-GTV
Junior de 1972
Alfa Romeo 1300-GTV
Junior de 1971
Alfa Romeo 1300-GTV
Junior de 1969
Alfa Romeo 1750-Berlina de 1970
Alfa Romeo 1750-Berlina de 1969
Honda 600-L de 1973
Peugeot 404-Coupé de 1968
Rover 3500 (ex. autom.) de 1970
Morris-Cooper S (mecanicamente novo preparado para competição) de 1966
Austin-Cooper S de 1968
E MUITOS OUTROS MODELOS. TODOS REVISTOS.

Acceptam-se trocas.

Facilidades de pagamento.



UM CONJUNTO QUE PRESTIGIA PORTUGAL
MIRAFLORES-CLUB

Reservas: telef. 21 78 72 e 21 78 74

DE MADALENA E GABY NEM METADE SE DIZ AQUI

O nosso leitor Ernesto José Rodrigues em carta que nos enviou e na qual tece curiosas considerações, que motivos ponderosos nos impedem de transcrever, termina por afirmar:

«Presentemente, debato-me em Gabriel Cardoso, talvez um dos mais espoliados. Várias enciclopédias e alguns alfarrábios que já li, pouco me informam a seu respeito. Herói e mártir (como se vê no único livro existente no Mundo e pertença minha: Grande Martirologio dos Cantores Portugueses) estou a estudá-lo, para lhe dar o devido lugar ao sol, pois acho que cantor de tão nobres tradições deve ter o seu enigma. Segundo creio, só ainda está beatificado. Até breve».

Só visto compadres Lá, no «Maria Matos». Com a vibração a alegria, a respiração dum público que, esgotando a lotação da sala, nos esmagou, nos arrastou no seu entusiasmo.

«Eu estou feliz e nas nuvens ando
Porque unimos a nossa mocidade
Saudamos as pessoas sorrindo e cantando
Estamos na rua da felicidade».

Como pode a ideia, a preto e branco, que a televisão nos vai dar, aproximar-se dessa outra, maravilhosa, feliz, colorida, que só o contacto com os predestinados consegue, afinal, proporcionar? Não pode de forma alguma. O que é uma tremenda machada, perdão, maçada.

«Um festival de amor
Nossa vida tem de ser
E a todos que se amam
Convidamos a aparecer».

MEDIOCRIDADE

C. prichou a RTP, em reunir, num mesmo serão, dois dos maiores, dos maiores, como direi... dos maiores... mas que é possível chamar (tratar): Madalena e Gabriel. Efectivamente, não vejo, do momento, quem possa ombrear, em mediocridade artística, com as «atracções nacionais» que estocadamente suportámos na noite de quarta-feira.

«Estou há muito tempo fora de Portugal. Infelizmente. Palavra».

Onde está, digam-me, onde está uma cantora como Iglésias, quase mais jovem do que dantes, quase mais elegante do que dantes, quase mais culta do que dantes, quase mais modesta do que dantes, quase mais sorridente do que dantes e trauteando quase ainda mais pior do que dantes? Digam-me, onde está? Susy Paula? Menos pior. Simona? Muito menos pior. Simone? Sim, se perder a outra corda vocal.

«Terei muito gosto em repetir de novo o Festival do Amor».

Onde está, digam-me, onde está um trovador como Gaby, tão mau como sempre, tão sub-produto dum nacional cançonetismo que já é, por si só, uma lástima? Digam-me, onde está Artur Garcia? Desde que dance, não. António Calvário? Desde que se cale, nem pensar. Rui de Mascarenhas?

Desde que cante lá por fora, nunca.

NINHARIAS

Florbela e Norberto estiveram bem. Ausentes. Um equilibrista inglês de péssima qualidade, fez umas macacadas e desapareceu. O choradinho costumeiro do momento do fado esteve, desta vez, a cargo



Fotos de
JOSÉ TAVARES



de Tina Santos, muito espremeada em que tudo acabe bem: «Talvez os nossos olhos a chorar / Se encontrem sem saber no horizonte». As meninas do bailarin (mais despidinhas) estiveram mal. Pularam... O ventríloquo José Freixo, demonstrou vasta possibilidade e pirismo até mais não. Mendes confessou que se lembrou de Freixo de Espada à Cinta. O pato anda empenhado numa coreografia com Oscar Acúrsio. A chamada duma menina ao palco foi, ainda sim, a nota mais triste. Lamentável.

O conjunto inglês «Ensemble 10 CC» mostrou-se alta-

mente especializado na «piebécada» e teve uma apresentação engraçadíssima da saracoteante Maria Margarida: «São quase auto-suficientes musicalmente falando...» Após o intervalo, apareceu-nos um pianista romeno que se deu ao trabalho de tocar umas coisas. Brahms, ó Brahmszinho, tu esqueces, tu perdoas, tu recomendas a gente, não recomendas?

O REGRESSO DO DEGRAU

Quando o científico Henrique, mencionou «os ouvintes e espectadores mais atentos» fez-se na sala um silêncio tumular. «Atento, é comigo», disse um, à minha beira. «Se um atento fala, o outro baixa as orelhas», terá pensado outro, mais além.

Mendes reportou-se ao «lançamento de uma carreira brilhante» com a cantiga «De degrau em degrau», em que

DOMINGO À NOITE

dois compositores (Nóbrega e Sousa e Jerónimo Bragança) e uma intérprete (Madalena) «marcaram uma época na história da canção ligeira portuguesa». Mais uma vez o «científico» falou por falar. Para não estar como devia. Calado.

Jerónimo Bragança não consta na lista dos «dez mais» (poetas lusíadas) da sua geração. Tem umas letrinhas aceitáveis para canções e disse. Erimou. Nóbrega e Sousa que possui, é facto incontroverso, uma sensibilidade notável, tem belas melodias em palavras inconcebíveis. E mesmo partindo do princípio, que o poema de Bragança no tal degrau não seja daqueles de só parar no fundo da escada, a música de Nóbrega nunca poderia passar da «cepa torta» numa voz como a de Madalena. Ela não canta. Abre a boca.

Portanto, o trio que Mendes indicou como marco dum história sem história, não marca, realmente história nenhuma. Cada um, por si, vale aquilo que vale. Ou não. Juntos não valem mais. São mais. Três. Pior seria se mais fossem.

«Bem-vindo o Sol que espalha a luz, que acende a cor

Bem-vindo o Verão, bem-vindo tu, bem-vindo o amor...»

Madalena, entoando o amor, tem lá aquele preferir: gosto do Verão. Já Gabriel, profeticamente, joga também no amor mas em tempo mais fresco.

«Um festival de amor
Traz ao Mundo nova era
Pois sem amor

Não há Primavera...» Deixemos Gaby descansar por mais umas linhas e concentremo-nos na comunicabilidade de Madalena:

«Desculpem eu entrar em vossa casa sem pedir licença, mas já é um hábito meu...»

Concentremo-nos, também, nos cravos lançados para o palco já encravado pelos fãs de Cardoso. A cravos tantos, a cançonetista colhe uma flor e beija-a com emoção. Vejo lágrimas marejando os olhos de muita gente. Lágrimas que não resistem a rolar quando «aconteceu uma melodia muito bonita, quase infantil, chamada Ave Verde»:

«Matas selvagens eu vou desbravar
Voa verde ave mansa
Voa, voa, meu querer te alcança...»

Madalena agradece os aplausos apontando o maestro Jorge Machado, encoberto pelo pano que entretanto se cerrara. Aberto o cerrado, Machado aplaude, não se percebe se Madalena se a resistência a

punição por parte dos espectadores inocentes. Deve ser para a artista, deve, já que lhe atirou uma beijoca, comedida, respeitadora, discreta.

Depois, sem Machado, por certo já maçado, a regressada Madalena apoia-se no «play-back» e insiste:

«Viver, não é pedir à vida qualquer compaixão...»

E sem compaixão pelas forças que se iam escoando pelo ralo da paciência, Madalena aponta-nos qualquer coisa num dos dedos enquanto se faz ouvir antes do «knock-out» inevitável:

Balança que dança p'ra lá
Balança que dança p'ra cá
Balança é a esperança, para já...

Para já feliz estada e boa viagem de regresso à Venezuela: é a esperança.

O BANHO DE RISO

Antecedendo este reavivar de coisas tristes, havia-se apresentado, como já disse, o impagável Gaby: camisa aos codrados cinzentos, encarnados, cor-de-rosa e pretos. Segundo Henri que Mendes (numa noite de inspiração, humor e mão no bolso) a sua presença «é sempre assinalada por par-

te do público com particular alegria e entusiasmo». Gaby pediu-nos que cantássemos com ele, como se isso não estivesse já na ideia da rapaziada. Atão nós estávamos ali para outra coisa?!

Queixou-se que era «casca de noz no vendaval» mas abia bem que nós nunca o deixaríamos ir nele. Mais trágico ainda, jurou aos «poetas meus» (dele, dele... azeviche, belzebu!) que morria «com alegria»:

«Sou triste mas alegre vou morrendo...»

Aqui começaram os tomates, quero dizer, os cravos, a cair. A «espectadora assídua» da fila primeira, espalha o «armamento» pelo chão, não vá enganar-se nos molhos. Um, protegido com celofane, é entregue ao promotor cançonetista que já se entretivera, num gesto que diz muito a devolver cravos para a plateia. Esta corresponde, batendo palminhas de acompanhamento e fica varada quando o idolo retira o micro do suporte, dá uns pulinhos encantadores e remata com uma reboleira, melhor dizendo, com uma voltinha. Gabrielina.

Vem aí o «Festival do Amor».

Continua na pag. seguinte



Estas mãos aguardam, impacientes, o momento de se movimentarem freneticamente, despejando cravos sobre cravos no alvo idolatrado. Abençoadas...





Cinco pessoas em pé, rostos rasgados de euforia, cérebros limpos de inquietação, fazem com que outras vinte não saibam de que rir mais: se dos gargarejos se dos festejos

Continuação da página anterior

Na impossibilidade duma retirada estratégica, vemos Gaby sentar-se na beira do palco e ensinar a uma espectadora a maneira como o público deveria apoiar-lhe o gorjeio, para não dizer, distarçar-lhe o «play-back». Festival é festival. Gaby espeta o dedo na direcção do balcão, saltita, ajeita a melena e olha a bola de cristal:

«Eu vejo no futuro algumas arrelias

ó, ó, á, á
Brigas de amor que não farão mal

ó, ó, á, á
Os aplausos, os pedidos de bis, os cravos que continuam a cair (porque não, também, papelinhos coloridos?), os guinchos, a histeria, criam um clima de pandemónio que obrigam Gaby a repetir a festiva cançoneta:

«Agradeço que cantem alto e bom som. Senhoras e senhores...»

Repete. O «Maria Matos» parece vir abaixo. Ajoelha para agradecer. Faz com os dedos o sinal da vitória. Está convencido o rapaz. Prádo, catrapum, trás!

Claro, que no meio de tudo isto não se chega a sentir vergonha. O público do «Maria Matos» não é o povo português. Povo que talvez pudesse ser poupado, ao espectáculo a que logo à noite terá ensejo de assistir. Um homem que é um ZERO na profissão que escolheu, atrai, para a compra do seu produto, bons profissionais (de actividades diversas)



que, por vezes, se vêem e desejam para colocar no mercado o fruto do seu trabalho. Mas a RTP, ao divulgar fenómenos destes, não toma, forçosamente, o partido da insanidade mental, embora pactue com ela. Quer-me parecer que a sua posição é, até, um tanto ambígua: quantas companhias de circo actuam presentemen-

te em Portugal? E, nos seus aspectos mais ridículos, «Domingo à Noite» é um banho de riso, é mesmo uma possibilidade de opção que se oferece ao telespectador português. Uma viola, no enterro da nossa inteligência.

ALEXANDRE PAIS



MÚSICA LIGEIRA

Nos «singles» e «EPS» mais vendidos em Lisboa na semana finda verificou-se uma subida espectacular de «Guitarra toca baixinho» sendo igualmente de assinalar o aparecimento de Jose Afonso com «Maio Maduro Maio».

Em «álbuns» Cat Stevens alcançou o primeiro posto. A seguir a «Foreigner» temos: «Passion Play» Jethro Tull; «Uriah Hepp Live» Uriah Hepp; «Dark side of the Moon» Pink Floyd e «There goes Rhymin Simon» Paul Simon.

OS 10 MAIS

1	«Vinte anos» (1) Greenwindows	6	«Never, Never, Never» (-) Shirley Bassey
2	«Forever and even» (2) Demis Roussos	7	«Give me Love» (3) George Harrison
3	«Guitarra Toca Baixinho» (-) Francisco José	8	«Bianca» (-) Freddy Breck
4	«I Like You» (9) Donovan	9	«Killing me Softly With this Song» (-) Roberta Flack
5	«Cum on Feel the Noise» (7) Slade	10	«Maio Maduro Maio» (-) José Afonso

No estrangeiro

O jovem Donny Osmond, ídolo da juventude, regressa ao topo da tabela britânica com a balada «Young Love», uma música que foi êxito em 1957 no apogeu da era do «rock».

O conjunto americano «The Drifters» subiu também para sexto lugar entre os «dez mais» da Grã-Bretanha com o disco «Like Sister and Brother». Este conjunto é veterano actuando há cerca de vinte anos, ou seja ainda há mais tempo do que o próprio Elvis. No entanto, os seus elementos têm mudado, bem como o respectivo chefe.

Vários dos antigos membros do conjunto

alegam ser eles os legítimos herdeiros dos «Drifters» oriinais, gerando-se por vezes controvérsia entre grupos diferentes que reivindicam o mesmo título. Este conjunto, no entanto é o mesmo que já há dez anos alcançou grande sucesso com «Save The Last Dance For Me».

Nos Estados Unidos a vocalista australiana Helen Reddy passou para o topo da tabela com o seu «Delta Dawn» ultrapassando Marvin Gaye que desceu para o segundo lugar.

Seguem-se os «top-ten» dos principais centros mundiais com a classificação da semana passada entre parentesis.

LONDRES

- (4) «Young Love», Donny Osmond
- (3) «Dacin' (On A Saturday Night), Barry Blue
- (6) «Spanish Eyes, Al Martino
- (1) «Yesterday Once More», Carpenters
- (») «You Can Do Magic», Limmie and the Family Cookin
- (1) «Like Sister and Brother», Drifters
- (-) «Angel Fingers», Wizard
- (9) «Smarty Pants», First Choe
- (10) «Rising Sun», Medicine Head
- (1) «Summer (The First Time)», Bobby Goldsboro

BONA

- (1) «Can The Can», Suzie Quatro
- (2) «Warum (Why)», Chris Roberts
- (5) «Flying Through The Air», Oliver Onions
- (3) «Hell Raiser», Sweet
- (4) «Get Down», Gilbert O'Sullivan
- (-) «The Free Electric Band», Albert Hammond
- (6) «I'm A Clown», David Cassidy
- (8) «Power To All Our Friends», Cliff Richard
- (9) «Goodbye My Love», Demis Roussos
- (-) «My Lady of Spain», Michael Holm

AMSTERDÃO

- (5) «Radar Love», Golden Farring
- (1) «Rote Rosen», Freddy reek
- (2) «Born To Be With You», Dave Edmunds
- (8) «Malaguena», Los Angeles
- (-) «Ay No Digas», Chris Montez And Raza
- (-) «Tell Laura I Love Her», Albert West
- (4) «Fin Festival Der Liebe», Leandros
- (7) «St. Tropez-Gitarren», Bobby Vinton
- (3) «Hurt», Bobby Vinton
- (-) «Everyones's Agreed», Stealers Wheel

NOVA YORK

- (2) «Delta Dawn», Helen Reddy
- (1) «Let's Get It On», Marvin Gaye
- (3) «Brother Louie», Stories
- (8) «We're An American Band», Grand Funk Railroad
- (9) «Loves Me Like A Rock», Paul Simon
- (7) «Say, Has Anybody Seen My Sweet Gypsy Rose», Dawn
- (4) «Live And Let Die», Paul McCartney And Wings
- (-) «Half-Breed», Cher
- (-) «Saturday Night Alright For Fighting», Elton John
- (-) «Her I Am», Al Green

HONG-KONG

- (1) «Yesterday Once More», The Carpenters
- (3) «I'm Leaving You», Engelbert Humperdinck
- (2) «Help It Along», Cliff Richard
- (5) «Wouldn't I Be Someone, The Bee Gees
- (7) «How Can I Tell Her», Lobo
- (4) «The Morning After», Samuel Hui
- (6) «Kodachrome», Paul Simon
- (8) «He Was Me, He Was You», The Bells
- (-) «Live And Let Die», Paul McCartney
- (-) «Touch Me In The Morning», Diana Ross

ESTOCOLMO

- (1) «Honolulu», Harpo
- (2) «Sandy», Svenne And Lotta
- (4) «So It Was When Father Was Young», Yngve Forsell's Orchestra
- (3) «Dagny», Lalla Hansson
- (5) «Free Electric Band», Albert HAMMOND
- (-) «Silly Milly», Bjoern Skiffs
- (6) «Killing Me Softly With His Song», Roberta Flack
- (-) «Living Easy», Safell Pike
- (-) «Mamma Knew Better», Light Purples
- (-) «Moon Shadow», Cat Stevens

Horus RAUL LOURENÇO LARA QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segunda a sexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

INTERESSA ÀS SENHORAS SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas

PREÇOS INCRÍVEIS

BATAS E AVENTAIS

MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

SERVIÇO OFICIAL

TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A

Rua dos Lusíadas, 113-A

Telfs. 683131/2/3

Telfs. 631057/8

**MERCEDES
BMW
ROVER
MARCAS DA G.M.**

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

**DAMGS ORÇAMENTOS
PRÉVIOS**

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE



No interesse de todos, os nossos comboios têm de partir à tabela. Adquirir os seus bilhetes com antecipação nas estações de Lisboa (Rossio e Sta. Apolónia), Porto (S. Bento e Campanhã), nos Despachos Centrais da EGT ou ainda na sua Agência de Viagens.

Chegue cedo à estação. Embarque sossegadamente. A CP deseja-lhe boa viagem.

CP Caminhos de Ferro Portugueses



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: A vida amorosa e o ambiente familiar não se apresenta muito lisonjeiro; acontecerá que alguém virá perturbar a harmonia da sua vida sentimental através de difamações.

DINHEIRO: Prometimentos falsos e esperanças ilusórias são o que as suas influências astrológicas lhe proporcionam neste período. Por esse motivo não crie novos encargos, e faça o possível por não exceder o seu orçamento.

PROFISSÃO: Os seus afazeres serão um pouco meritórios. Use de uma certa reserva principalmente com quem tenha de tratar assuntos importantes ou negócios. A sua posição está sujeita a descrédito, por isso, conte com dificuldades e dissabores.

SAUDE: A saúde deve igualmente merecer toda a sua atenção, durante a semana em curso. Ao aperceber-se que o seu estado se altera, consulte imediatamente um médico.



TAURUS

(21 de Abril e 21 de Maio)

AMOR: Ao aproximar-se o fim do ano o seu espírito atravessará um período de meditação. Vénus na actual posição pode tornar-vos muito melindroso. Talvez não haja uma vida social alegre como desejaria por enquanto, mas no fim do ano, Vénus ajudará-vos e a disposição será muito melhor.

DINHEIRO: Calcule bem o que poderá gastar durante esta semana. Poderá aumentar consideravelmente as suas economias, se moldar a sua vida de acordo com as poderosas influências, que se observam agora. A sua personalidade é impulsiva, mas é necessário estimular e fortalecer o desejo de ordem e segurança em sua vida.

PROFISSÃO: É conveniente expandir os negócios e procurar fazer novas relações. Mercúrio fortalece a sua aptidão mental, tornando deste modo mais fácil organizar os seus planos para o futuro. Os projectos começados em tempos passados podem ser completados agora satisfatoriamente.

SAUDE: As actuais vibrações costumam afectar a vesícula e os órgãos sexuais.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Período esplêndido e muito auspicioso. Os projectos que tiver em mente com referência à sua vida sentimental poderão concluir-se tal como os idealizou. As novas amizades contraias no meio das suas relações serão muito preciosas no futuro.

DINHEIRO: Terá pequenos sucessos nas tentativas que fizer. Os esforços que despende serão recompensados em parte. Não é oportuna a aplicação de grande capital com mira a bons lucros.

PROFISSÃO: É aconselhável tomar novas directrizes, assumir novas missões e merecer a protecção recebida em interesses dos seus problemas. A sua disposição na semana que começa agora, desempenhará um papel importante nas «démarches» que fizer.

SAUDE: Qualquer sintoma de mal-estar é devido exclusivamente à sua impulsividade e à

horoscopo pelo astrologo HORUS

**PARA O PERÍODO
DE 9 A 15 DE SETEMBRO**



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Não haverá alteração na sua vida afectiva, relações sociais e vida doméstica. Deixe passar o tempo sem criar embaraços e não faça qualquer alteração no seu comportamento transacto.

DINHEIRO: Não seja sentimental e defenda os seus interesses. Terá ganhos. O que fizer, as voltas que der e as medidas que tomar darão resultado. Faça uso da sua psicologia.

PROFISSÃO: Terá boa intuição para aumentar e desenvolver o seu nível profissional. É favorável às novas responsabilidades. Vencerá, mas tome plena consciência dos seus deveres. Redobre de coragem e vá até ao fim. Receberá a recompensa merecida.

SAUDE: Propensão a ataques de resfriamentos, especialmente na região ombral e na garganta.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: No decorrer deste período passará por muitos momentos de perplexidade. Ponha de parte as suas ideias imaginárias e entre na realidade dos factos, proporcionando felicidade e bem-estar aos seus.

DINHEIRO: Não almente grande esperanças quanto à obtenção de dinheiro durante este espaço de tempo, porque os seus desejos não se concretizarão totalmente.

PROFISSÃO: A vida profissional está favorecida mas, para que atinga ma certa elevação terá de haver muito método. Se as circunstâncias vos obrigarem a realizar uma viagem não hesite em empreendê-la.

SAUDE: Não se observam alterações de maior. Os que se encontram enfermos devem esforçar-se por reagir.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Procure compreender bem os sentimentos os seus familiares e das pessoas do seu convívio quotidiano. Deixe falar o coração e esqueça o passado; a sua felicidade depende da sua atitude. Tenha confiança e actue.

DINHEIRO: Conseguirá algo depois de algum esforço e espera. Como os dinheiros auferidos não serão substanciais é conveniente poupar o que conseguir realizar.

PROFISSÃO: Deixe correr suavemente por enquanto, não levante atritos nem faça alterações no seu procedimento profissional. Toda a tentação interesseira conduzirá, sem dúvida, à decepção. Não entre em desacordo com ninguém.

SAUDE: Os membros inferiores e o coração são as partes

afectadas durante esta semana. Contudo, se usar de cuidado não terá gravidade o seu estado.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: No domínio sentimental as influências planetárias para esta semana continuam bastante favorecidas. Portanto, qualquer eventual choque de ânimos que surja será facilmente debelado.

DINHEIRO: Registrará durante o presente período pequena melhoria financeira, isto é, as suas possibilidades de aquisição de dinheiro encontram-se um pouco acima da média.

PROFISSÃO: Desenvolva a sua actividade e inicie-se para tanto for necessário, viagens porque os resultados proporcionar-lhe-ão boas compensações. Haja com confiança e siga exclusivamente as suas ideias porque terá êxito.

SAUDE: Dentro das suas condições físicas, o seu estado de saúde será bom.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: A vida sentimental, conjugal e familiar está durante este período desfavorecida, assim como os assuntos referentes a amizades e relações sociais. Evite as mudanças bruscas de humor e controle tanto quanto possível a impulsividade.

DINHEIRO: Propício a pequenos aumentos financeiros, desde que estes sejam fruto exclusivamente do seu esforço pessoal. É conveniente não se precipitar e estudar com calma as propostas que lhe fizerem.

PROFISSÃO: Está sob bons aspectos astrais, mas necessita despende uma maior actividade, e demonstrar os seus conhecimentos com maior propriedade. Possibilidades de receber oferecimentos tentadores que aumentarão a sua popularidade e consolidarão a sua posição actual.

SAUDE: Está sob a influência de eminentes perigos, devido ao mau aspecto de Marte. Porém, em virtude dos benéficos influxos do Sol, este risco está um tanto neutralizado. Contudo, não será demais acautelar-se.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: O ambiente amoroso será indulgente. As amizades nesta data podem ser-lhe de utilidade. Consolide a sua posição a respeito das mesmas. Propício aos entendimentos familiares.

DINHEIRO: A questão monetária é resolvida benéficamente. Os assuntos artísticos ou literários proporcionar-lhe-ão bons lucros, tais como o negócio livreiro, as conferências e as exposições de arte, que farão sucesso e darão interesse.

PROFISSÃO: Os assuntos que estejam debaixo da sua alçada podem nesta altura atingir um bom nível de desenvolvimento. Favorável à actividade profissional em geral.

SAUDE: Não exija demasiado da sua resistência física e terá boa disposição e saúde.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Protecção absoluta em todos os interesses sentimentais. Período de idolatria. Todos mostrar-lhe-ão muita simpatia e procurarão por todas as formas distinguir-vos. Muita harmonia e felicidade nos assuntos puramente de amor.

DINHEIRO: Propício aos assuntos financeiros. Os ganhos serão superiores às suas melhores estimativas. Ponha em prática os seus empreendimentos e as ideias pendentes e terá êxito. Bom para resolver casos que anteriormente se lhe afiguravam insolúveis.

PROFISSÃO: Indicado para estudos e para estabelecer projectos duráveis. A semana é favorável a viagens profissionais. Grande facilidade no desempenho de toda e qualquer missão de trabalho.

SAUDE: No plano físico goza igualmente de benéficas protecções astrais. Os que se encontrarem doentes, nesta altura, farão progressos consideráveis.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O aspecto sentimental está bem favorecido durante esta semana. Bom para amizades e promotor nas relações familiares e sociais. Prossiga no seu objectivo com sinceridade e descobrirá a pessoa capaz de compreender os seus sentimentos.

DINHEIRO: Aproveite as circunstâncias para agir financeiramente, pois está num bom período para obter dinheiros. Poderá ver realizadas algumas das suas esperanças.

PROFISSÃO: Está sob boas influências para desenvolver e para resolver a sua situação. O imprevisto mostrar-se-á favorável às suas iniciativas. A semana é propícia aos assuntos ou preocupações intelectuais.

SAUDE: Os brônquios podem trazer-lhe preocupações.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

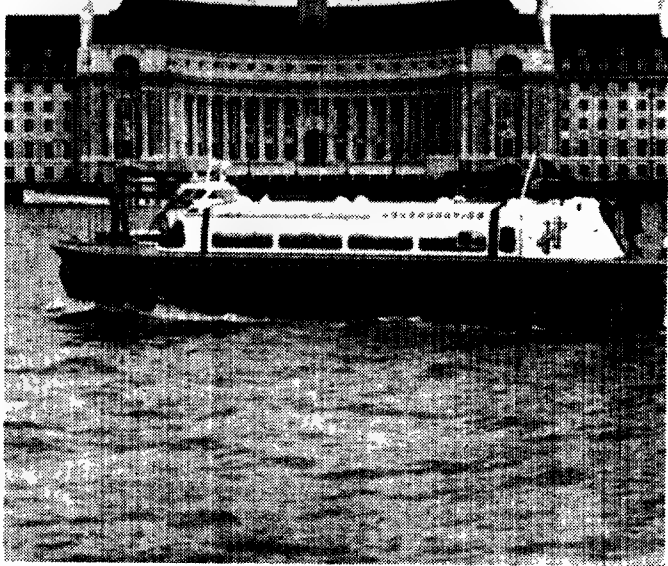
AMOR: As influências astrológicas em referência ao amor, às relações familiares e de amizade são muito favoráveis. Tudo e todos contribuirão para que goze de boa disposição durante o presente período.

DINHEIRO: A sorte manifesta-se a seu favor. O que fizer será bem acolhido. Mostre-se agradável e cêrte no trato com as pessoas e não deixe perceber nenhum sintoma de interesse.

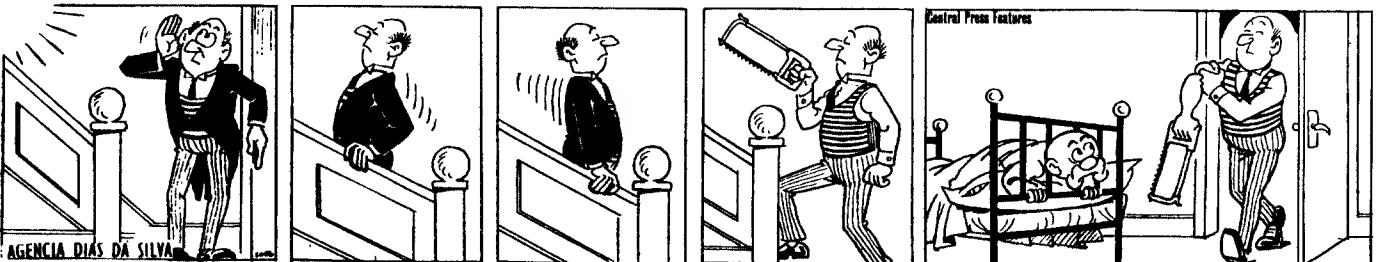
PROFISSÃO: Os afazeres quotidianos e os problemas profissionais marcham no plano desejado. Prossiga no seu objectivo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua situação actual.

SAUDE: Gozará de esplêndida saúde. Será um período de boa disposição e bem-estar.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Borges Leite «Tabacaria Borges», R. Cândido dos Reis, 130-C CACILHAS



As novas carreiras de «Hovercrafts» inauguradas em Londres para fazerem percursos ao longo do Tamisa, poderão contribuir para o descongestionamento do tráfego nas horas de ponta, uma vez que permitem aos seus passageiros efectuarem deslocações que, por terra demorariam muito mais tempo.

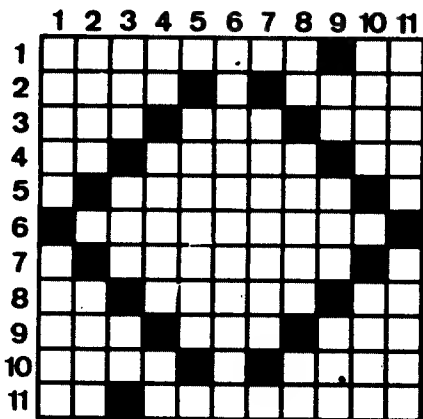


COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 543

HORIZONTAIS:

- 1 Aplanara. Item.
- 2 Aquela que. Base de um pedestal.
- 3 Ligeir. Pico dos Pireneus. Oceano.
- 4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Porco. Pertences Caminhar.
- 5 Ser rifador, brigão (diz-se do cavalo).
- 6 Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Mau.
- 7 Aflição.
- 8 Artigo definido. Acomete. Deus dos pastores.
- 9 Artéria. Ole. Seguias.
- 10 Guarda segredo. Companhia.
- 11 Artigo definido. Aprova.



VERTICAIS:

- 1 Da parte de cá. A morte.
- 2 Freguesia do concelho de Torres Vedras. Transpiras.
- 3 Monarca. Nome de letra. O MAIS.
- 4 Amónio (s. q.). Urde. Antes de Cristo.
- 5 Gastar tudo em comer e beber.
- 6 Estime. Cidade da Suécia.
- 7 Amua (Bras.).
- 8 Campeão. Pequeno peixe marinho do Brasil de olhos muito pretos. Preposição.
- 9 Ribeira da Ásia. Russa. Braço de mar. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
- 10 Erguei. Utensílio doméstico.
- 11 Freguesia do concelho de Amares. Passaporte.

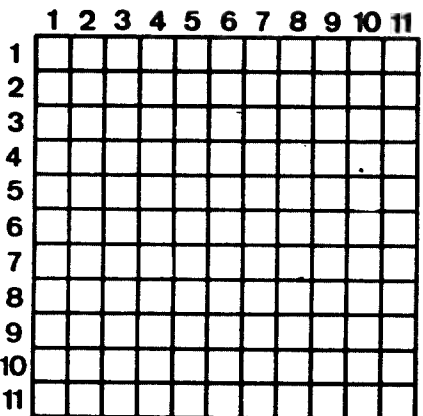
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 700

HORIZONTAIS:

- 1 Tigela vidrada, branca ou de cor. Qualidade.
- 2 Planta vivaz e medicinal. Lavra.
- 3 Reis. Artigo definido. Vê Carta de jogar.
- 4 Armação algarvia para a pesca do atum. Simples.
- 5 Rio da Suíça. Preposição. Conjunção.
- 6 Composição poética. Coleira.
- 7 Mil cento e cinco em romano. Sadias. Em as.
- 8 Aneis. Remuneração.
- 9 Basta. Prefixo de negação. Nesse lugar. Preposição.
- 10 Desperta. Antigo manto usado pelos Gregos.
- 11 Nome de frutos. Freguesia do concelho de Guimarães.



VERTICAIS:

- 1 Distintivo. Assassinar.
- 2 Esmonca. Nome de flor.
- 3 Nota musical. Demonstr. Prefixo de negação.
- 4 Glóbulo. Espécie de dança dos Samoanos, muito variada e viva.
- 5 Preposição e artigo definido (pl). Patas. Ruins.
- 6 Adivinha (pop). Ouro (s. q.).
- 7 Oxido de cálcio. Troças. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 8 Lavrem. Dar pios.
- 9 Apellido. Brota.
- 10 lado do vento.
- 11 Mitra do pontífice. Leves.
- 11 Queirões. Arquipélago dos Navegadores.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 542

HORIZONTAIS:

- 1 Calva. Atara.
- 2 Ariel. Nacos.
- 3 Um. Mamas. Ut.
- 4 Lai. MAL. Aba.
- 5 Erra. Ovas.
- 6 Opa. Eta.
- 7 Nisa. Arca.
- 8 Uro. Agá. Aal.
- 9 Na. Mi. Rá. Si.
- 10 Circo. Essas.
- 11 Asais. Maomé

VERTICAIS:

- 1 Caule NUNCA.
- 2 Armar. Irais.
- 3 Li. Iroso. Ra.
- 4 VEM. Apa. MCI.
- 5 Alam. Aios.
- 6 Más. Ag.
- 7 Anal. Arem.
- 8 Tas. Ota. Asa.
- 9 Ac. Avara. SO.
- 10 Rouba. Casam.
- 11 Astas. Alise.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 699

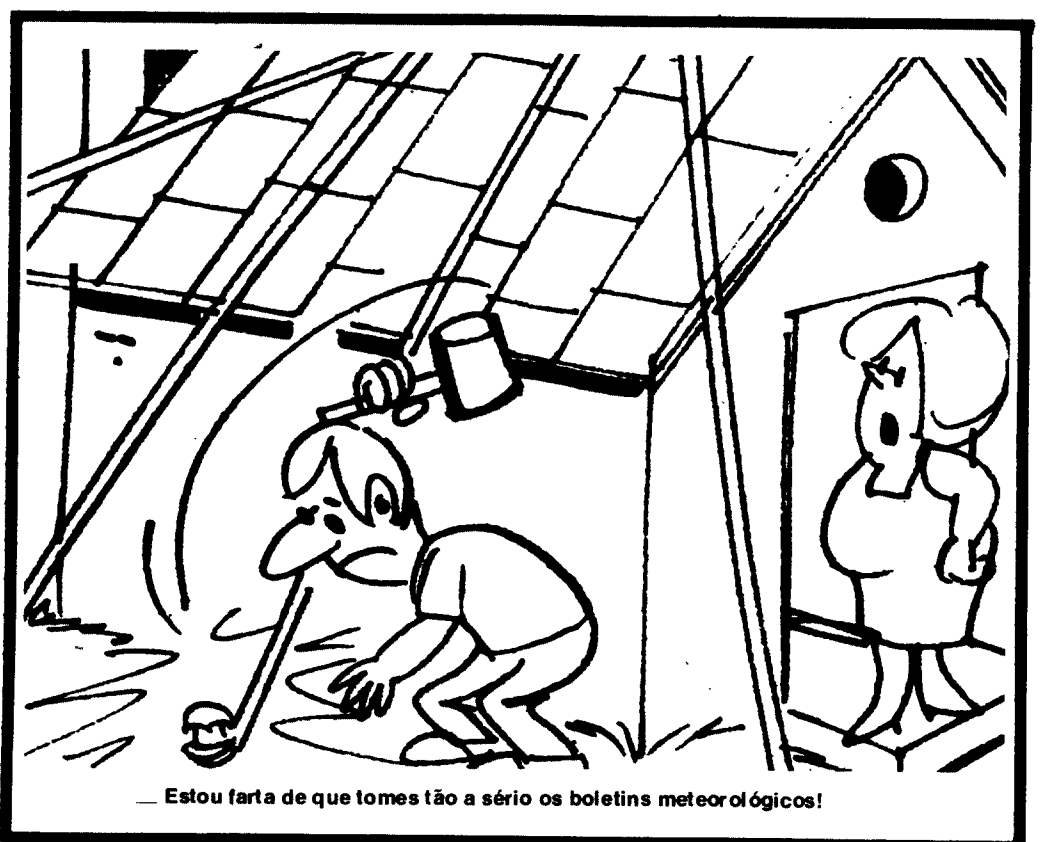
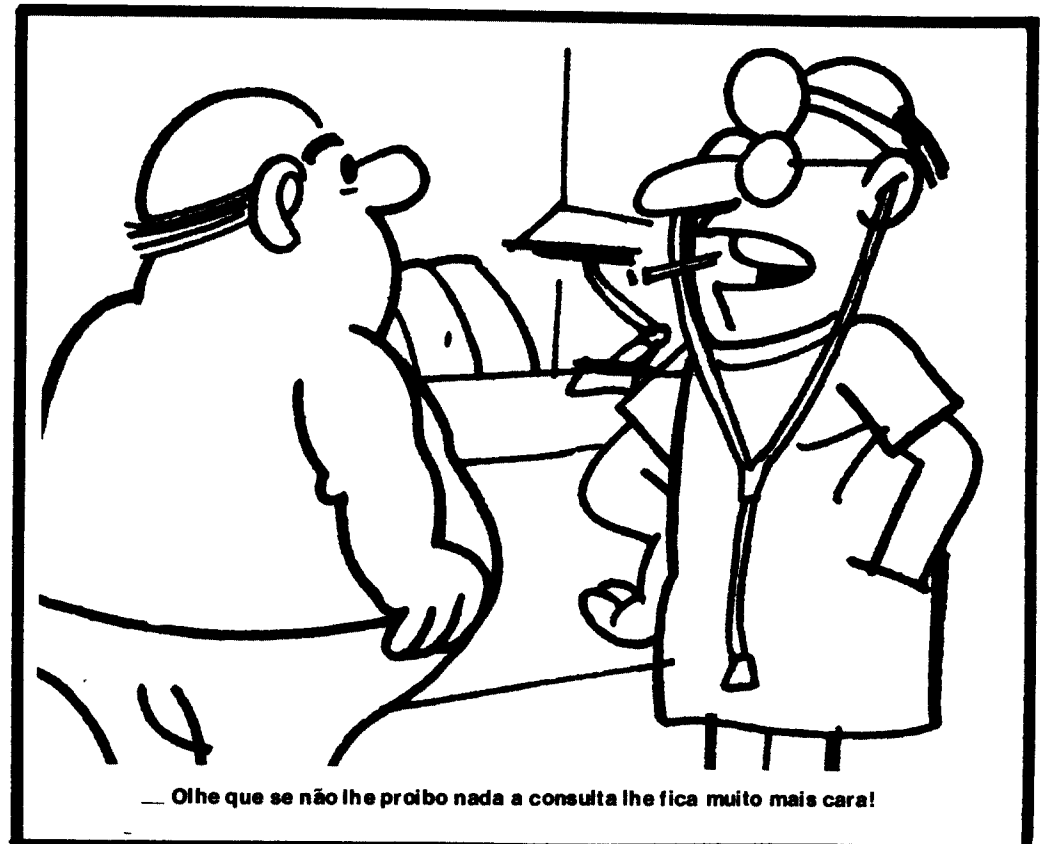
HORIZONTAIS:

- 1 Pagão. Atura.
- 2 Aderi. Fitar.
- 3 Ru. Armão. Me.
- 4 Aba. Aas. Man.
- 5 Rato. Moda.
- 6 Carta.
- 7 Na. La.
- 8 Ena. Cré. Dia.
- 9 Ra. Ca. Co. Mi.
- 10 Ninho. Alapo.
- 11 Areas. Remas

VERTICAIS:

- 1 Parar. Berna.
- 2 Adubar. Nair.
- 3 Ge. AT. Na. Ne.
- 4 Ará. Oca. Chá.
- 5 Oira. Caos.
- 6 Marrar.
- 7 Afás. Ecar.
- 8 Tio. Mal. Olé.
- 9 Ramada. Impa.
- 10 Arena. Raios.

Proverbio: UM MAL, NUNCA VEM SÓ.



SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 160 000 000\$00
A M A D O R A

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL

Autorizado por Portaria de 14 de Julho de 1973, publicada no «Diário do Governo» n.º 169, III Série, de 20 de Julho de 1973

- * De 160000 contos para 250000 contos
- * Mediante a emissão de 90000 acções
- * Valor nominal de cada acção: 1000\$00

CONDIÇÕES

1. INCORPORAÇÃO DE RESERVAS 20 000 acções a distribuir gratuitamente aos actuais accionistas, na proporção de uma por cada oito de que sejam titulares. O Imposto de Mais-Valias, no montante de 50\$00 por acção é de conta dos accionistas.
2. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A ACCIONISTAS 40 000 acções, ao preço de emissão de 1 750\$00 na proporção de uma por cada quatro de que sejam titulares. As acções eventualmente não subscritas serão distribuídas, na proporção das que já possuírem, pelos accionistas que, no acto da subscrição, declararem pretender adquiri-las.
3. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A EMPREGADOS DA EMPRESA 5 000 acções, ao preço de emissão de 2.000\$00, sujeitas a rateio.
4. SUBSCRIÇÃO DO PÚBLICO 25 000 acções, ao preço de emissão de 2 500\$00 sujeitas a rateio.
5. ACCÕES NÃO SUBSCRITAS As acções reservadas a accionistas e a empregados da empresa que não forem subscritas, acrescerão às destinadas à subscrição do público ao preço fixado no n.º 4.
6. PRAZOS E LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO A subscrição decorrerá nos dias 10, 11 e 12 de Setembro de 1973, na sede e seguintes estabelecimentos bancários que tomaram firme a emissão:
 - BANCO DA AGRICULTURA
 - BANCO DO ALENTEJO
 - BANCO DE ANGOLA
 - BANCO BORGES & IRMÃO
 - BANCO CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
 - BANCO ESPÍRITO SANTO & COMERCIAL DE LISBOA
 - BANCO DE FOMENTO NACIONAL
 - BANCO FONSECAS & BURNAY
 - BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
 - BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
 - BANCO PINTO DE MAGALHÃES
 - BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
 - BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
 - BANCO TOTTA & AÇORES
7. PAGAMENTO O pagamento das acções e do Imposto de Mais-Valias será feito integralmente, no acto da subscrição.
8. TÍTULOS A EMITIR Haverá títulos de 1, 5, 10, 20, 50, 100 e 1000 acções, nominativas ou ao portador.
9. DIREITOS Todas as acções agora emitidas conferem direitos iguais aos correspondentes às anteriores, excepto no que respeita a dividendos do exercício em curso, em que as novas acções terão direito a 1/4 do que vier a ser atribuído.
10. ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS A entrega dos títulos definitivos será efectuada durante o 1.º trimestre de 1974.
11. DEVOLUÇÃO DE NUMERAÇÃO Em caso de rateio, as importâncias relativas às acções não atribuídas serão devolvidas a partir do dia 8 de Outubro de 1973.
12. ADMISSÃO A COTAÇÃO DA BOLSA DE VALORES Logo após a troca das cautelares pelos títulos definitivos, será requerida a admissão à cotação na Bolsa de todas as acções representativas do capital social.
13. APRESENTAÇÃO DE ACCÕES PELOS ACTUAIS ACCIONISTAS As actuais acções devem ser apresentadas para aposição do carimbo comprovativo do direito de preferência.
14. PROSPECTO ELUCIDATIVO Será distribuído nos locais da subscrição.
15. IDENTIFICAÇÃO DOS SUBSCRITORES Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à respectiva identificação.

DESPORTO

A FOTO DA SEMANA

O lema dos jogos da nona temporada da Liga Federal do Futebol Alemão, que começou há poucos dias, disputada entre os melhores clubes da República Federal da Alemanha, é «Entusiasmo com Performance e Técnica». Por causa da constante diminuição dos espectadores nos campos de futebol e a consequente redução das rendas nas últimas temporadas, os clubes ficaram alarmados e, por si, tomaram a resolução: As realizações têm que ser melhores e os jogos mais interessantes! O início desta temporada, que terá o seu ponto culminante no Campeonato Mundial de Futebol (a ser disputado em nove cidades alemãs) foi promissor:



José António Arsenio: a partir de anteontem o número dois no futebol o Sporting

um total de 202.000 espectadores compareceram aos nove primeiros jogos e, quase em todos os estádios, viram um futebol empolgante. Com umas cenas dramáticas (como mostra a foto acima) no

jogo entre o 1. FC Kaiserslautern e o Werder Bremen. Na foto: o guarda-redes do 1. FC Kaiserslautern em plena acção. Uma imagem que poderia servir para cartaz.

NO "ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA": UM ALICIANTE CONVITE À JUVENTUDE

O Lisboa Clube Rio de Janeiro, que à causa da educação infantil tem dedicado muito do seu laborioso passado e grande quota-parte do seu interesse, está a divulgar um amplo (e enaltecedor) plano de actividade para o ano corrente, estrabado no facto de 1973 ser o «Ano Internacional da Criança».

Em folhetos largamente difundidos, que convidam às práticas desportivas na meninice, Lisboa Clube Rio de Janeiro (Rua da Atalaia, 120, em Lisboa) cita, em pormenor, os «Direitos da Criança» incluídos na famosa declaração universal datada de 20 de Novembro de 1959. Eis (para recordar) o seu teor: «A criança deve gozar de protecção especial e ter oportunidades e facilidades para desenvolver-se de maneira sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade.

A criança tem direito, desde que nasce, a um nome e a uma nacionalidade.

A criança deve beneficiar da segurança social.

A criança tem direito a alimentação adequada, a alojamento, a distrações e a cuidados médicos.

A criança física e mentalmente diminuída, ou socialmente desfavorecida deve receber o tratamento, a educação e os

cuidados especiais que o seu estado e situação exigem.

A criança tem necessidade de amor e compreensão para o desabrochar harmonioso da sua personalidade.

A Sociedade e os poderes públicos têm o dever de tomar um cuidado especial em relação às crianças sem família ou as que não têm meios de subsistência suficientes. E desejável que sejam facultados às famílias numerosas alojamentos do Estado ou outros para o cuidado das crianças.

A criança tem direito a uma educação que deve ser gratuita e obrigatória pelo menos ao nível elementar.

Deve beneficiar duma educação que contribua para a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de classes desenvolver as suas faculdades, opiniões pessoais, sentido das responsabilidades morais e sociais e de se tornar um membro útil à sociedade.

A criança em tempo de perigo deve estar entre os primeiros a receber protecção e socorros.

A criança deve ser protegida de todas as formas de negligência, crueldade ou exploração.

A criança não deve trabalhar antes de ter atingido a idade mínima apropriada, não deve em nenhum caso ser constrangida ou autorizada a aceitar uma ocupação ou emprego que prejudique a sua saúde ou a sua educação e entrave o seu desenvolvimento físico, mental e moral.

A criança deve ser protegida contra as práticas que possam levar à discriminação racial, a discriminação religiosa ou a qualquer outra forma de discriminação.

Deve ser educada num espírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e no sentimento que lhe é próprio de consagrar a sua energia e o seu talento ao serviço dos seus semelhantes.

Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem nenhuma excepção e sem distinção ou discriminação fundadas na raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, fortuna, nascimento, ou sobre qualquer outra situação, quer se aplique à própria criança ou à sua família.

O convite é, portanto, aliciente: a Ginástica (por exemplo) espera pelas crianças portuguesas.

ANGRA DO HEROISMO TENTA NOVAMENTE QUE SE ABRACEM OS CLUBES DESAVINDOS

Agora que o Sporting tem nova orientação e a equipa directiva do Benfica (moderna e eficiente) está totalmente virada ao futuro, vem a talhe de foice o assunto que nos é apresentado pelo dr. José Mendonça, delegado efectivo da Associação de Futebol de Angra do Heroísmo no Congresso federativo.

O dr. José Mendonça, num dos últimos conclaves, foi autor de uma das poucas inquirições realmente curiosas, e válidas e actuais: perguntou ao dr. Leite de Faria (tal como oportunamente relatámos) em que pé se encontravam as «demarches» para tentar a congregação dos clubes desportivos desavindos.

A pergunta ficou, praticamente, no ar: o dr. Leite de Faria não se recordava do estado das conversações e, segundo ele próprio salientou, alguma coisa foi tentado mas pouco caminho se percorrerá.

Agora é o dr. José Mendonça quem, muito acisadamente, nos vem recordar o problema, remetendo a cópia do documento que serviu, em Congresso, para abordar um caso bem mais importante (e desportivo) que os muitos outros que só ascendem até ao segundo andar da Praça da Alegria em anos de promoções eleicoeiras.

Recordemos, portanto, como foi o documento-base remetido por Angra do Heroísmo ao Congresso e assinado pelo dr. José Mendonça, nos seus passos mais destacados, já agora à espera que a situação de impasse ande para cá ou para lá...

«Julgo que ninguém poderá dizer, conscientemente, que cumpre as normas de conduta desportiva se não pautar a sua orientação pela obrigação de cooperar.

«Na realidade, assim como os homens que constituem a Nação são solidários e unidos pela interdependência social, assim os que servem o futebol devem sentir-se ligados pela solidariedade desportiva.

«E o Congresso, porque se trata de uma questão fundamental de prestígio, interno e externo, em meu entender deve dedicar-lhe todo o seu carinho, para que a nova época já possa decorrer num ambiente de sã desportivismo, de que os clubes serão os primeiros beneficiados.

«Nestas circunstâncias, tenho a honra de propor que a citada Comissão passe a ser presidida pelo sr. dr. Augusto Leite de Faria, que reúne todas as condições de prestígio, dedicação pelo futebol e firmeza de ânimo necessárias para abrir caminho ao êxito das diligências que se torna mister efectuar, deixando, também, de fazer parte dela os Presidentes do Congresso e da Direcção anteriores.

«Cumpram-me, outrossim, deixar expressa a minha convicção de que o sr. presidente do Congresso encontrará nesta importante tarefa um aliado poderoso no presidente da Direcção, sr. Casal-Ribeiro, que já tem afirmado várias vezes e em vários locais, inclusive na Assembleia Nacional, o seu idealismo e a sua vontade de, com o coração aberto, como, aliás, lhe impõe a elevada posição que ocupa no dirigismo desportivo e político do País, ir ao encontro de todas as boas vontades, para que se dê, finalmente, um impulso forte e bem dirigido ao Desporto nacional, que todos dizem amar e servir.

«Igualmente quero frisar que o sr. presidente do Congresso encontrará, com dúvida alguma, no Director-Tesoureiro, sr. dr. José de Matos Correia (individualidade que pôs de há muito todo o seu enorme prestígio ao serviço da nobre causa da pacificação do futebol nacional) o maior apoio possível e o qual, conforme afirmado pelo saudoso presidente do Conselho Superior de Justiça, dr. Emílio Beirão Pires da Cruz, é um desportista que pode ser considerado como «personna grata» de todas as colectividades desportivas e que até poderia ter sido escolhido para presidir à Comissão de bons officios designada pelo Congresso de 17 de Dezembro de 1966.

«Proponho que as despesas com a deslocação dos membros da Comissão corram por conta da Federação. Mais proponho que desta proposta e da resolução que sobre ela venha a ser tomada seja dado conhecimento ao sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa.

Este documento tem uma data: 31 de Agosto de 1968. Até agora, nem novas nem mandados...

O TEXTO

«Em 17 de Setembro de 1966 (em sequência de uma iniciativa semelhante tomada em 14 de Janeiro de 1961, aquando da realização dos Jogos Desportivos do Mundo Português), tive a honra de propor ao Congresso a nomeação de uma Comissão para tentar o reatamento das relações entre os clubes desavindos, tendo a proposta sido aprovada por unanimidade.

«Como presidente da Comissão foi designada a figura prestigiosa do sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa. Este meu ilustríssimo amigo comunicou-me, em determinada altura, e teve a gentileza de o fazer por escrito, que em face de um inquérito particular a que procedera lhe parecia que o momento não era então propício a conseguir-se o resultado que se pretendia, o que muito sinceramente lamentava.

«Ora, pelo conhecimento que possuo das condições actuais, parece-me chegada a oportunidade da Comissão iniciar uma acção decidida e entusiástica de apaziguamento, anulando-se de uma vez para sempre os ressentimentos originados em factores mais ou menos envelhecidos e descoloridos pelo efeito implacável do tempo) que têm impedido a resolução deste ponderoso assunto.

«Não me parece que possam subsistir indefinidamente tantas incompreensões, sendo indispensável que cada um fale com clareza e assumam as suas responsabilidades no complicativo e desprestigiante estado de coisas actuais.



ESTALEIRO DO BENFICA

Este quarteto dava, certamente, para fazer a felicidade de qualquer treinador. Não obstante, Eusébio, Jaime Graça, Diamantino e Toni (que se treinam na Luz na companhia de Fernando Cabrita) ficaram de fora, não seguiram viagem para o Norte nem defrontam o Boavista na primeira jornada do Campeonato.

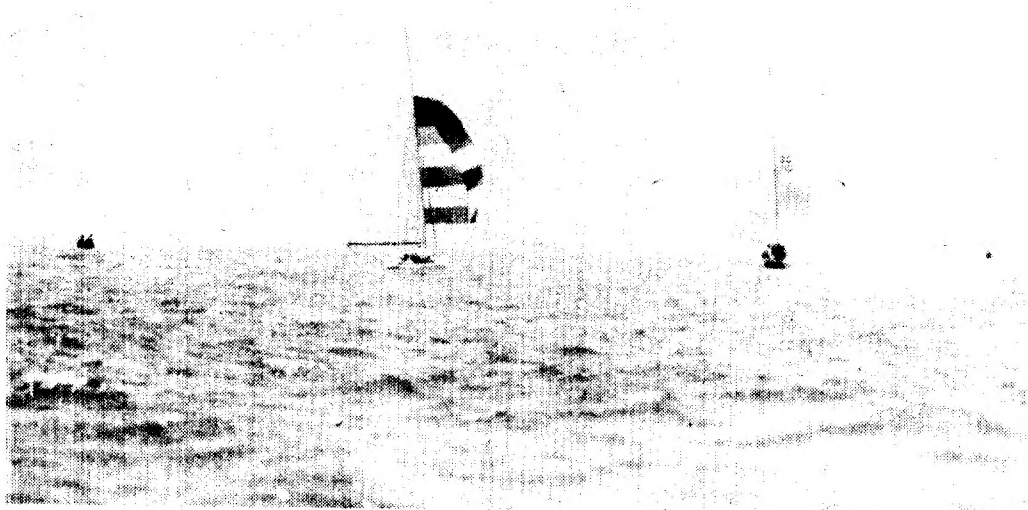
Mas não são só estes os impossibilitados do Benfica. Por

um motivo ou outro, por lesões ou abaixamento de forma técnica o grupo que inicia o campeonato representando os campeões nacionais está algo distante da sua máxima força. Em Lisboa ficaram ainda Vitor Baptista (recentemente operado) e Jordão (sem treinar por motivos de serviço militar). O que, diga-se, são baixas demais para um princípio de época.

Apesar destes contratempos estamos certos que poucos dos

adeptos do futebol deixarão de atribuir um favoritismo quase indiscutível à turma treinada pelo britânico Jimmy Hagan. Na

hora em que começa o campeonato e após três anos consecutivos de triunfos o Benfica vê na sua frente a possibilidade nunca alcançada de somar quatro campeonatos seguidos com vitória, feito até hoje só conseguido pelos «violinos» dos bons tempos do Sporting.



Alhandra põe velas no Tejo



Um triângulo sobre as águas

mo dia 22, competição aberta a todas as classes filiadas na Federação Portuguesa de Vela, estando marcado para o dia seguinte o «VI Cruzeiro do Tejo», igualmente aberto a todas as classes filiadas na Federação. Simultaneamente com esta prova (ou logo após a sua largada) terá início a prova «Natação no Tejo», organizada de colaboração com o Núcleo de Desporto Juvenil do «Alhandra».

O Alhandra Sporting Clube está a completar 25 anos de actividade. Foi em 1948 que tudo começou. Vinte e cinco anos são passados. «Vividos! Mãos de pais e de filhos a darem-se para, num esforço constante e consciente, levarem por diante os sublimes designios dos que, com coragem e esperança, deram começo à Secção de Vela do Alhandra Sporting Club! Exemplo que não deixará de furtificar na geração que anela por melhores momentos, sempre com fé na justiça e na boa compreensão dos homens.

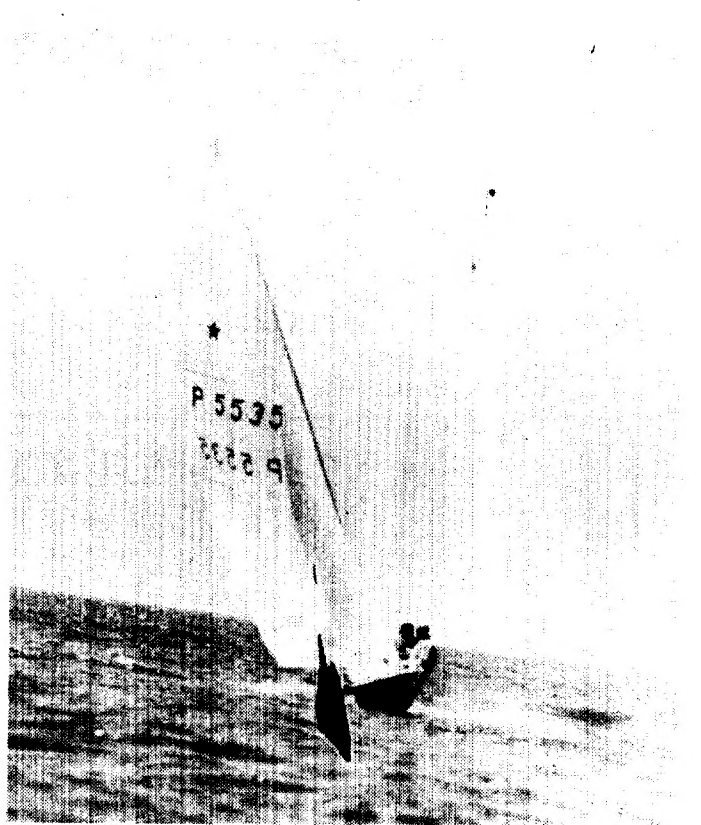
Assim, continuará, bela e útil, a ideia de 1948!

Ao comemorar o 25.º Aniversário da Secção a Comissão Executiva rende grata homenagem aos seus Fundadores e saudavelmente os Consócios e os valorosos Velejadores que honrosa fama conquistaram para o Clube e para terra querida que lhe deu o nome.

Com a maior gratidão, agradece o apoio recebido das Direcções do «Alhandra», o auxílio precioso concedido pelo Comércio e Indústrias locais, pela Câmara Municipal e diversas Entidades Oficiais — Fundo de Fomento do Desporto, Federação Portuguesa de Vela, Administração Geral do Porto de Lisboa, Governo Civil de Lisboa — e por tantos e tantos queridos amigos que lhe deram a sua inestimável colaboração.

Numa saudação evoca (com o devido reconhecimento) todos os clubes com os quais a luta que travaram foi sempre «luta sem ódio, sem paixão, sempre dominada pela incerteza de vencer ou ser vencido, sempre dominado pela lealdade, pela razão pela beleza e pela amizade».

Ao tornarmos pública a mensagem dirigida a todos os «alhandrenses», estamos a saudar, nas pessoas que constituem o elenco directivo do clube, a prestimosa agremiação que tanto tem contribuído para que, na zona ribeirinha vizinha de Lisboa, as águas do Tejo sejam aproveitadas para a prática desportiva. E não estejam inertes, paradas, mortas



SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO ESTOFOS, CARPETES E TAPETES

PASSADEIRAS C/ LARG.^{AS} 0,50 A 1,00, TAPETES E CARPETES C/ GRANDE VARIEDADE DE CORES E MEDIDAS, Tecidos para Estofos e Decorações, grande sortido, artigos s/ defeitos, em peça desde 25\$00 e muitos retalhos de DAMASCOS, SEDAS, GORGORÕES, REPS, etc., desde 5\$00

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador)
ESQUINA DA RUA DA PRATA

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS SECRETARIA DE ESTADO DO URBANISMO E HABITAÇÃO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE 48 HABITAÇÕES NO FOGUETEIRO-SEIXAL

Em referência ao Anúncio publicado no «Diário do Governo» n.º 195, de 21 de Agosto de 1973, relativo ao Concurso acima designado, informa-se que o Acto Público do Concurso se realizará pelas 15 horas e 30 minutos do dia 21 de Setembro de 1973, devendo as propostas dar entrada no Fundo de Fomento da Habitação—Repartição Administrativa até às 17.00 horas do dia 20 de Setembro, ou até uma hora antes do acto do concurso se forem enviadas pelo correio, sob registo.

Faz-se notar que o Acto Público do Concurso se realizará na Direcção dos Serviços de Obras, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-8.º andar em Lisboa.

Fundo de Fomento da Habitação, em 5 de Setembro de 1973.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Tomás Ritto (Engenheiro)

OS SALDOS DOS



Tecidos
Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM **SÓ ATÉ DIA 15**

VESTIDOS PARA SENHORA

SEDA, ALGODÃO E EM MALHA, AO PREÇO ÚNICO DE 90\$00

CAMISAS PARA CRIANÇA

67% POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO) APENAS POR 40\$00

ROUPÕES P/ CRIANÇA

EM TURCO

APENAS POR 25\$00

CALÇAS P/ SR.º e HOMEM

AO PREÇO ÚNICO

DE 100\$00

E TAMBÉM AINDA MILHARES DE PEÇAS DE MALHA PARA HOMEM E SENHORA AOS PREÇOS DE 60\$00 E 75\$00

— VISITE-NOS E CONFRONTE —

POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO VALOR

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

DOMINGO À NOITE

Programa gravado no Teatro Maria Matos com cenografia de Eduardo Lemos e realização de Victor Manuel

2.º Programa (22.00)

ANTOLOGIA

«Todos os dias são de festa»

Com interpretações de Mae West e Edmund Lowe realização de A. Edward Sutherland

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo

13.15 Expedição

13.45 Telejornal — 1.ª Edição

14.00 Danças e cantares

14.25 Eurovisão-Campeonato da Europa de Atletismo

17.15 Tarde de cinema «Ginger»

18.30 Torneio Internacional de Ténis do Estoril em Juniores

19.30 Telejornal — 2.ª Edição

19.40 Circo

20.00 TV 7

21.00 «As Solteironas»

21.30 Telejornal — 3.ª Edição

22.00 Domingo à noite

23.15 Domingo Desportivo

00.00 Telejornal — 4.ª Edição

00.05 Meditação e fecho

2.º PROGRAMA

19.30 Abertura e Eurovisão-Campeonato do Mundo de Natação

21.30 Telejornal-3.ª Edição

22.00 Antologia

23.15 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados

13.00 Feminino singular

13.15 A Família Partridge

13.45 Telejornal-1.ª Edição

14.00 Vivendo o futuro

14.25 Logo à noite

14.30 Fecho

2.º Período

19.30 Telejornal - 2.ª Edição

19.45 TV Juvenil

20.05 Momento Desportivo

20.25 Portugal além da Europa

20.55 Folhetim - «Está Livre?»

21.30 Telejornal - 3.ª Edição

20.55 Vivendo o futuro

23.40 Telejornal - 4.ª Edição

23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e A Família Partridge

20.55 Vivendo o futuro

21.10 Desenhos animados

21.30 Telejornal - 3.ª Edição

22.00 Museu do cinema

23.20 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6222

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado excepto no Litoral a sul do Tejo e n Algarve onde estaa pouco nublado ou limpo, o vento era fraco predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	15º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	19º
FARO	18º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira	
Máxima	28,5º
Minima	6,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	21,5º
Atmosfera	17,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.03	3.4 m
14.18	3.6 m
	20.06
	1.2 m
	DIA 10
2.42	3.5 m
14.56	3.8 m
	20.39
	1.0 m

DIA 11

3.17	3.7 m	8.50	1.0 m
15.31	3.9 m	21.11	0.9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco soprando m regime de norada moderado de Noroeste para o fim da tarde e principio da noite no Litoral Oeste entre o Cabo Carvoeiro e Sagres; formação de neblina ou nevoeiro na Faixa Costeira ocidental para norte do Cabo da Roca.

AMANHÃ

NAScer AS 7.13
OCASO AS 19.53



EMISSORA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva: Rádio desporto — Futebol: Relato e informações dos jogos da 1.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Actualidade desportiva

18.30 Música sem palavras

19.10 Música da Europa

20.00 Rádio sonoro

21.00 Rádio desporto

21.30 Variedades (ERN)

22.00 Teatro das comédias: «noites de Veneza», de A. Mussel

22.35 Música portuguesa

23.05 Sol e toiros

23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia

00.30 Diário Sonoro

00.45 De um dia para o outro

02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LX

23.00 Rádio universidade

00.00 Junção com o 1.º programa

2.º PROGRAMA

16.00 Noticiário-Onda musical

18.30 Concerto de Domingo-Inter-câmbio Musical

20.00 Rádio sonoro

20.30 As grandes figuras do mundo português — pelo Dr. Caldeira Pais

21.00 Recital de violino e piano, por Leonor de Souza Prado e Olga Prats — Obras de Beethoven e F. Schubert

21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão

23.00 Emissão em linguas estrangeiras

01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

MF2

15.30 Trio em Lá Menor, de Ravel

16.00 3.º e 4.º Actos da ópera «Werther» de Massenet

16.53 Quinteto em Si menor, op. 115 (Brahms)

17.30 Sinfonia n.º 54, em Sol Maior de Haydn

18.00 Momentos musicais, op. 94 (Schubert)

18.30 Junção (com o 2.º programa)

21.00 Música ligeira variada

22.00 Oratória «Judite Trinfante» de Valdi

00.03 Quinteto em Fá Menor (César Franck)

00.40 Um dia de verão, op. 65 (obra de 1941) (Prokofiev)

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário

16.04 Tarde Desportiva

18.00 Chave do totobola

18.30 Meia hora depois

19.03 Formula 1

19.30 Vedetas e canções

20.00/21.00 «Rádio 73»

20.30 De sete em sete dias

20.45 Música para o seu jantar

21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»

21.30 Quando o telefone toca

22.05 Antiquário

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas

23.19 Tempo de ritmo

23.30 No mundo aconteceu

02.00 A noite é nossa

06.00 Diário rural

07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.00 Noticiário

16.04 Plexus

18.00 Chave do totobola

18.02 O nosso programa

19.04 Vértice

21.03 Boa noite em FM

22.02 Programa à Gô-Gô

00.02 Em Órbita-dois

10.02 Banda sonora Sonipol

20.00 Perspectivas

03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

16.00 Noticiário

16.04 Tarde de Oriva

18.02/21.00 Norte dia a dia — Ed. De-

portiva

21.02/24.00 Genérico

21.04 Viagens na nossa terra

22.00 A voz da esperança

22.02 O arauto da verdade

22.16 A hora do templo

22.30 Em destaque

23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário

17.30 Camarada

18.03 Zona Azul-Programa de Automo-

bilismo

18.24 Boletim litúrgico

18.25 Terço e missa vespertina da

Basílica dos Mártires

20.05 Zona Verde-espaço ocupado pe-

la família

20.35 Intervalo

20.55 Meditando

21.05 Suplemento especial

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Programa dos sócios

23.05 A 23.ª hora

Terminais de Serviço

LISBOA

TURNO A-2
(ATÉ AS 22 HORAS)

ALCANTARA
Beirão, R. Prior do Crato, 25 (T. 661321)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 711780); Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466)

AMOREIRAS
Britânica, T. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)

ANJOS
Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)

AREIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 726860)

AV. NOVAS
BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascensão, P. do Norte, 11 (T. 311216)

BAIXA
Teixeira Lopes, R. Azeite, 154 (T. 3248160)

BENFICA
Alegria, E. de Benfca, 180-A (T. 780511); Lavinha, R. eng. Paulo de Barros, à R. Casquinha, 28-A (T. 708242)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de S. Apolónia, 90 (T. 847019)

CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saravia de Carvalho, 145-F (T. 663643)

CAMPOLIDE
Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610)

CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T. 382241)

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da República, 74-A (T. 771379)

ESTEFANIA
Mundial, L. D. Estefânia, 10 (T. 45578)

LAPA
Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)

LUMIAR
Douro, Al. Linhas de Torres, 93-A (T. 791131)

PICOAS
Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (T. 553468)

SANTA APOLÓNIA
(ver Caminhos de Ferro)

SANTA MARTA
Fernandes, R. de S. José, 187 (T. 326476)

SANTO AMARO
Bicifar, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (T. 48642)

TURNO A-1
(TODA A NOITE)

AJUDA
Moura, T. Memória, 55 (T. 630944)

ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, -A (T. 725140)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (T. 821653)

AREIRO
Garantia, Av. P. Manuel da Nobrega, 5-A (T. 727300)

AV. NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043); Delfino, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 45225)

BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 227284)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B. 75-A (T. 683694)

BAIXA
Oliveira, R. da Praia, 240 (T. 321415)

BENFICA
União, E. de Benfca, 592 (T. 700092)

CAMPO DE OURIQUE
Lobos, R. Infante D. D. 13, 98-E (T. 688807)

CASTELO
Zilar, R. de S. Tomé, 54 (T. 862835)

CHILE

Veral, R. Morais Soares, 109 (T. 821732)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Inf. Santo, 66-B (T. 666971)

LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 75 (T. 790480)

OLIVAIS
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)

PICHELEIRA
Luzmar, R. Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)

POÇO DO BISPO
Freitas, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)

REGO
Baptista, R. Francisco Tomaz da Costa, 3-C (T. 771873)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625)

SÃO BENTO
Castro, R. de S. Bento, 199-A (T. 660513)

Linha de Cascais

ALGÉS
Almeida Niro, Av. Comb. G. Guerra, 64 (T. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Alcantara Guerreiro, B.º Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (T. 2430691)

PAREDE
Macau, R. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (T. 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214)

Linha de Sintra

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (T. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboreira (T. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Araújo e Sá

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA
Marráz, L. Rainha D. Amélia, 20 (T. 980155)

COLARES
Abreja, (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)

ALMADA
Cristo rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (T. 224141)

BARREIRO

Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141)

COVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)

SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocado (T. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73. Contumil, Rua de Contumil, 540. Guerra, Rua Costa Cabral, 43. Guimarães, Rua de Francisco, 37. Lemos e Filhos, Lda. Pr. de Carlos Alberto, 31. Liga Ass. Soc. Mútuas, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A. Moreno, Lda., Largo de S. Domingos, 44. S. Níl, Rua do Paraíso, 214. Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645. Vasques, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO J

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767); Sítia, Largo da Sé Velha 13-14 (T. 23234); Luciano e Matos, R. da Sofia, 7-11 (T. 22147)

Cinemas

cinemas

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
11.ª semana! Technicolor. Duatin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente).

S. JORGE (Tel. 54154 - 54153)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Um enigma para a Scotland Yard! «O SELO DOURADO» com James Booth e Francesca Annis.

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana «LIÇÃO PARTICULAR» Com Nathalie Delon

ROYAL (Tel. 865037)
As 15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«A NOIVA» com António Prieto e «TARZAN E OS PIRATAS»

ODEON (Tel. 326263)
15.15-18.15-21.15
(Grupo C - 14 anos)
Sara Montiel no seu filme mais sensacional «A RAINHA DO CHANTECLER» Amou e pecou. Foi glória no teatro e escrava da boémia dourada de Madrid. Lindas canções.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B - 10 anos)
Eastmancolor - Enrico Montesano e ALIGHIERO Nosghese «COM OS OLHOS TORTOS DE MEDO»

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana
Da mulher objecto à mulher pessoa. Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA».
Sanco Bar Pub «The Flag». O melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Technicolor.
4.ª Semana
São jovens... amam-se... e matam! «BONNIE E CLYDE» com Warren Beatty e Faye Dunaway.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos) Technicolor.
2.ª Semana.
«O MAGNIFICO ROBIN WOOD» com George Martin e Sheila Robin.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
Color. Jackie Gleason e Estelle Parsons «NAO METAS AGUA»

IMPERIO (Tel. 551345)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo D (18 anos)
Color. 10.ª semana! Anne Bancroft Dustin Hoffman e Katharine Ross «A PRIMEIRA NOITE» (Metro: Alameda)

CINEARTE (Tel. 660446)
Encerrado temporariamente para re-
feticiações

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Alain Delon e Monica Vitti em «O ECLIPSE»

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.00-17.00-19.00-21.45-00.15
(Grupo D - 18 anos)
Adrian Bogdan e Marcel Berteau «A APAIXONADA» Colorido

ESTÚDIO (Tel. 55310)
15.00-17.00-19.00-21.45-00.15
A polémica obra-prima de Glauber Rocha «ANTONIO DAS MORTES» (Grupo D - 18 anos)
(Metro - Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 551310)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos) Cor de Luxe.
16.ª semana! 3 Oscars. 8 Prémios Internacionais «UM VIOLINO NO TELHADO»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
33.ª semana
«CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINI-TA» c. Terence Hill e Bud Spencer

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Maiores de 6 anos 6.ª semana «OS MALUCOS DA CASERNA» Eastmancolor
às 18.30
(Grupo A - 6 anos)
«PIPI DAS MEIAS ALTAS»

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)
4.ª Semana com um filme de Hol Ashby «ENSINA-ME A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cr.

Hoje às 24.00 horas. Série Negra-
Grupo d (18 anos) «QUE IMPORTA MORRER» com Kirk Douglas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana!
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Eastlancolor: Par-
que Castil)

RESTELO (Tel. 60475)
21.30
Grupo D (18 anos)
5.ª semana em continuação do
estreia «OS REVOLTADOS DO CANO»

CASINO ESTORIL (Tel. 264662)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo B (10 anos) Cinemascope-
Technicolor.
«A PONTE DO RIO KWAI» com
Alec Guinness e William Holden.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
Ele seduziu as mais belas mulhe-
res e depois... Richar Burton e
«BARBA AZUL»

MUNDIAL (Tel. 538473)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Panavision-
Technicolor.
Tom Tryon, Romy Shneider e Ca-
rol Linley em «O CARDEAL»
(ar condicionado)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
3.ª Semana com o novo fenómeno
do filme em acção Bruce Lee e
«O IMPLACÁVEL BIG BOSS»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor. Um autêntico acelera-
dor de malandrice, mas... «CUIDADO
COM AS CURVAS»

Cinemas de Pedra Branca

LISBOA/Teatros

CASCAIS
CIA Ruth Escolar
18 anos
«Cemitério de Automóveis»

VARIÉDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Um padre à italiana»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Que medo, senhor Alfredo»

VASCO SANTANA
21.45 (14 anos)
«Cândido»

COMUNA
Teatro de Pesquisa
21.45 (14 anos)
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Roma de Felini»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«Capitão, Dito o Africano»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«O Pirata do Rei» e «Sob
o fogo da metralha»

PROMOTORA

21.30 (18 anos)
«O regresso da Casta Susana»

CINE-MOSCAVIDE

21.00 (14 anos)
«O seu nome era Espirito Santo»

ODIVELAS

Musical Odivelense
21.30 (18 anos)
«O Mecânico»

ALHANDRA

Salvador Marques
21.15 (18 anos)
«Caiu uma Garota na Minha
Sopa»

Linha de Cascais

ALGÉS
Salaadum
21.30 (18 anos)
«O Ladrão veio para jantar»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (10 anos)
«Dom Camilo e os jovens de
hoje»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«Matar ou não matar»

ESTORIL

Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (10 anos)
«A Ponte do Rio Kwai»

Palácio

21.30 (18 anos)
«Tiro de escape»

Esplanada

21.30 (18 anos)
«Roma de Fellini»

CASCAIS

S. José
21.30 (14 anos)
«Visita inesperada»

Linha de Sintra

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Os abutres têm fome»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Zapala»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Tesouro dos Incas»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«A Túnica»

BATALHA

15.00 21.30 (18 anos)
«A vingança do Dragão Negro»

COLISEU

21.30 (10 anos)
«Sonhos de um velho mari-
NHEIRO»

ESTUDIO

21.30 (6 anos)
«Alice no País das fadas»

PASSOS MANUEL

21.30 (14 anos)
«A luz do Sol»

RIVOLI

21.30 (10 anos)
«O Expresso de Van Ryan»

OLIMPIA

21.30 (14 anos)
«Os aventureiros de Santa
Trinitá»

S. JOÃO

15.30 e 21.30 (18 anos)
«A Piscina»

JULIO DINIS

21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me
Trinitá»

AGUIA D'OURO

21.30 (18 anos)
«Big Boss» rebelde»

VALE FORMOSO

15.30 (14 anos)
«O Invencível»

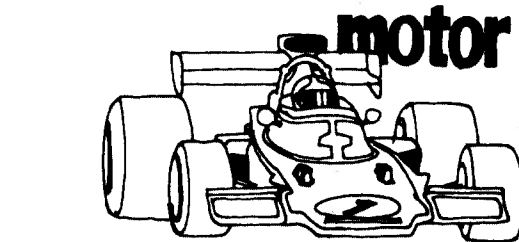
Exposições

BELAS-ARTES — Exposição per-
manente da organização da Socieda-
de Nacional de Belas-Artes (das 14
às 20 h.)

ARCADAS DO PARQUE — Pinturas
de Juliet Wilson (das 10 às 22 h.)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) —
Esculturas de Benjamim Luis Lopes
(das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL — Pinturas de
Montoro Poza (das 15 às 3 h.)



BARS BOITES

Restaurants Night

DANCINGS

ESPADARTE CLUB — Sesimbra Dis-
coteca c/ peq. progr. de fados e
musica de folclore às 2.ªs, 3.ªs,
4.ªs e 6.ªs. Encerrado aos domi-
gos. Tel. 229189.

NINA — Dancing com atrações. Rua
Paiva de Andrade, 7-13. Telef.
34859-365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autoriza-
do. Variedades internacionais. Te-
lefonos 26461, 264526, 264596,
264621 e 264946.

HIPOPOTAMO — Com Heider Reis
Encerra aos domingos. Av. António
Augusto de Aguiar, 5-A. Telef.
48384.

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia
Silva, hoje e sempre. Largo Trinda-
de Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos
domingos. Telef. 320164.

TAMILA — Marão e s. conjunto. Ma-
tinées todos os dias. Encerra aos
domingos. Avenida Duque de Lou-
lé, 69. Telef. 534117.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica
constante. Aberto até às 5 h. da
madrugada. Rua Rodrigues Sam-
paio, 34. Telef. 561422. (Ar condi-
cionado).

CACO — Dancing com música am-
biente, com singular quarteto. Rua
Camilo Castelo Branco, 23-A.



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2 - 3 - 4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

AUTO-ELECTRIFICAÇÃO NOS AÇORES

RIBEIRINHA, ILHA DO PICO, 9 (ANI) — A população da Ribeirinha do Pico reuniu capitais, para o que contribuíram alguns ribeirenses fixados nos Estados Unidos, a fim de dotar a freguesia de iluminação e eléctrica.

Procederam à montagem o padre Manuel Silveira Brasil, pároco da Urzelina, na vizinha ilha de São Jorge, e dois electricistas daquela mesma ilha.

A Ribeirinha terá, assim, brevemente, luz eléctrica em todas as suas ruas e em cento e quarenta e três casas de habitação.

Comentando o acontecimento, o semanário piceense «O Dever» escreveu: «É mais uma localidade que se promove pelos seus próprios meios, tomando a iniciativa de reunir capitais e de fazer a instalação eléctrica por que esperava há tantos anos».

DR. JOAQUIM MANSO

Passando mais um aniversário — o 17.º — da morte do dr. Joaquim Manso, fundador e director, até à morte, do «Diário de Lisboa», cujo rumo marcou decisivamente com o seu espírito liberal e independente, é amanhã rezada missa,

na Igreja dos Mártires, em sua intenção. O acto religioso, mandado celebrar pela família do nosso saudoso director e pelo conselho de administração da Renascença Gráfica, terá lugar pelas 12 e 30.

PORTUGAL MAIS DEMOCRÁTICO NA DÉCADA DE 1980

**Garantiu numa entrevista o Secretário
de Estado SILVA PINTO**

«No início da década de 1980 o meu país terá uma estrutura nitidamente mais democrática», afirma o dr. g Silva Pinto, secretário de Estado Português do Trabalho e Previdência, numa entrevista concedida à revista internacional «Intersocial».

O ministro considera que

este processo de democratização resultará do desenvolvimento do ensino, do aperfeiçoamento da segurança social, da política fiscal e da evolução dos salários, tudo no sentido de uma «renovação de concepções e de situações, renovação já atente, aliás, desde que o prof. Marcello Caetano assumiu a chefia do Governo, ou seja, desde fins de 1968».

«É evidente — acrescenta — que tal evolução não se processará sem oposições, incompreensões nem sobressaltos».

«Os países europeus não têm uma política de imigração definida, limitando-se a «realizações ocasionais em função de problemas postos pela economia e pelas empresas», afirma também na entrevista o dr. Silva Pinto, que critica os países europeus que utilizam trabalha-

dores imigrados por não se preocuparem, de uma maneira geral, com a sua formação e a sua protecção. Em sua opinião, o objectivo económico predomina em países como a Alemanha e a Suíça, ao passo que o objectivo demográfico é mais característico em França. Nos últimos anos, os portugueses optaram de preferência pela França, mas a atracção de salários superiores na Alemanha tende a modificar a corrente migratória a favor deste país.

O dr. Silva Pinto considera que um aspecto positivo do acordo concluído com a França é permitir aos trabalhadores portugueses e aos seus familiares o acesso aos centros públicos de formação profissional. Foi, porém, com o Luxemburgo que o Governo de Lisboa firmou o acordo mais vantajoso para os trabalhadores portugueses.

EXTERNATOS

Preparatório — Liceal

CRISFAL

Av. da República, 83 e 52

Telefs.: 779047/769620

LONDRES

8 DIAS

DE 24 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO

Esc. 3.490\$

AVIAO • HOTEL DE LUXO •

PEQUENOS ALMOÇOS • VISITA DA CIDADE

INSCRIÇÕES ATÉ 10 DE SETEMBRO

VIAGENS RAWES

LISBOA Correspondência R Bernardino Costa 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo 15 Tel 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar 72 Tel 23195/6

**ROMANO
SALDOS**

RESTO DE COLECCOES

RUA AUGUSTA, 216/218

VINTE E CINCO ANOS DE TITISMO

Continuação da pag. 1

de declarações contraditórias. Podem distinguir-se quatro fases durante as quais o titismo se fez e, por vezes, se desfez consoante a música que se ouviu na Jugoslávia.

1) 1948-1953: A mão estendida a Oeste

Logo após a condenação de Kominform, os dirigentes de Belgrado asseguram que em nada modificarão a sua atitude. Em 20 de Fevereiro de 1950, o marechal proclama: «Não cederemos mais diante do Oeste do que diante do Leste». Não obstante, ele tem de constatar que a única ameaça verdadeira para ele vem do Leste. O Governo de Moscovo não declarou, em 13 de Agosto de 1949: «Que os povos jugoslavos sabem que o governo soviético considera o governo jugoslavo actual não como um amigo e um aliado, mas como um adversário e um inimigo»? Em contrapartida, os ocidentais propuseram tomar o lugar de exportadores soviéticos. Os

americanos acordaram um crédito de 20 milhões de dólares e os ingleses um empréstimo de 9 milhões de libras esterlinas. Em 23 de Dezembro de 1949, o Presidente Truman afirma que apoiará a Jugoslávia no caso dela ser atacada. Também, depois de ter hesitado um pouco, o marechal pede oficialmente, em 29 de Junho de 1951, a ajuda militar americana. Um mês mais tarde dirá: «O Ocidente não abandonará a Jugoslávia às mãos dos soviéticos».

O chefe do Partido Comunista Jugoslavo toma, por essa época, iniciativas que, hoje, parecem assombrosas. Não contente por denunciar a «agressão norte-coreana», considera a possibilidade de emprestar tropas ao exército que se bate sob a bandeira da ONU e sob a direcção de McArthur. Assina um pacto com a Grécia e a Turquia, deseja cooperar com a Itália. Pergunta-se mesmo se não vai aderir — sob condições — à Comunidade Europeia de Defesa, então violentamente condenada pelos progressistas ocidentais.

Pouco a pouco, deve, portanto, adaptar a doutrina às novas realidades e mostrar que o seu regime nada mais tem a ver com o estalinismo. A mudança é decidida no VI Congresso (Outubro de 1952): o partido transforma-se numa liga de comunistas que não pretende exercer já uma direcção minuciosa, contentando-se com o traçado das grandes orientações.

2) 1953-1955: A descoberta do não alinhamento

Todavia, o marechal tem uma certa repugnância em se ligar demasiado estreitamente com os capitalistas. Já no dia 1 de Novembro de 1951 havia dito: «É preciso tentar resolver os conflitos entre os dois blocos, e não criar um terceiro». A ameaça soviética impede-o, ainda, de desempenhar o papel de mediador ao qual aspira. O desaparecimento de Estaline liberta-o. Alguns dias depois da morte do ditador soviético, vai a Londres e aconselha Churchill a seguir de perto a evolução em Moscovo. Depois, (18 de Maio de 1953), dá parte das suas próprias preocupações: «Seria fatal se as grandes potências se pusessem de acordo em detrimento das pequenas».

Finalmente (9 de Julho), convide os ocidentais a aproveitar a oportunidade que se apresenta: «A ofensiva de paz soviética constitui uma verdadeira mudança da qual o Ocidente deve tirar partido para negociar».

Vai, então, esforçar-se por modificar o panorama internacional. Um tanto tranquilizado a Leste, pode permitir-se distender os laços que o unem ao Ocidente. Procura constituir o grupo de países que, ainda desprovidos de meios materiais, pretendem ocupar o seu lugar ao sol. Rejeita os rótulos de «neutralismo» ou de «não compromisso», que são moeda corrente: recusa ser neutro ou não comprometido. Em contrapartida, preconiza o não alinhamento aos blocos. Visita a Ásia em fins de 1954 e, depois, com Nheru e Nasser esforça-se por congregar o terceiro mundo, o que o leva a tomar uma posição militante nas batalhas contra o colonialismo.

Pode andar para a frente porque os novos chefes da U.R.S.S. o deixam tranquilo, decidem até fazer a paz com ele. A reconciliação é autenticada

em Belgrado em Maio-Junho de 1955, quando Kruchchev vem pedir perdão ao «querido camarada Tito» pelas faltas que Béria e Estaline cometeram.

3) 1956-1968: A aproximação com a U.R.S.S.

Os acontecimentos vão precipitar-se. No seu relatório secreto ao XX Congresso, em Fevereiro de 1956, Kruchchev denuncia os crimes de Estaline, após o que faz dissolver o Kominform. Tito saboreia a sua vingança. Não obstante, nos anos seguintes as relações soviético-jugoslavas serão muitas vezes tempestuosas. No fim de 1956, quando os povos da Polónia e da Hungria estão em efervescência, a U.R.S.S. quase acusa Tito de ter semeado a tempestade. As polémicas cruzam-se em 1956, quando os chineses censuram os jugoslavos de terem traído o marxismo. Kruchchev, que se esforça ainda por se manter em boas relações com Mao Tsé-Tung, mistura-se no concerto e suscita em toda a Europa oriental uma campanha contra o «revisionismo». Porém falta-lhe vontade. Os soviéticos sabem perfeitamente que são os primeiros visados pelas críticas dos maoístas endereçadas aos jugoslavos. De resto, a ofensiva anti titista termina quando é consumada a rotura Moscovo-Pequim (1961).

O marechal Tito vai mesmo desempenhar o papel de moderador junto dos comunistas que querem sacudir a tutela de Moscovo. Sugere-se aos romenos que conduzam com cautela a sua política de independência para não aborrecer os elementos mais «razoáveis» do Kremlin. Parece estabelecido um *modus vivendi*.

4) 1968-1973: Após a crise checoslovaca

A crise checoslovaca leva Tito a modificar uma vez mais as suas análises. Marcou de diversas maneiras o interesse que dedicava à experiência Dubcek. Não é verdade que ele pediu, em Maio de 1968, aos dirigentes soviéticos para deixarem desabrochar a «Primavera de Praga»? Não fez ele, uma dezena de dias antes da invasão, uma viagem triunfal na Checoslováquia? A intervenção do Pacto de Varsóvia oprime-o e inquieta-o. Os russos arrogam-se o direito de impor a sua concepção do socialismo. Fizeram em Praga aquilo que Estaline não ousara fazer em Belgrado. Todos os «heréticos», ou como tal considerados, não se sentem ameaçados? O marechal Tito organiza no seu país a defesa territorial. Procura novamente no Ocidente os concursos de que possa vir a ter necessidade. Aproxima-se mesmo dos seus irmãos inimigos — chineses e albaneses — que têm, também eles, algumas razões para se inquietar.

O alerta fora quente, mas não passara para ele de um alerta. Os jugoslavos enterram o machado de guerra depois de ter ouvido as explicações de Gromyko (1969) e, depois, de Brejnev. A desconfiança, no entanto, subsiste. Não suspeita Tito, por vezes, de que os soviéticos querem despedaçar o seu país depois da sua morte? Porém, tem outras preocupações. A reforma económica decidida em 1966 não deu to-

dos os resultados esperados: agravou mesmo as desigualdades sociais. A descentralização acelerou as tendências centrífugas: as repúblicas rejeitam cada vez mais abertamente a autoridade da Federação. Então, o marechal Tito faz destituir uma parte do pessoal dirigente que incarnava uma certa forma de titismo. Expulsa os «nacionalistas», os «liberais», os «tecnocratas».

Em 28 de Junho de 1948, o Kominform (Repartição de Informações dos Partidos Comunistas de França, de Itália e da maior parte dos países da Europa Oriental) publicava uma resolução «relativa à situação do Partido Comunista da Jugoslávia». Ali se dizia que Tito, até então considerado como um discípulo exemplar de Estaline, havia traído o marxismo. O texto convidava «as forças sãs do Partido Comunista Jugoslavo a impor uma nova linha à direcção».

Era praticamente um apelo à insurreição. Segundo o relatório secreto apresentado por Kruchchev em 1956, Estaline confiara, então, aos seus colaboradores: «Ser-me-á suficiente levantar o dedo mindinho e deixará de haver Tito; ele desmoronará-se-á». Porém, o acontecimento que parecia ainda inconcebível produziu-se. Todos os outros dirigentes que tinham entrado em conflito com Estaline haviam sido esmagados. Tito levantou o desafio e, campeão da independência, e obteve, nestas circunstâncias dramáticas, o apoio do seu povo. Ganhou, também, no exterior os concursos de que tinha necessidade. A prova de força ajustada por Jolias travou-se com vantagem para David.

No entanto, a U.R.S.S. e os seus amigos fizeram o impossível por abater o homem que Moscovo não hesitava, então, em comparar a Hitler. Em algumas semanas, a campanha antititista ganhou uma violência que presentemente mal se pode imaginar. Foram assassinados incidentes na fronteira com a Hungria. Todos os partidos comunistas se arrebataram em demonstrações da sua fidelidade a Estaline. Dominique Desanti, que era nessa época membro do Partido Comunista Francês, conta-nos aqui como foi mobilizado, juntamente com outros, nesta batalha contra o «renegado». Ela mostra-nos igualmente quanto foi penoso, em 1956, o despertar de militantes que se haviam associado à empresa sem se darem bem conta daquilo que tinham feito.

O acontecimento teve consequências trágicas na Europa Oriental. Houve dirigentes que foram julgados, obrigados a humilhar-se publicamente e executados sob o pretexto de terem cooperado numa vasta conspiração titista. Rajk, o húngaro, Kostov, o búlgaro, Djojé, o albanês, Slansky, o checoslovaco (este último, porém, acusado principalmente de actividades sionistas) foram, assim, sacrificados. Estaline considerava que eles eram demasiado independentes ou que poderiam vir a sê-lo. Portanto, eram titistas. Era preciso aniquilá-los para quebrar, ainda no ovo, qualquer tentativa de sisma, e estabelecer no campo comunista uma disciplina de ferro. Gomulka foi preso e pagaria com a vida o seu pretensão titismo, porém, os dirigentes polacos conseguiram ganhar tempo até à morte do ditador soviético...